

CAMILA BRAGA MEDINA

ANAS E MIAS:

SUBJETIVIDADE, CORPO E CUIDADO NOS *BLOGS* PRÓ-ANA E PRÓ-MIA

ECO/UFRJ

2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**ANAS E MIAS:
SUBJETIVIDADE, CORPO E CUIDADO NOS *BLOGS* PRÓ-ANA E PRÓ-MIA**

CAMILA BRAGA MEDINA

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Comunicação e
Cultura da Escola de Comunicação da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
parte dos requisitos para a obtenção do título de
Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^a Dr^a Fernanda Glória Bruno

ECO/UFRJ

2008

Medina, Camila B.

Anas e Mias: subjetividade, corpo e cuidado nos *blogs* pró-ana e pró-mia. / Camila B. Medina – Rio de Janeiro, 2008.

89 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, 2008.

Orientadora: Fernanda Glória Bruno.

1. Blogs – Pró-ana – Pró-mia. 2. Anorexia – Bulimia – Transtornos Alimentares. 3. Corpo – Sociedade Contemporânea. 4. Subjetividade – Sociedade Contemporânea. 5. Cuidado de si – Sociedade Contemporânea. I. Bruno, Fernanda. (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. III. Título.

**ANAS E MIAS:
SUBJETIVIDADE, CORPO E CUIDADO NOS *BLOGS* PRÓ-ANA E PRÓ-MIA**

CAMILA BRAGA MEDINA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura, sob a orientação da professora Doutora Fernanda Glória Bruno.

Banca Examinadora

Profª Drª Fernanda Glória Bruno - Orientadora
Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ), ECO/UFRJ.

Profº Drº Paulo Roberto Gibaldi Vaz
Doutor em Comunicação e Cultura (UFRJ), ECO/UFRJ.

Profª Drª Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro
Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ), IP/UFRJ.

Rio de Janeiro

2008

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo amor incondicional e apoio constante, em tudo que faço ou desejo. À minha irmã, pelas conversas de sempre e pelo aprendizado mútuo que surge daí. Ao meu irmão, por me mostrar – ainda e sempre – a alegria na diferença, e por nos fazer experimentar a cada dia o carinho e a compaixão verdadeira. Ao Telmo, pela alegria e prestatividade de sempre, principalmente nesse momento. À minha família, por me permitir ver o mundo de outra forma.

Ao Thiago, pela companhia amiga e apaixonada, sincera e paciente, por tudo o que somos e pelo que seremos ainda.

À Fernanda, pela orientação, disponibilidade e paciência, e pelas palavras motivadoras e carinhosas nos momentos ‘críticos’... Obrigada também pelo bom exemplo de cuidado.

Ao Paulo Vaz, Rosa Pedro, Henrique Antoun e Paula Sibilia, pela disponibilidade e acolhimento através das palavras. Além deles, aos professores João Freire-Filho, Nízia Villaça, André Lemos, Ângela Pryston, André Queiroz, Maria Cristina Ferraz, Márcio Tavares d’Amaral, pelas aulas ministradas durante o mestrado e que muito ajudaram não só para esta dissertação, mas para a vida. Agradeço também aos sempre alegres e disponíveis Humberto, Jorgina e Vinicius, pela atenção e carinho.

Aos queridos Igor Sacramento, André Pecini e Ana Carla Lemos, pela amizade, partilha e apoio mútuo durante esta ‘empreitada’ – dentro e fora dela. A Luiza Guimarães e Patrícia Saldanha, pela presença companheira no primeiro congresso, que se estendeu durante todo o curso. A todos os colegas de viagens, seminários, encontros e congressos, cujas considerações contribuíram para este trabalho. Ao CNPq, pelo auxílio imprescindível. À Codepsi, pelo incentivo.

Àqueles que trabalham com Transtornos Alimentares, principalmente Juliana D’Augustin, do GOTA, pela atenção e disponibilidade.

Às anas e mias dos *blogs* pesquisados, por, mesmo sem saber, permitirem que eu as conhecesse. À Maria (cujo nome verdadeiro prometi não divulgar), pelas conversas virtuais e pela solicitude.

A Deus que, ao se fazer homem, permitiu nosso encontro com a Vida. E que, sendo Ele todo amor e cuidado, é talvez somente disso que precisamos para reencontrá-la.

RESUMO

MEDINA, Camila B. *Anas e Mias: subjetividade, corpo e cuidado nos blogs pró-ana e pró-mia*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2008.

Esta dissertação tem como objetivo analisar o fenômeno dos *blogs* pró-ana e pró-mia na Internet, ou seja, aqueles cujos autores se declaram a favor da anorexia e da bulimia como estilos de vida. Tomando como contexto a sociedade contemporânea, o trabalho propõe a problematização do fenômeno enquanto evidência de uma série de fatores ligados às novas formas de subjetividade, às novas maneiras de se lidar com o corpo e ao atual cuidado de si e do outro.

ABSTRACT

MEDINA, Camila B. *Anas e Mias: subjetividade, corpo e cuidado nos blogs pró-ana e pró-mia*. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2008.

This dissertation analyzes the phenomenon pro-ana e pro-mia on Internet. The authors of these blogs declare that anorexia and bulimia are lifestyles. Taking contemporary society as context, this work suggests that the blogs are such an evidence of the new subjectivities, the new ways to treat our body and how we take care of ourselves and the others.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
PARTE I – CORPO E SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	15
1. SUBJETIVIDADE E CONTEMPORANEIDADE.....	16
2. CORPO E NOVAS TECNOLOGIAS.....	21
PARTE II – DA ATUALIDADE AO CIBERESPAÇO.....	27
1. PRÁTICAS E TRANSTORNOS ALIMENTARES.....	28
1.1. Breve histórico das práticas alimentares.....	29
1.2. Transtornos alimentares: História, definição e características.....	32
2. <i>WEBLOGS</i>	36
2.1. Diários em rede: narrativa e exposição de si.....	37
3. ANAS E MIAS.....	40
3.1. <i>Templates</i>	45
3.2. <i>Posts</i>	48
PARTE III – DO CIBERESPAÇO À ATUALIDADE.....	59
1. ANAS E MIAS: SUBJETIVIDADE, CORPO E CUIDADO.....	60
1.1. Narrativas de si e subjetividade.....	61
1.2. Corpo: vida nua e bio-ascese.....	65
1.3. Cuidado.....	68
2. ANAS, MIAS E NÓS.....	70
CONCLUSÃO.....	77
BIBLIOGRAFIA.....	84

INTRODUÇÃO

“Vaidade das vaidades, diz o pregador, tudo é vaidade”¹
(Ecl 1, 2)

Ao iniciar o curso de mestrado em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, eu já pretendia estudar as relações entre a subjetividade e o corpo, assim como suas implicações na sociedade contemporânea, sob o prisma das tecnologias de informação e de comunicação. Entretanto, faltava-me ainda um ‘objeto de estudo’, algo que pudesse servir não só de exemplo, mas que evidenciasse uma série de elementos que eu percebia – por mim e pela leitura e observação de outros autores e professores – no mundo atualmente. Quando, ao realizar o trabalho final da disciplina ministrada por minha orientadora, Fernanda Bruno, deparei-me com o fenômeno que demonstro nesta dissertação, foi grande a minha surpresa e conseqüente motivação para que fizesse dele meu ‘estudo de caso’. Não só pelas características que apresenta, mas pela instigação que suscita, para não dizer um certo estranhamento. Ao começar a estudar os *blogs* pró-ana e pró-mia na Internet², não só me vi perturbada com algumas questões, como comecei também a perceber as reações de todos os que de certa forma entram em contato com eles: pais de meninas que se declaram anoréxicas ou bulímicas, médicos, psicólogos, jornalistas. Todos viam (e vêem ainda) o fenômeno de modo semelhante, com horror, choque e aversão. Uma visão compreensível, tendo em vista as terríveis conseqüências que os distúrbios defendidos por aqueles que se denominam pró-ana e pró-mia (a anorexia e a bulimia nervosas) trazem para seus adeptos, mas que por vezes nos impede de olhar para essas meninas e para o que elas estão dizendo de uma outra maneira, uma que nos permita não só o entendimento mas o diálogo com elas. Dessa forma, o que sugiro é que nos coloquemos frente ao problema apresentado com um olhar diferente, para tentar descobrir o que o fenômeno pode nos dizer não só sobre seus atores, mas de nós mesmos.

Proponho, então, pensar este trabalho como uma forma de entender o fenômeno atual dos *blogs* pró-ana e pró-mia (ou compreender suas características), contextualizando

¹ Também traduzido por: “Ilusão das ilusões, diz o pregador, tudo é ilusão”.

² *Blogs* pró-ana e pró-mia são aqueles que defendem a anorexia e a bulimia nervosas como ‘estilos de vida’. O termo ‘ana’ passa a referir a anorexia ou a pessoa anoréxica, assim como ‘mia’ significa a bulimia ou a bulímica. Considerarei como “meninas” seus autores por serem elas a maioria, e por ter analisado, no estudo de caso, somente *blogs* femininos. Entretanto, isso não quer dizer que não haja casos masculinos.

e levando em conta alguns aspectos da sociedade contemporânea. Não irei, no entanto, buscar as causas ou origens desse fenômeno (muito menos da anorexia ou da bulimia enquanto patologias descritas pela medicina), mas refletir sobre os processos de exposição e cuidado do corpo que culminaram nessa prática. Gostaria de pensar neste fenômeno como um nó, algo visível em meio a uma rede, a um emaranhado de práticas e discursos sobre o corpo e a subjetividade que formam a sociedade atual. Nesse caso, este fenômeno seria uma evidência, entre tantas outras, de um momento histórico em que se percebe uma exteriorização da subjetividade (estando o cuidado de si e as práticas de governo do ‘eu’ cada vez mais calcadas na aparência, e o reconhecimento e aceitação social desse ‘eu’ se colocando cada vez mais através da exposição de si), tendo nisso as tecnologias biomédicas e informacionais um papel fundamental, de um modo geral, por permitirem uma tecnificação ou artificialização do indivíduo.

De modo algum sugiro, de maneira determinista, que transformações históricas, ou tecnológicas, ou sociais, ou subjetivas seriam causadoras isoladas do fenômeno em si. Pelo contrário, como propõe Michel Foucault (1976), é o estudo de como determinados mecanismos de poder, produzidos por certos agentes específicos, em dado momento, em uma conjuntura precisa e por meio de um determinado número de transformações, começam a se tornar “economicamente vantajosos e politicamente úteis” (p.185), que podem nos explicar como os mecanismos de controle de uma sociedade funciona. Assim, o que me interessa é perceber que condições culturais tornam possível não só os transtornos alimentares na contemporaneidade, mas o fato de a escolha por eles ser considerada uma opção por um estilo de vida e propagada em ambientes públicos virtuais (os *blogs*). Como já dito, a idéia é mostrar que o fenômeno está inserido numa sociedade na qual as subjetividades, as práticas e comportamentos humanos, assim como, conseqüentemente, as novas patologias³, estão calcadas em novas formas de governo de si e de visibilidade, promovendo também novos modos de se entender o outro e de se relacionar com ele.

Para isso, creio que seja razoável dispor as reflexões em três partes distintas. Na primeira, procuro apresentar o contexto em que tal fenômeno pode ser encontrado, ou seja,

³ Por novas patologias, ou novos sintomas, entendo aquelas formas de mal-estar físico e psíquico prevalentes na atualidade, de certa forma diferentes daquilo que era considerado como ‘doença’ até algum tempo atrás. De acordo com Benilton Bezerra Jr. (2002), hoje há uma “paulatina reconfiguração dos critérios de definição das experiências de sofrimento psíquico. Aos poucos modificam-se os parâmetros do normal e do patológico no campo da vida subjetiva.” Para o autor, nesse caso, “na cultura das sensações e do espetáculo, o mal-estar tende a se situar no campo da performance física ou mental que falha, muito mais do que numa interioridade enigmática que causa estranheza” (p. 05). Sobre essas ‘novas patologias’, veremos um pouco mais na terceira parte deste trabalho.

a atualidade, com suas características específicas no que diz respeito à produção de subjetividades e de nossa relação atual (cuidado) com o corpo. Entendo também que tal contextualização só é possível e poderá ser entendida se situada em um dado período histórico, em contraposição a outras épocas. Isso porque considero que é a partir da observação das discontinuidades de determinadas práticas, ou dos sentidos atribuídos a elas em cada sociedade, que podemos ver mais facilmente as transformações pelas quais passamos e daí deduzir suas implicações.

A hipótese é a de que o discurso do corpo saudável faz parte de toda uma conjuntura histórica e cultural que passou a se apresentar depois da modernidade. As novas formas de visibilidade do sujeito, os novos modos de conceber o tempo e o espaço, as novas configurações econômicas que exaltam cada vez mais o consumo, e a evolução de técnicas médicas e comunicacionais, teriam proporcionado uma exteriorização da subjetividade e, conseqüentemente, uma maior preocupação com a longevidade e o cuidado da aparência. Com o avanço da medicina e da engenharia genética, o corpo se modificaria não mais somente através de alimentos dietéticos, exercícios ou produtos cosméticos que atuam na superfície, mas começaria a ganhar próteses que potencializam tanto a corporeidade interna (vitaminas, remédios para emagrecer e suplementos alimentares que desenvolvem a massa muscular, por exemplo) quanto a externa (aplicações de substâncias como o *botox*⁴ e de próteses como o silicone, intervenções cirúrgicas e, de certa forma, a utilização de novas tecnologias de comunicação).

Entretanto, mais ainda do que se submeter a rígidos sacrifícios e técnicas de intervenção, o corpo, buscando atingir a perfeição, passa a ser manipulado não apenas na matéria, mas também no âmbito virtual. As novas tecnologias da comunicação tais como a internet, propõem uma desmaterialização ao corpo que, no ciberespaço, pode ser considerado como um corpo expandido, alargado na medida em que se alargam as dimensões das redes. Segundo Nízia Villça, desse ponto de vista, é possível pensar a rede como uma enorme prótese perceptiva conectada ao corpo humano (VILLÇA, 2005). O indivíduo perfeito, portanto, não seria mais o de carne e osso, mas o virtual, formado a partir de *softwares* ou imaginado a partir de descrições em *blogs* ou *chats* na internet.

⁴ *Botox* é a marca registrada para a Toxina Botulínica tipo A. Tal substância paralisa alguns músculos do rosto, impedindo que as rugas apareçam. O efeito dura em torno de seis meses e, após esse período, as marcas do rosto voltam ao normal e a aplicação pode ser refeita. (Informações retiradas em fevereiro de 2008 do site: <http://botox.dreamhosters.com/o-que-e.php>).

Na segunda parte, discorro sobre o objeto de estudo (os *blogs* pró-ana e pró-mia), em alguns de seus variados aspectos. Aqui, faz-se necessária uma exposição do que vem a ser, por um lado, os transtornos alimentares e sua relação com a história das práticas de alimentação e, por outro lado, o que são os *weblogs*, essas novas ferramentas narrativas de exposição de si e de interação com o próximo, e que características presentes neles podem ser úteis à reflexão proposta. É importante ressaltar que, para a compreensão e análise do fenômeno, não importa muito se o distúrbio ‘existe’ de fato ‘fora’ dos *blogs*, ou seja, se as meninas que o relatam ou que o ‘convocam’ (como veremos melhor adiante) seguem mesmo as práticas descritas ou apresentam realmente os ‘sintomas’ de uma bulimia ou de uma anorexia nervosa, tais como descritos pela literatura médica. O que importa, para este trabalho, é que as anas e mias, mesmo não sendo consideradas anoréxicas ou bulímicas na ‘realidade’, afirmam que o que desejam é a incorporação da doença como único meio de emagrecer e se submetem a práticas relacionadas ao distúrbio.

De um modo geral, de acordo com a psiquiatria, são considerados Transtornos Alimentares – também chamados TAs – a Anorexia Nervosa, a Bulimia Nervosa e a Compulsão Alimentar Periódica. Neste trabalho, trataremos apenas dos dois primeiros casos, por serem estas as práticas escolhidas pelas anas e mias como próprias de seu ‘estilo de vida’. Entretanto, as reflexões que serão expostas no decorrer no trabalho também podem servir para pensarmos sobre a questão da compulsão alimentar e da obesidade (vista por alguns especialistas como um transtorno próprio)⁵, já que são hábitos também próprios da contemporaneidade e completamente rechaçados pelas meninas no caso estudado. Como será explicado melhor no capítulo que trata do assunto, na prática médica, a Anorexia Nervosa se caracteriza pela preocupação com o peso corporal e alimentação; comportamento direcionado à perda de peso; padrões peculiares de esconderijo de comida; perda de peso; medo intenso de ganhar peso; distúrbio da imagem corporal; amenorréia. Já na Bulimia Nervosa há o predomínio da utilização de laxantes e diuréticos e do comportamento de induzir vômitos após episódios de “*binge eating*”: ingestão rápida e descontrolada de grandes quantidades de comida em um curto período de tempo, e durante a qual há o sentimento de falta de controle (HALES e LUDOFISKY, 2004).

⁵ HALES e YUDOFISKY (2004), por exemplo, afirmam em seu livro de psiquiatria que a obesidade é também um transtorno alimentar (causado principalmente pela compulsão). Já os manuais de diagnóstico apresentados neste trabalho (DSM-IV-TR e CID-10), consideram a obesidade como uma condição médica que estaria relacionada a diversas doenças.

Portanto, acredito ser de imensa importância contextualizarmos historicamente as práticas alimentares e as práticas narrativas para entendermos não só suas peculiaridades, como também possibilitarmos uma compreensão mais profunda sobre características sociais hoje relevantes – e amplamente praticadas – a partir do objeto analisado. Ou seja, para entender o que vem a ser hoje dizer-se uma ana ou uma mia, e que questões isso traz a todos nós. Nesse momento, o objeto será delineado através de pesquisas realizadas na Internet, de estatísticas construídas a partir daí, e da apresentação de dados relevantes, seja no âmbito visual ou discursivo.

Na terceira parte da dissertação, proponho uma problematização a partir do contexto apresentado e da exposição do fenômeno em questão. Sendo assim, considero importante percebermos de que maneira se dá o problema da subjetividade, do corpo e do cuidado de si nos *blogs* pró-ana e pró-mia, e de que maneira isso está associado as novas maneiras de ser, de estar e de se relacionar com o outro na sociedade contemporânea. Também no intuito de contextualizar historicamente tais reflexões, irei contrapor as narrativas e a exposição de si observadas a partir dos *blogs* com práticas modernas de relatos do ‘eu’ e construção de subjetividades, como a confissão e o exame, inclusive por serem frequentemente associadas à produção de subjetividade atual. Em relação às formas de se perceber e de lidar com o corpo atualmente, veremos de que maneira esse corpo aparece nos *blogs* pró-ana e pró-mia, em contraposição a práticas também muitas vezes associadas a eles (como as chamadas “santas anoréxicas” na Idade Média, por exemplo). Para isso, utilizaremos conceitos como bio-ascese e vida nua, que nos servirão para não só compreender o corpo buscado pelas anas e mias, mas que corpo todos nós buscamos na sociedade atual. Por fim, veremos como podemos perceber o cuidado de si a partir daí e como ele parece, hoje, ter se tornado um meio de se alcançar uma ‘salvação possível’, não só para as anas e mias mas para todos nós. É a partir dessa reflexão que, no fim, me parece seguro afirmar que todos nós hoje nos assemelhamos de alguma forma às anas e mias da Internet. Ou ainda, que suas práticas podem ser consideradas exacerbações de práticas cotidianas, imensamente difundidas pelos meios de comunicação e pelos cientistas de diversas áreas.

Para concluir, me parece essencial colocar a seguinte questão: como poderíamos entender hoje o cuidado com o outro, a partir do que constatamos nas novas formas de cuidado de si? E no que implica – ou implicará – a propagação desse cuidado? Porque, dependendo de como ele será guiado, grandes problemas se impõem, no âmbito da própria

política da existência. É por isso que, da constatação de que o homem vem perdendo sua ‘humanidade’, naquilo que lhe era próprio – sua organicidade, a relação política – é preciso pensar o que colocaremos (ou ainda se é necessário colocar algo) no lugar desses já antigos elementos. Sem essa motivação, a de pensar outras formas de pensamento, a de suscitar novas ações que nos permitam não um retorno nostálgico ao passado, mas um mergulho num futuro que, afinal, pode ser melhor e diferente, esse trabalho não poderia ser totalmente concebido.

PARTE I

CORPO E SUBJETIVIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

“Na verdade, nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder... Qual o tipo de investimento do corpo que é necessário e suficiente ao funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa?”

(Michel Foucault, “Corpo-poder”)

“O homem será feito/ em laboratório./ Será tão perfeito/ como no antigório./ (...)Nascerá bonito?/ Corpo bem talhado?/ Claro: não é mito,/ é planificado./ Nele, tudo exato,/ medido, bem-posto:/ o justo formato,/ o standard do rosto./ Duzentos modelos,/ todos atraentes./ (...)Sua independência/ é total: sem marca/ de família, vence/ a lei do patriarca./ Liberto da herança/ de sangue ou de afeto,/ desconhece a aliança/ de avô com seu neto.../ (...)Pai: macromolécula;/ mãe: tubo de ensaio/ e, per omnia secula,/ livre, papagaio,/ sem memória e sexo,/ feliz, por que não?/ pois rompeu o nexo/ da velha Criação,/ eis que o homem feito/ em laboratório/ sem qualquer defeito/ como no antigório,/ acabou com o Homem./ Bem feito.”

(Carlos Drummond de Andrade, “O novo homem”)

1. CONTEMPORANEIDADE E SUBJETIVIDADE

Vivemos num mundo que vem se transformando em muitos aspectos. Todos percebemos que essas mudanças estão vindo rápido demais, e há algo de diferente não só nas *coisas* das quais dispomos, mas também nas *pessoas* que somos. Talvez nós, jovens em torno dos 20 ou 30 anos, não estejamos sentindo tanto assim, afinal, nascemos no meio do caminho, quando as transformações já estavam em curso e o processo – que ainda não acabou! – já havia, afinal, começado. Nossos pais e avós, no entanto, certamente sentem (e às vezes até mesmo extravasam esse sentimento) que nada é como antes. Obviamente, pode-se questionar, em qualquer geração há esses pressentimentos, de que muito mudou embora algumas coisas continuem as mesmas. Afinal, é assim o percorrer da história, repleto de continuidades e discontinuidades. Entretanto, temos como nunca a oportunidade de nos colocarmos, no hoje, a observar as mudanças de nosso tempo e a conjecturar sobre suas implicações futuras.

E é disso que se trata na primeira parte deste trabalho. Da percepção de que se vive algo novo, não só no âmbito da macropolítica ou da macroeconomia (claramente observável a partir das transformações políticas, econômicas e na forma como estão se relacionando os Estados em relação a suas culturas ou fronteiras, por exemplo), mas no âmbito daquilo que Michel Foucault (1975) tratou como espaço próprio e efetivo de relações de poder, a micropolítica, ou a forma como se vive cotidianamente, os processos de subjetivação e os modos de produção sobre e através dos corpos dos homens. Ou seja, acontecimentos não tão facilmente analisáveis, mas intensamente percebidos, e que, de fato, são os que fazem de nós o que somos hoje.

Sobre isso, Peter Pál Pelbart (2006) diz que o contexto contemporâneo se caracteriza por uma nova relação entre o poder e a vida, afirmando que

“ele (o poder) penetrou todas as esferas da existência, e as mobilizou inteiramente, pondo-as para trabalhar. Desde os gens, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes⁶. (...) Com isso, ele incide diretamente sobre nossas maneiras de perceber, de sentir, de amar, de pensar, até mesmo de criar.”

⁶ Sobre o que ‘seriam’ os poderes, Peter afirma: “digamos, para ir rápido, com todos os riscos de simplificação: as ciências, o capital, o Estado, a mídia”. Ou seja, seria tudo o que, de alguma forma, modula, controla, produz (ou reprime) formas de existência.

E, como bem mostrou Foucault em sua história da sexualidade na sociedade ocidental (1977), o poder não seria apenas algo transcendente e repressivo, mas imanente e produtivo. Um biopoder que não visaria barrar a vida, mas investir nela, intensificá-la, produzi-la ao criar novos processos de subjetivação e sociabilização dos indivíduos, dado que, para o autor, estes não seriam o 'outro' do poder, mas seus primeiros efeitos. Cabe ressaltar que subjetividade, aqui, será entendida não como uma estrutura ou forma fundamental, mas como um processo de produção de si, a partir não só das relações familiares, dos acontecimentos da infância ou dos componentes biológicos, mas também das relações com a cidade, com a política, com os meios de comunicação, com as novas tecnologias, etc (PASSOS, 2002; PUGET, 2004; FOUCAULT, 1994). E é por conta da constatação de que novas subjetividades parecem emergir hoje (dada também a existência de novas formas de poder) que será primeiramente contextualizado o fenômeno a ser refletido. Afinal, são as transformações nesse processo e suas imbricações no modo como cada um vê a si mesmo e a seu próprio corpo, que nos permitirão entender os elementos apresentados mais adiante.

Sendo assim, pode-se dizer que, atualmente, os indivíduos parecem ter suas subjetividades cada vez mais atreladas à exterioridade, ao corpo e à aparência física. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa, assim como as novas tecnologias de comunicação, não só influenciam na produção desses novos sujeitos, como também acabam se tornando o lugar privilegiado de onde eles se expõem e se legitimam. Essa exposição, no entanto, não parece ser como na modernidade, quando um indivíduo, ao revelar o seu íntimo em diários, confessionários e consultórios, mostrava a si mesmo ou a um outro específico sua interioridade secreta e verdadeira (e, portanto, autêntica), mas sim uma busca por um outro tipo de visibilidade, em que o sujeito que se mostra não quer ser mais visto por uma autoridade ou por um especialista, mas por indivíduos comuns, assim como o que se coloca como verdadeiro e autêntico é menos sua interioridade do que aquilo que ele aparenta ser ou gostaria que fosse. Como afirma Fernanda Bruno (2005):

Se a Modernidade produziu uma topologia da subjetividade e do cotidiano que circunscrevia o espaço privado e seus diversos níveis de vida interior – casa, família, intimidade, psiquismo – a Atualidade inverte esta topologia e volta a subjetividade para o espaço aberto dos meios de comunicação e seus diversos níveis de vida exterior – tela, imagem, interface, interatividade. (2005, p.64-65)

Segundo Bruno (2004), na contemporaneidade, a subjetividade vai deixando de se constituir no âmbito do secreto, do íntimo, para se relacionar à exterioridade, ao corpo físico, o que pode ser observado na visibilidade cada vez maior dada ao indivíduo comum. Com o advento das novas técnicas de comunicação e informação, o corpo já não é percebido como antes, visto que seus limites estão cada vez mais dispersos e fluidos, mas não mais livres de mecanismos de controle e poder, que hoje se configuram através não só do uso dessas novas técnicas, mas também do consumo. Assim, por um lado, o surgimento dos meios de comunicação de massa e, principalmente, da televisão, faz emergir um novo dispositivo de poder e vigilância, onde muitos vigiam poucos e não mais poucos vigiam muitos como ocorria no modelo do panóptico⁷. Por outro lado, o crescimento de programas de ‘realidade’ confessionais, onde pessoas comuns expõem seus problemas, faz com que qualquer um esteja novamente visível, mas agora não mais pelo panóptico e sim nas telas de TV e dos computadores (nestes através dos *sites* de relacionamento, *chats*, *webcams*, *blogs* pessoais e também através dos sistemas de vigilância eletrônica, cada vez mais difundidos) (BRUNO, 2004). De acordo com Bruno, “os dispositivos contemporâneos vêm contribuir para a constituição de uma subjetividade exteriorizada onde vigoram a projeção e a antecipação. Exteriorizada porque encontra na exposição ‘pública’ (...) o domínio privilegiado de cuidados e controle sobre si” (2004, p.116). Nesse sentido, podemos dizer que, se na modernidade a aparência estava vinculada à superfície, à exterioridade e à máscara, enquanto a autenticidade – ou a identidade ‘verdadeira’ do sujeito – estava na interioridade (BRUNO, 2004), hoje aparência e identidade se confundem, fazendo com que esta se torne cada vez mais instável, provisória e mutável, ocupando diversos espaços da vida ou se revezando em diferentes momentos (HALL, 1992).

Assim, muitos autores afirmam que aquela subjetividade centrada, unificada, calcada em um ‘eu’ íntimo e individualizada, tão própria da modernidade, estaria em crise, já que hoje o que vemos é a emergência de subjetividades mais fluidas, cambiantes, instáveis, que se expressam de formas diferentes das vistas até então. E podemos afirmar isso porque, mesmo as práticas de governo estando cada vez mais fundadas no ‘eu’, e o cuidado de si e do outro se deslocando para o próprio indivíduo e não se fundamentando mais na coletividade ou no Estado (ROSE, 2001), não podemos dizer que isso reafirmaria uma interioridade. O crescimento da publicação de manuais de auto-ajuda (e de toda uma gama de produtos ‘auto’) e de práticas de discursos ou narrativas pelas quais a intimidade é

⁷ Cf. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. [1987] Petrópolis: Vozes, 2004.

exposta podem ser exemplos dessa autenticidade ainda focada em um ‘eu’. Porém há uma mudança significativa entre como esse ‘eu’ se expressava, ou ainda, se constituía na modernidade e como se constitui agora. Essas narrativas sobre a vida íntima, por exemplo, não são mais expostas em uma esfera que poderíamos chamar de privada ou quase privada (confessionários, consultórios, etc), mas ao público na mídia, no grupo, na internet. Ou seja, o reconhecimento não vem mais de uma autoridade, mas do olhar de um outro comum, ordinário, igual. Assim, podemos dizer que, de certa forma, há uma intensificação do ‘eu’, porém corporificado, performático, espetacular e não reflexivo. Como afirma Jurandir Freire Costa (2004): “O outro da moda e do entretenimento se emancipou, simbolicamente, da autoridade familiar e seus substitutos, e fala em nome do gozo sensorial, do sucesso midiático, das recompensas social e sexual, sem relação com ascese sentimentais, morais ou espirituais” (p. 85).

É claro que a espetacularização não é algo totalmente próprio da contemporaneidade, entretanto, pode-se dizer que o fato dos indivíduos pautarem suas vidas a esta condição, sim. Pois, se antes do mundo moderno os espetáculos ocorriam em locais ou épocas do ano bem definidas (arena dos gladiadores, carnaval, olimpíadas, tragédias gregas), de acordo com Vanessa Schwartz (1999), a partir do século XIX⁸ a vida ‘real’ começou a se identificar fortemente com os espetáculos. As fronteiras entre realidade e fantasia começavam a se desmanchar, embora as ilusões ainda ocorressem em espaços definidos (museus de cera, necrotérios, panoramas). Foi nesse momento que surgiram também as lojas de departamento, as galerias e estratégias voltadas ao estímulo da compra, assim como as feiras voltadas para a contemplação da mercadoria. Hoje, no entanto, a diferença estaria nas novas formas de temporalidade e espacialidade do espetáculo. Se antes, na modernidade, o indivíduo precisava sair de casa, de seu ambiente privado, para ‘se encontrar’ com o espetáculo, hoje este invade o espaço íntimo, diluindo as fronteiras entre interioridade e exterioridade. Se, por exemplo, nos *faits divers*⁹, qualquer um poderia estar nas páginas do jornal, com a condição de algo sensacional lhe ter acontecido, agora não há a necessidade de um acontecimento sensacional para que se apareça (basta vermos, por exemplo, os *reality shows*, *blogs*, etc). Atualmente, não se está na mídia porque é sensacional, mas é assim, ou se torna assim, porque está na mídia.

⁸ Em Paris.

⁹ *Faits divers* eram publicações sobre acontecimentos sensacionais ocorridos com cidadãos comuns, e que eram apresentados nos jornais franceses em forma de ficção, embora a história fosse verdadeira.

É o que Daniel Boorstin (1961) fala sobre os “pseudo-eventos”, principalmente no que diz respeito as celebridades cultuadas hoje em dia. Para Boorstin, estaríamos vivendo em uma sociedade da imagem, onde as ilusões teriam tomado o lugar do natural, do autêntico e do espontâneo, transformando a realidade em encenação. Assim, a celebridade seria a materialização do “pseudo-evento”, já que sua referência estaria hoje na própria mídia, e não em algo heróico feito fora dela. Da mesma forma, ele atenta para a tabloidização da notícia, em que não se distinguiria mais *hard news* de *soft news*¹⁰. Nesse sentido, podemos dizer que, diferentemente da modernidade, cada vez mais domínios sociais estariam sendo espetacularizados, não só o do entretenimento, da cultura ou da morte. Hoje haveria uma espetacularização da política, da medicina, do cotidiano. Para Jurandir (2004), o estilo de vida midiático pautado em uma “moral do espetáculo”, principalmente o publicitário, investiria na juventude e na perfectibilidade com fortes apelos à ciência estética e biológica:

O espetáculo reordena o mundo como um desfile de imagens que determina o que merece atenção ou admiração. Como viver sexualmente; como amar romanticamente; como educar os filhos; como ter saúde física e mental; como conquistar amigos e fazer amizades; como vencer no mundo dos negócios; como aproveitar melhor o tempo de lazer; como distinguir violência e paz; como saber o que é justo ou injusto; em quais políticos votar; quais filmes, peças de teatro e tipos de música gostar, enfim, como ser feliz e dar sentido à vida, tudo isto é aprendido por intermédio da mídia; nada disto convida o sujeito a pensar por que o significado do real se exaure em sua versão virtual. De modo breve, o espetáculo *faz da aparência inerência*. (2004, p.228)

Portanto, se por um lado, ser e estar na atualidade está relacionado a adequar o corpo às características do espetáculo e da mídia, por outro, trata-se de adequá-lo às normas científicas da saúde, da longevidade e do equilíbrio (PELBART, 2006). Isso porque, conforme já visto, nossa sociedade está fundamentada no avanço das tecnologias comunicacionais e médicas. Nesse sentido, o investimento sobre o corpo, e o cuidado que cada um deve ter com ele, torna-se essencial para a construção mesma de si e de sua relação com o outro. Como veremos adiante, no entanto, é a forma como se dá esse investimento e o sentido dado a esse corpo que faz essa relação diferente de como era antes, promovendo, assim, tantas mudanças.

¹⁰ No jornalismo, *hard news* são as notícias referentes a temas “relevantes” como economia, política, relações internacionais, etc. Já as *soft news* seriam as notícias “leves”, como as de cultura e entretenimento.

2. CORPO E NOVAS TECNOLOGIAS

Para Peter Pál Perbart (2006), o biopoder passa “necessariamente, e hoje mais do que nunca, pelo corpo”. Assim sendo, não existe subjetividade sem o corpo, vivido e situado historicamente. Segundo Michel Foucault (1987), “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (p.118), o que faz com que a história das técnicas de intervenções do corpo humano seja também a história de como a sociedade tratou o cuidado de si e do próximo. Tais intervenções ocorreram, principalmente, como forma de adaptação social e cultural do corpo, atravessando, portanto, todos os âmbitos que correspondem ao relacionamento com o outro e consigo, tais como as técnicas de produção, trabalho, comunicação, estética e consumo.

Ao observarmos a história das práticas corporais, em especial as relacionadas à saúde, podemos perceber que, atualmente, o foco do sujeito deslocou-se da intimidade psíquica para o próprio corpo. A subjetividade teria sido, então, reduzida ao corpo, à sua aparência, à sua imagem, à sua performance, à sua saúde, à sua longevidade (PELBART, 2006). Agora cada um se submete voluntariamente a uma ascese, científica e estética a um só tempo. É o que, segundo Francisco Ortega (2005), pode ser chamado de bio-ascese, ou um cuidado de si que, à diferença das antigas práticas ascéticas (libertárias enquanto expressões estéticas de existência), visa ao domínio e ao alcance do próprio corpo. Este, no entanto, estaria reduzido a uma vida biologizada, não mais em seu aspecto “natural”, tal como concebida na modernidade (PEDRO, 1998), mas uma vida híbrida – porque aceita o artifício como parte de uma “nova natureza” (Idem) –, potencializada até se tornar mera sobrevivência, ou seja, até alcançar o seu mínimo biológico. Este corpo designaria, portanto, segundo Ortega (2005) e Pelbart (2006), indivíduos possuidores de bio-identidades e biossociabilidades, que almejam “uma existência asséptica, indolor, prolongada ao máximo, onde até os prazeres são controlados e artificializados: café sem cafeína, cerveja sem álcool, sexo sem sexo, guerra sem baixas, política sem política: a realidade virtualizada” (PELBART, 2006, p.06).

Como, no entanto, foi possível chegarmos a essa forma de cuidado com o corpo? Para Foucault (1987), é na modernidade (descrita por ele como uma sociedade disciplinar) que “nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que

no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil e inversamente” (p.119). E é por isso que, nesse momento, vemos surgir novas ciências como a fisiologia, a educação física e a ergonomia, incentivando o aumento da saúde e da resistência do corpo, para que ele pudesse servir como uma máquina de produção. É também nesse momento que a idéia de higiene – que deu seus primeiros passos bem antes, a partir do fim do século XVIII – começa a ganhar força, se tornando uma questão de saúde pública.

Na metade do século XIX, autoridades das cidades começaram a projetar a construção de lugares públicos para banhos e lavagens destinados aos trabalhadores; *toillettes* surgiram nas mansões como espaços especializados para o ritual do banho (VIGARELLO apud RODRIGUES, 1999); loucos, presos e banidos passaram também a ser higienizados, já que hospitais, prisões e hospícios começaram a ser vistos como lugares sujos por excelência, principalmente a partir das descobertas de Pasteur acerca dos micróbios e demais microorganismos. Até então, acreditava-se que as doenças não possuíam relação com a higiene (piolhos e parasitas seriam problemas de ‘humores’ expelidos pelo indivíduo, por exemplo); a água e o ar eram vistos não como fontes de limpeza, mas de contaminação; e o que definia se um indivíduo era limpo (embora o termo ‘limpo’ ainda não aparecesse como contrário de ‘sujo’) ou não, era simplesmente o uso de pós, pomadas e perfumes e de certas roupas e acessórios (RODRIGUES, 1999).

A partir de meados do século XX, o ideal higienista vai perdendo força, juntamente com a decadência do poder do Estado. Por volta das últimas décadas daquele século, a democratização política, o liberalismo econômico e o avanço das ciências médicas e informacionais, passaram a moldar sujeitos interessados em uma nova abordagem da saúde. Segundo José Rodrigues (1999), nesse contexto o indivíduo foi ‘liberado’ como força de trabalho, encarando o corpo à distância, como algo “que se produz, como uma coisa ou representação: um corpo que se pode vender ou comprar, como bem ilustra o comércio de órgãos, cada vez mais próspero” (p.180). Diante disso, a crença de que a felicidade é adquirida através do consumo, faz com que o controle sobre o indivíduo não se exerça mais pela norma imposta ao corpo, mas pela sedução, presente não mais no discurso coercivo do Estado através do médico higienista, mas sim no discurso atraente do mercado através da mídia (ou do médico representado nela).

Como máquina consumidora, o corpo passa a depender de medicamentos cada vez mais eficientes, que buscam a profilaxia e a potencialização de ações e sensações. Além disso, passa a consumir cada vez mais serviços de saúde sendo estes em sua grande maioria

privados (planos de saúde). O aumento no consumo de vitaminas, dietas, ansiolíticos, alimentos naturais, exames preventivos e o crescimento no número de academias de ginástica e de revistas e programas voltados para a manutenção da saúde parecem estar também de acordo com esse novo modo de encarar o corpo saudável. Segundo Paulo Vaz (2002), a indústria que mais cresceu nos últimos 30 anos foi a farmacêutica, vendendo não só remédios (ideal de cura), mas também diversos tipos de drogas (preventivas e potencializantes) e cosméticos (cuidado e beleza).

A partir daí, pode-se dizer que estamos assistindo ao surgimento de uma sociedade de controle ou do risco, onde o corpo é um bem a ser explorado nas suas capacidades de provocar sensações (VAZ, 2002). Os limites do corpo não seriam mais impostos pela culpa do indivíduo, internalizada por alguma espécie de vigilância, mas pelos riscos que se corre – e pelo medo provocado por eles – na busca do prazer e da eterna juventude. A higiene é substituída pelo ideal de prevenção e autocontrole, tornando qualquer um portador em potencial de alguma doença, correndo permanentemente o risco de se tornar um doente real se não se cuidar de acordo com os especialistas. Assim, a responsabilização é deslocada para o indivíduo, livre agora para escolher, diante de tantas informações, se quer ou não viver mais e melhor. Ao longo do século XX, portanto, a partir do desenvolvimento do saber sobre o funcionamento do organismo e sobre a medicina, promove-se, segundo Tânia Hoff (2005), uma “des-humanização” do corpo, já que este pode agora ser modificado, se confundindo com máquina ou produto. A doença, que era o que antes retirava do corpo a possibilidade de aprimoramento e de se atingir à perfeição, passa a ser cada vez mais dominada. Surge um novo ideal, pautado num “corpo de natureza virtual, uma imagem que sintetiza os atributos valorizados positivamente em uma dada cultura e, por isso, uma imagem idealizada (...) um corpo perfeito” (p.33).

Assim, cada vez mais esse corpo aparece, a partir das tecnologias biomédicas, como uma imagem fragmentada, de um corpo objetivado e desmaterializado, recortado do ambiente (ORTEGA, 2006). As novas técnicas de conhecimento e diagnóstico na medicina (como *scanners* de Tomografia Computadorizada e Ressonância Magnética, por exemplo) produziram, então, uma “estranha ilusão de corpos fragmentados, partes isoladas da anatomia, as quais, deslocadas da totalidade corporal ou da coerência sensorial, ganham uma autonomia enganosa” (Idem). Para Ortega, seriam corpos sem substância, roubados de sua opacidade e descontextualizados. Entretanto, são esses os corpos hoje buscados a todo custo como ideal.

Também as novas tecnologias da comunicação propiciam não só a propagação desse ideal, mas se tornam espaços privilegiados em que se pode atingi-lo. Promovendo a dissociação entre comunicação e presença física, elas permitem a mobilidade do corpo, que atravessa fronteiras e estabelece contatos virtuais diversos e laços seletivos (escolhidos pelo próprio indivíduo que se conecta, e não pelo acaso de se encontrarem no mesmo lugar, por exemplo). Essa não organicidade do corpo proporcionada pela virtualidade faz com que essa idéia de artificialização e purificação seja mais facilmente absorvida e desejada. O corpo pode agora ser corrigido digitalmente e se tornar perfeito, ao menos, em sua imagem.

Em toda a mídia, principalmente nos anúncios publicitários, observa-se a impossibilidade de aceitar o corpo ‘natural’ tal como ele se apresenta. As formas de modificação física e potencialização das funções corporais são demonstradas como uma necessidade. Para que o indivíduo se sinta realizado, é preciso ter um corpo controlado, gerido por uma autodeterminação e preocupação com os riscos futuros. Para Hoff (2005), não importa o sacrifício de cirurgias, dietas, etc, o corpo que se deseja, totalmente convertido (do sofrimento ao sucesso, do natural ao artificial) e “purificado”, será a recompensa. É nesse contexto que podemos situar também o surgimento de programas tais como os *reality shows* de intervenção, que propõem transformações corporais drásticas àqueles que estão dispostos a se exporem para as câmeras e para a equipe médica do programa. Também no telejornalismo, esse discurso médico da saúde como ideal de corpo perfeito aparece muito evidente, tendo em vista a grande incidência de discursos sobre hábitos e vida saudáveis, e, principalmente, contra a obesidade, o que reflete valores presentes hoje no discurso científico. Como afirma Paulo Vaz (2002):

A contrapartida de uma sociedade hedonista é a fragilização dos indivíduos. Na relação de cada um consigo mesmo, a fragilidade significa que tudo aquilo que nos dá prazer implica, simultaneamente, riscos de adoecimento, envelhecimento e morte prematura, bem como pode produzir dependência. Nossas vidas estão ameaçadas pela virtualidade de múltiplas doenças e supõe-se que somos incapazes de gerir nossa relação com o que nos dá prazer. (VAZ, 2002, p.04)

O grande problema é que, ao se preocupar excessivamente com os riscos, o indivíduo pode fazer com que esse autocontrole se torne prejudicial, haja em vista o aumento de problemas relacionados ao uso de anabolizantes, à submissão a anestésias em cirurgias plásticas, a sintomas relacionados a distorções da imagem corporal e à alimentação. Assim como também, se a opção for se entregar totalmente aos riscos, novos

problemas (de acordo com o que a sociedade propõe) podem surgir, tais como as adições de drogas e por consumo; os transtornos ditos obsessivos-compulsivos; o pânico; a compulsão alimentar; etc. Situando-se no lugar daquilo que pode ser consumido, o corpo passa cada vez mais a se manifestar através da mídia, e tudo o que ele busca fazer para se tornar saudável e perfeito tem como intuito a visibilidade. É por isso que muitos autores afirmam que hoje a saúde, mais do que cuidar para que o copo não pereça, quer garantir que ele esteja sempre belo e jovem, para consumir cada vez mais e esteja sempre pronto a ser consumido pelo espetáculo.

Sendo assim, segundo Benilton Bezerra Jr. (2002), estaria havendo hoje uma reconfiguração dos critérios que definem as experiências de sofrimento psíquico. A medicina buscaria não mais a prevenção e o tratamento de doenças, mas a antecipação e a produção de saúde, e a patologia, uma vez já compreendida e vivida como transgressão, ruptura ou desafio, seria agora experimentada como disfunção e desvio. Para o autor:

Comportar-se de modo a exibir uma imagem saudável significa apresentar-se a si e aos demais como um sujeito independente, responsável, confiável, dotado de vontade e auto-estima. Recusar este imperativo ou simplesmente deixar de privilegiá-lo em relação a outros é expor-se à reprovação moral e ao sentimento de desvio, insuficiência pessoal ou fracasso existencial. (...) Na cultura das sensações e do espetáculo, o mal-estar tende a se situar no campo da performance física ou mental que falha, muito mais do que numa interioridade enigmática que causa estranheza. (BEZERRA JR, 2002, p.04 e 05)

E atesta tal hipótese ao enumerar os quadros sintomáticos prevalentes na atualidade, como os fenômenos aditivos (que seria a incapacidade de restringir ou adiar a obtenção de satisfação, que se torna compulsiva seja via drogas ilícitas, medicamentos, consumo, ginástica, sexo, etc), os transtornos vinculados à imagem ou à experiência do corpo (transtornos alimentares e ataques de pânico), depressões menores e distimias (ausência de desejo, motivação e empenho). Desse modo me parece que, se na modernidade as patologias estariam relacionadas à identidade (à sua negação ou à negação da instituição normalizadora), na atualidade elas estariam relacionadas à negação da vida social, da visibilidade de si, do contato com o outro (o que remontaria ao medo atual, à busca por segurança, que Bauman (2001) demonstra como sendo um fenômeno atual). A partir daí o ambiente virtual aparece como um lugar propício à essa fuga do outro, onde se pode agir sem medo. Também os remédios, as próteses, os mecanismos de controle poderiam ser vistos como medidas de se escapar dos riscos.

É nesse contexto que vemos crescer, cada vez com mais força, o número daqueles que relatam algum tipo de distúrbio alimentar – desde a mínima preocupação com o peso até os transtornos severos, de abstenção alimentar, passando pelas chamadas síndromes parciais (dietas periódicas, vômitos provocados, jejum prolongado, uso de laxantes, diuréticos e anorexígenos, exercícios físicos extenuantes, etc) –, ou recorrem a cirurgias plásticas e intervenções corporais de todo o tipo. Desde a década de 40, quando classificada pela primeira vez da forma como ainda é vista hoje em dia, a anorexia nervosa vem atingindo cada vez mais jovens. Na década de 70, aparece a descrição de outro transtorno muito conhecido atualmente: a bulimia nervosa. A partir daí, há também um aumento de relatos ligados à compulsão alimentar e vem sendo difundida, pelos especialistas em saúde e pela mídia, a idéia de uma ‘epidemia da obesidade’¹¹. As práticas alimentares passam, então, a serem vistas como hábitos (saudáveis ou não), ou ainda como expressão do autocontrole e da responsabilidade sobre si mesmo. Além disso, podem ser consideradas apenas mais um meio (assim como cosméticos, cirurgias plásticas, etc) de se alcançar o corpo ‘perfeito’.

¹¹ São muitos os artigos (científicos ou não) e matérias que utilizam o termo para se referir ao aumento da obesidade no mundo e também no Brasil. Algumas vezes, é associada até à fome e à subnutrição, em termos de gravidade (WORLDWATCH INSTITUTE, 2001). Segundo De Simone (2007), “a obesidade vem sendo considerada uma epidemia mundial, tornando-se o maior problema de saúde pública na sociedade moderna tanto em países desenvolvidos, onde atinge cerca de 10% da população, como nos em desenvolvimento”. Zanella (2007) afirma que “o Brasil está se tornando um país de obesos” pois “dados colhidos em 2002 e 2003 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelam que 4 em cada 10 brasileiros com 20 anos ou mais estavam com sobrepeso, ou seja, com alguns quilos a mais do que seria normal para sua altura. E que 9% da população era obesa, ou seja, estava pelo menos 15% acima do peso ideal. O levantamento também constatou que apenas 4% dos pesquisados apresentava-se abaixo do peso.” Até mesmo a Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO) utiliza a expressão ‘epidemia da obesidade’.

PARTE II

DA ATUALIDADE AO CIBERESPAÇO

“O excesso de cuidado causa o perfeccionismo imobilizador”
(Leonardo Boff, “Saber Cuidar”)

“Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem, quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestido?”
(Mt 6, 25)

“Não vale mais um histérico verdadeiramente vivo no questionamento permanente da própria existência que um obsessivo que evita acima de tudo que algo aconteça, que escolhe a morte em vida?”
(Slavoj Žižek, “Bem-vindo ao Deserto do Real”)

1. PRÁTICAS E TRANSTORNOS ALIMENTARES

Para Naomi Wolf (1992), “o alimento é o símbolo básico do valor social”, tendo em vista que “aquele a quem uma sociedade valoriza, ela alimenta bem” (p.250). É claro que, como veremos a seguir, o que vai mudar de acordo com a época e com a cultura das diversas sociedades é o significado desse “bem”. Porque se em determinado momento, alimentar-se bem era comer bastante, por exemplo, hoje já não podemos dizer que signifique a mesma coisa. Jane Ogden (2003) também concorda que o alimento – ou, em alguns casos, a refeição ou ritual de alimentação – ocupa posição central em cada cultura, possuindo diversos sentidos. Assim, ela afirma que o ato de comer pode ser entendido como um ato comunicativo que promove uma afirmação do *self*, uma expressão de interação social, e um reflexo da identidade cultural.

Para ela, por um lado a comida faz parte da construção do sujeito em termos de conflitos entre culpa e prazer, aceitação e recusa, e como afirmação do autocontrole. Por outro, pode representar amor e cuidado, conflitos relacionados à saúde e ao prazer, e relações de poder dentro e fora da família. Além disso, a escolha por consumir ou rejeitar o alimento não se dá apenas por seus variados significados em si, mas pelos sentidos e interpretações que este pode suscitar através de sua influência sobre a saúde, a forma e o tamanho do corpo, características intrinsecamente relacionadas ao que se come e que também são símbolos culturais fortes em qualquer sociedade. Na cultura atual, podemos observar, por exemplo, a existência de práticas únicas em relação à alimentação, tendo como elemento principal as novas formas de se lidar com o corpo. Tais práticas culminam em atitudes problemáticas (porque põem em xeque a manutenção da vida individual e o sentido mesmo do que pode ser considerado ‘vida’), que se concretizam de várias formas, mas têm como maior emblema os ditos Transtornos Alimentares (ou TAs, como também chamaremos aqui).

Para entender melhor, então, qual o sentido dado atualmente ao ato de comer e sua relação com a atual forma de se conceber a saúde (ou a doença), o corpo e a subjetividade, faz-se necessária uma breve exposição sobre com tais práticas estavam relacionadas em diversos momentos da história ocidental recente¹².

¹² Embora admita que já na Grécia antiga houvesse toda uma problemática envolvendo a alimentação e o modo de vida (dietética grega), considerarei a genealogia utilizada por Georges Vigarello (1993), que inicia sua análise a partir da Idade Média. Tal escolha se deu simplesmente para tornar mais sucinta e objetiva a relação entre as práticas alimentares apresentadas e as atuais, vistas nos Transtornos Alimentares.

1.1. Breve histórico das práticas alimentares

Na Idade Média, o homem já se valia da alimentação como um dos meios de se obter saúde. Entretanto, mesmo ao percebermos que práticas como os regimes, jejuns ou expurgações eram utilizadas como na atualidade (embora em escala bem menor), podemos notar diferentes sentidos ou motivações entre elas. Georges Vigarello (1993), ao analisar a história das práticas de saúde no mundo ocidental, afirma que foi no século XI que surgiram os primeiros conselhos sobre como se alimentar, estimulando a moderação dos apetites para se alcançar a pureza interna, o que se perpetuou até o século XIII. Durante esse período, a ‘fiscalização sobre a nutrição’ dos corpos se restringia a uma elite, não fazendo parte do cotidiano da maioria da população.

Mas é interessante observar os motivos pelos quais devia se comer moderadamente e que tipo de pureza era buscado. Para os indivíduos da Idade Média, os alimentos desempenhavam o papel de equilibrar os humores, através de suas características purificadoras, o que era necessário para manter também a ligação e o equilíbrio entre os corpos e o mundo (cosmos). Além disso, a moderação facilitava a excreção e evacuações, contribuindo para a purificação. O corpo humano medieval era correspondente idêntico do corpo da natureza e, portanto, o “cuidado com a saúde supunha uma afinidade especial entre o estado do corpo e o dos astros, entre o funcionamento dos órgãos e o das estações, dos ventos, do clima e das águas” (VIGARELLO, 1993, p.43).¹³

Foi nesse momento que algumas jovens começaram a ter uma relação incomum com a comida como forma de se sentirem mais próximas de Deus. Catarina de Siena, Liduína de Shiedam e Clara de Assis (séculos XIII a XV) foram algumas que viram na recusa da comida um meio de se ‘autopenitenciarem’ e fugirem das ‘tentações da carne’, o que as faz hoje serem apelidadas de “santas anoréxicas” (WEINBERG e CORDÁS, 2006). Entretanto, na Idade Média, a negação do alimento estava ligada a um jejum ascético, religioso, e ao abandono do corpo em nome da alma e da vida eterna. Além disso, era muito comumente desempenhada em conjunto a práticas filantrópicas ou assistencialistas. Era uma evasão de si (possibilitada pela aceitação de si enquanto ser limitado, etc, e não pela recusa) enquanto ser humano imperfeito, mas que jamais poderia chegar à perfeição em sua vida terrena. Tais práticas extremas, assim como os regimes e jejuns aconselhados

¹³ Tradução livre para: “l’entretien de la santé suppose une affinité toute spéciale entre l’état du corps et celui des astres, entre la marche des organes et celle des saisons, des vents, des climats et des eaux” (VIGARELLO, 1993, p.43).

pelos especialistas da época, também eram próprias de grupos específicos; neste caso, de mulheres católicas que buscavam a santidade. É importante notar que os homens também praticavam atos de abnegação e desprendimento de si. No entanto, sua renúncia não era direcionada ao alimento, mas ao dinheiro, às tradições familiares e aos cargos públicos, como mostra a vida de santos como São Francisco de Assis e Santo Inácio de Loyola. (WEINBERG e CORDÁS, 2006).

A partir do século XVII, com a insistência de certos especialistas de que o regime alimentar era necessário e conveniente a qualquer indivíduo, devendo ser praticado sob sua própria responsabilidade, vê-se a expansão da prática que já não podia ser considerada de exceção. Nesse momento, segundo Vigarello (1993), pode-se dizer que é fundada uma ‘medicina de si mesmo’ que, embora mantenha a prática do regime alimentar e da expurgação dos excessos como requisito para se viver mais e bem, dá ao sujeito a capacidade de, sozinho, dispor das informações e dos conselhos médicos e de acessar a interioridade do seu corpo. A consequência disso é a visão de que a busca por práticas saudáveis não seria apenas uma opção ou uma escolha possível, mas uma necessidade. O corpo passa então a ser percebido mecanicamente, de forma autônoma, de modo a viver mais e melhor consigo mesmo e sua produtividade, e não mais como um correlato do mundo natural, que deveria andar em consonância com ele.

No século XVIII, com a descoberta dos benefícios das fibras para a manutenção do equilíbrio corporal, surge a preocupação com as ações de saúde preventivas, neste momento direcionadas ao fortalecimento e à resistência do corpo, a fim de evitar sua morte. Os regimes alimentares passam a ser impostos também às crianças e começa a ganhar importância a prática de exercícios físicos. A partir do século XIX, com a ocorrência de epidemias na Europa e a ameaça de infecção da elite pela massa popular, as ações de saúde se tornam de importância coletiva e pública. O Estado passa a promover campanhas não só sanitárias, mas também alimentares, incentivando a industrialização dos alimentos e a pesquisa sobre eles. Tais mecanismos relacionados à saúde e à alimentação condizem com a sociedade disciplinar, teorizada por Michel Foucault (1983). Nesse momento, portanto, o corpo é objeto de análise e esquadramento, também nas práticas educativas e prisionais, assim como em relação à sexualidade (FOUCAULT, 1977).

Dentro desse contexto, Jurandir Freire Costa (1989), ao analisar a formação da família e da subjetividade moderna no Brasil, atenta para as transformações ocorridas nos domicílios (ambiente físico e relações familiares), no espaço público, no trato aos escravos

e na relação com os especialistas médicos a partir da implementação da higiene. Para ele, é nesse período que há uma aceitação da medicina como padrão regulador dos comportamentos, conduzindo os indivíduos à tutela do Estado. O discurso médico reforça a ordem econômica da época e serve ao ideal moderno de normalização já que, de acordo com o autor, “a tática médica de controle dos indivíduos pressupunha a existência de um cidadão perfeito, livre e trabalhador, para que a articulação necessária entre o sujeito do contrato social e o sujeito da disciplina pudesse concluir-se” (COSTA, 1989, p.121).

Em relação à alimentação e nutrição, é também neste século que, segundo Ogden (2003), a comida reflete mais claramente relações hierárquicas de poder, dentro e fora das famílias ocidentais, principalmente em lugares onde o patriarcalismo ainda é forte. Como exemplo, ela cita que os homens recebiam porções de comida maiores e mais elaboradas do que as mulheres, as crianças e os velhos. Wolf (1992) vai além: esta relação de poder era tão forte e imposta que a mulher ‘aprendia’ a negar a comida e até mesmo a própria fome, para não desagradar os costumes, às vezes comendo escondida os restos. Também é na passagem do século XIX para o XX que as teorias contrárias ao capitalismo industrial citam o ato da alimentação como ato de partilha e subsistência e, portanto, de busca pela igualdade.

Como já vista na primeira parte deste trabalho, a mudança ocorrida a partir do século XX é definida, principalmente, pelo esforço do corpo humano não apenas em buscar viver bem e mais, mas viver melhor. Ou seja, não apenas ser o melhor homem possível, mas ser um melhor homem. Como afirma Vigarello (1993), um “melhor-ser”¹⁴, além das limitações do bem-estar e do próprio ser. O conceito mesmo de saúde se torna indefinido, já que, mesmo as estatísticas mostrando que a expectativa de vida vem aumentando e diversas doenças foram erradicadas no mundo inteiro, cada vez mais os indivíduos afirmam ser portadores de algum tipo de doença e cresce imensamente o número de revistas especializadas que se declaram “indispensáveis para a obtenção de saúde” (VIGARELLO, 1993, p.302). Assim, a saúde, agora passível de ser consumida, passa a ser estilo de vida. A cura e, principalmente, a prevenção das doenças vão deixando de ser compromisso do Estado para passarem a ser obrigação de cada indivíduo consigo

¹⁴ Vigarello utiliza a expressão “mieux-être” para contrapor à idéia de “bien-être”. Nesse caso, estaríamos assistindo, hoje, a uma nova concepção de saúde, segundo a qual mais importante do que o “bem-estar” pessoal (físico e mental) e social seria o “melhor-estar”, ou seja, a busca por estar sempre mais do que o possível, e não simplesmente o melhor possível. Refletindo sobre a própria questão tecnológica de aprimoramento que se coloca hoje para diversos autores (SIBILIA, 2002; PEDRO, 1998; PASSOS, 2002; PELBART, 2008; ORTEGA, 2005) sobre uma “super-humanidade” ou “pós-organicidade”, preferi traduzir o termo como “melhor-ser”.

mesmo. Cabe a ele optar por ser saudável ou não, diante da imensa gama de informações disponível sobre os riscos e os benefícios de cada opção disponível para o consumo.

Também o conceito de alimentação parece fazer parte dessa lógica. Hoje, alimentar-se não tem somente mais a ver com uma nutrição balanceada, ou ainda com disputas hierárquicas, mas com busca de identidade e obtenção de beleza e longevidade. As relações de poder ainda existem, porém ligadas aos modos de ser associados ao ‘uso’ de determinado alimento. Assim, como qualquer produto, o alimento atualmente não precisa cumprir somente os requisitos básicos de sustento, mas preencher a demanda de bem-estar físico e social, assim como as exigências de certo grupo ou meio cultural. Muito mais do que ter ‘sustância’ ou oferecer algum prazer, todo produto alimentar hoje deve prezar pelo ‘melhor-ser’ em relação à saúde e em relação à beleza (ou seja, conter baixo teor de açúcar, gorduras e calorias, vitaminas de todo o tipo, atentar para o consumo sustentável, etc). Por conta disso, seu consumo serve também para fornecer informações sobre o indivíduo que compra, identificando-o. E, tal como o controle com a saúde, a alimentação passa a ser responsabilidade de cada um consigo mesmo, o que faz da informação e dos meios de comunicação, assim como as áreas destinadas ao marketing e a publicidade das empresas, elementos essenciais para o funcionamento da sociedade capitalista contemporânea. E nós respondemos muito bem a esse aprendizado, afinal, quem hoje em dia não sabe o que é um produto *light* ou *diet*? Ou que deve se evitar a gordura *trans*? Ou ainda, quem não consulta tabelas nutricionais ou escolhe o que comer pela quantidade de vitaminas ou calorias?

1.2. Transtornos alimentares: História, definição e características

Em 1873 foi descrito, pela primeira vez, um distúrbio feminino envolvendo emagrecimento severo e amenorréia (isto é, ausência de pelo menos três ciclos menstruais consecutivos), sendo denominado então como Anorexia Histérica. Um ano depois, foi descrita a Anorexia Nervosa, que definia, simplesmente, uma “perda de apetite nervosa” (OGDEN, 2003, p.179). Nessa época, a característica principal e definidora do transtorno era o comportamento alimentar que se configurava na recusa da comida. Muitos afirmam que, na anorexia histérica, esta negação do corpo parecia ter relação com a abdicação da sexualidade ou feminilidade, ou ainda com a rejeição a uma figura de autoridade. A partir do século XX, principalmente da década de 60, novos sintomas foram sendo observados, como o medo intenso de ganhar peso (descrito em 1967) e a aversão mórbida à gordura

(observada em 1970). Na década de 80, percebeu-se uma forte associação do distúrbio ao desejo e à busca pelo autocontrole. Sobre isso um pesquisador afirmou, naquele momento, que as portadoras do transtorno pareciam ver nele uma “aura de poderes especiais e disciplina sobre-humana” (OGDEN, 2003, p.180).

Já o termo Bulimia Nervosa apareceu pela primeira vez em 1979, criado por um psiquiatra para descrever uma ‘variação’ da Anorexia Nervosa em 30 de suas pacientes (OGDEN, 2003). A partir daí, tem-se notado pelos especialistas que a maioria das pessoas que possuem anorexia desenvolve bulimia após um tempo (compulsão periódica seguida de expurgações) ou evoluem do quadro anoréxico restritivo ao tipo purgativo¹⁵. A grande característica da bulimia – e, hoje, também dos episódios compulsivos na anorexia – seria, portanto, a perda (ou a sensação de perda) de controle seguida de imensa culpa. À diferença dos indivíduos com Anorexia Nervosa, os indivíduos com Bulimia Nervosa são capazes de manter um peso corporal no nível normal mínimo ou acima deste.

De acordo com a quarta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV-TR), publicada em 1998 pela Associação de Psiquiatria Norte-americana (APA), os Transtornos Alimentares são caracterizados por severas perturbações no comportamento alimentar, incluindo os diagnósticos de Anorexia Nervosa e Bulimia Nervosa, distúrbios que devem apresentar, necessariamente, perturbação na forma e no peso corporal (também presentes no Transtorno Dismórfico Corporal¹⁶). Assim, nesta classificação, a obesidade simples não se caracterizaria como distúrbio mental (e mesmo que se originasse de fatores psicológicos, estes deveriam ser relatados como elementos que afetam a condição médica do paciente, e não como um transtorno em si), e nem o dito Transtorno Alimentar sem outra especificação (qualquer alteração alimentar que não apresenta as características específicas dos TAs anorexia e bulimia nervosas). Já a Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à Saúde¹⁷ (CID-10), publicada em 1993 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), considera como Transtornos Alimentares a Anorexia Nervosa e a Anorexia Nervosa Atípica; A Bulimia Nervosa e Bulimia Nervosa Atípica; a hiperfagia associada a outros distúrbios psicológicos

¹⁵ De acordo com o DSM-IV-TR, a Anorexia Nervosa pode ser do tipo Restritivo (quando a perda de peso é alcançada através de dietas, jejuns ou exercícios excessivos) ou do tipo Compulsão Periódica/ Purgativo (quando o indivíduo se envolve regularmente com compulsões periódicas ou expurgações mesmo após ingerir pequenas quantidades de alimento).

¹⁶ Também segundo o DSM-IV-TR, o Transtorno Dismórfico Corporal se caracteriza como um distúrbio (obsessivo) da imagem de qualquer parte do corpo (achar o nariz muito grande, as pernas muito finas, etc). Atualmente, a Vigorexia (obsessão por exercícios físicos, no intuito de acumular músculos) é classificada como um TDC.

¹⁷ Ou, simplesmente, Classificação Internacional de Doenças.

(ou hiperfagia psicogênica, ou seja, comer compulsivamente após eventos estressantes como luto, acidente, etc); o vômito psicogênico (associado a outros distúrbios psicológicos); outros transtornos da alimentação como perda de apetite psicogênica; e os transtornos da alimentação não-especificados. A CID-10 também exclui a Obesidade dos TAs pois a define como uma condição médica geral associada a diversas doenças.

Ao se referir aos transtornos alimentares, portanto, este trabalho utilizará descrição como a apresentada pelo DSM-IV, para que fique claro se tratar de práticas alimentares essencialmente relacionadas à percepção distorcida da imagem corporal, ao desejo de emagrecer e ao horror pela gordura. Aliás, são esses os critérios principais para o diagnóstico de um TA. Uma questão importante a ser observada quando se fala em percepção distorcida da imagem corporal é que não se trata apenas de se ver gorda quando se está magra. A maior característica desta visão dismórfica é a concepção do corpo fragmentado, ou a falta de perspectiva deste como um todo, e sim como partes e membros disformes e dissociados entre si. Assim, mesmo se achando magra, a menina com um transtorno alimentar pode se mostrar extremamente incomodada com o tamanho ou formato do quadril, ou do culote, por exemplo, o que nunca mudará por mais que se emagreça.

Para o DSM-IV-TR, assim como para a CID-10, a Anorexia Nervosa tem como outros sintomas o peso corporal abaixo de 85% do esperado e amenorréia. Além disso, quando seriamente abaixo do peso, as meninas podem apresentar características obsessivo-compulsivas, tanto relacionadas quanto não relacionadas com comida, e sintomas depressivos tais como humor deprimido, retraimento social, irritabilidade, insônia e interesse diminuído por sexo. Na Bulimia Nervosa, além das características já apresentadas, essenciais para o diagnóstico de um Transtorno Alimentar, outros sintomas são: episódios recorrentes de compulsão periódica ou *binge-eating* (ingestão, em um período limitado de tempo, como por exemplo algumas horas, de uma quantidade de alimentos definitivamente maior do que a maioria das pessoas consumiria); sentimento de falta de controle sobre o comportamento alimentar durante o episódio (incapacidade de parar de comer ou de controlar o que ou quanto está comendo); comportamento compensatório inadequado e recorrente (em média duas vezes por semana, por três meses), como auto-indução de vômito, uso indevido de laxantes, diuréticos, enemas ou outros medicamentos, jejuns ou exercícios excessivos. Também a bulimia pode ser dividida em dois tipos. O purgativo ou o sem purgação (quando durante o episódio atual do distúrbio, o

indivíduo usa outros comportamentos compensatórios inadequados, tais como jejuns ou exercícios excessivos, mas não se envolve regularmente na auto-indução de vômitos, etc).

De acordo com o DSM-IV-TR, ambos os transtornos ocorrem com maior frequência em mulheres (cerca de 90% dos casos), adolescentes e jovens adultas (o início da doença se dá, principalmente, dos 13 aos 18 anos), que vivem em países ou regiões mais desenvolvidas e industrializadas. Cerca de 1% da população jovem feminina mundial apresenta todos os critérios para a Anorexia Nervosa. Já os indivíduos que não atingem o limiar para o distúrbio (embora apresentem sintomas) são encontrados com frequência cada vez maior. A Bulimia Nervosa atinge entre 1 e 3% de mulheres jovens no mundo. É unanimidade entre os especialistas que o surgimento dos distúrbios parece estar ligado a ideais estéticos de magreza e a fatores culturais. Também se percebe maior incidência em adolescentes que possuem histórico familiar destas doenças (principalmente da mãe). No caso da bulimia, diversos estudos sugerem que, em grande parte dos casos, parentes biológicos em primeiro grau possuam também Transtornos do Humor e de Abuso e Dependência de Substâncias¹⁸.

Para Juliana D'Augustin, do Grupo de Obesidade e Transtornos Alimentares (GOTA) do Rio de Janeiro¹⁹, essas estatísticas parecem se confirmar no Brasil. Em 2006, um estudo realizado pelo Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com universitárias com idade média de 20 anos²⁰, revelou que 64,9% das estudantes queriam perder algum peso, embora 90% delas estivessem dentro do padrão considerável saudável (BOSI et al., 2006). Além disso, embora tenha sido observado um índice muito pequeno de práticas extremas para emagrecer (como vomitar, etc), 48% das meninas afirmaram fazer dieta com alguma frequência e 53,9% afirmaram estar preocupadas com o desejo de ficarem mais magras. Ainda de acordo com D'Augustin, a anorexia e a bulimia são patologias com elevados índices de morbidade. Segundo ela, “com os métodos de tratamento atuais apenas 50% dos pacientes com anorexia consegue obter uma recuperação completa. Além disso, cerca de 20% dos indivíduos permanecem com sintomas residuais e 30% evoluem com quadro de

¹⁸ Também de acordo com o DSM-IV-TR.

¹⁹ O GOTA é um grupo multidisciplinar do Instituto Estadual de Diabetes e Endocrinologia Luiz Capriglione (IEDE) e conveniado ao Instituto de Psiquiatria (IPUB) da UFRJ. Possui vínculo também com a Pós-graduação em Endocrinologia da PUC-Rio.

²⁰ O estudo foi realizado com estudantes do curso de Nutrição da UFRJ, o que, para os autores, o torna ainda mais emblemático, já que são estas as futuras profissionais que irão lidar com a alimentação, inclusive com a de eventuais pacientes em tratamento de distúrbios alimentares.

curso crônico independente do tratamento utilizado”²¹. Já a bulimia costuma apresentar um prognóstico um pouco melhor: as taxas de recuperação podem alcançar de 40 a 70%. Segundo a especialista, são cada vez mais comuns relatos de meninas que apresentam os transtornos ainda na infância, de homens (também adolescentes) e de pessoas de classes sociais mais baixas ou de regiões periféricas. Isso ocorreria tendo em vista a globalização, o maior direcionamento do mercado de produtos estéticos a diversas faixas etárias e classes sociais, e a valorização crescente dos cuidados com a beleza masculina.

Tendo entendido como são definidos os Transtornos Alimentares e que práticas estão implicadas nisso, iremos conhecer agora o outro aspecto do nosso objeto de estudo.

2. *WEBLOGS*

Muito do que hoje é apresentado como critério diagnóstico para os Transtornos Alimentares vem exatamente da observação dos *blogs* pró-ana e pró-mia, freqüentemente entendidos como meio de propagação e divulgação da doença (sendo acusados, por isso, de fazerem apologia aos distúrbios) ou como meros sintomas contemporâneos dos transtornos. Entretanto, como veremos no decorrer da análise e como já foi dito na introdução deste trabalho, o que se percebe é que, mais do que relatarem as práticas alimentares referentes à anorexia e a bulimia nervosas, esses espaços promovem uma indissociação mesma entre prática e discurso, criando individualidades que, ao se autodenominarem anas e mias e ao relatarem suas ações na Internet, tornam-se mais do que apenas possuidoras de um transtorno alimentar. Tornam-se, de fato, aquilo ao que mais anseiam: a personificação mesma dos distúrbios. E é isso que torna os *blogs* pró-ana e pró-mia fontes de elementos importantes para a reflexão sobre de que maneira se configurariam o corpo, a subjetividade e o cuidado na contemporaneidade.

Antes, no entanto, de ver de que maneira isso acontece, acredito que seja oportuno explicar brevemente sobre o que são os *weblogs* (ou simplesmente, *blogs*) e que características suas poderão ser úteis à análise seguinte.

²¹ Em entrevista concedida à autora deste trabalho, em dezembro de 2007.

2.1. Diários em rede: narrativa e exposição de si

Weblogs são práticas de escrita *online*, em que qualquer indivíduo pode escrever sobre sua vida privada, sobre áreas de interesses pessoais ou sobre outros aspectos sociais e culturais como notícias, críticas, artigos, etc. O termo *weblog* foi criado no *site* pessoal norte-americano ‘Robot Wisdom Weblog’ em dezembro de 1997 (LEMOS, 2002), e provém da contração das palavras *web* (rede, também definidora de Internet) e *log* (diário de navegação). Com o tempo, essas páginas acabaram ficando mais conhecidas como *blogs*, simplesmente. Para Hugh Hewitt (2005), o surgimento e o crescimento do uso desses *sites* estão associados ao livre-mercado de informações e à perda de confiança dos indivíduos na mídia hegemônica e nos meios de comunicação de massa. Segundo o autor, atualmente existiriam em torno de quatro milhões de páginas desse tipo em todo o mundo.

De um modo geral, os *blogs* podem ser vistos como instrumentos de comunicação que podem ser utilizados de maneiras distintas: como páginas pessoais (com conteúdo íntimo ou não), institucionais ou corporativas, jornalísticas (de empresa de notícias ou de apenas um jornalista), ou ainda de grupos específicos (como por exemplo estudantes que trocam informações sobre determinado curso ou assunto). Entretanto, mesmo os *blogs* não definidos apenas como diários pessoais eletrônicos contêm, em sua maioria, espaços ‘íntimos’, geralmente em forma de crônica, em que são narrados fatos do cotidiano do autor e suas percepções, sentimentos, etc.²² É por isso que André Lemos (2002) diz que se trata de uma apropriação social da *web* como forma de reeditar práticas antigas (como os diários íntimos de papel), antes inibidas à publicização. Os *blogs* pró-ana e pró-mia estudados se encaixam neste perfil, por conterem narrativas sobre o autor, expostas por ele mesmo.

Em relação à dinâmica, os *blogs* pessoais apresentam blocos de textos curtos (geralmente de estilo informal e chamados de *posts*), atualização freqüente, organização cronológica (visualização do *post* mais recente ao mais antigo) e facilidade de publicação (ou seja, para se construir uma página pessoal, não há necessidade de conhecimentos técnicos sobre determinadas ferramentas, como *HTML*,²³ e muitos *sites* de hospedagem hoje fornecem padrões de páginas – ou *templates*, termo que define o espaço gráfico e visual da

²² Ver como exemplo o *Blog* do Noblat, <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>, no qual o jornalista mantém o “Diário de avô”, em que conta o cotidiano de sua família.

²³ Sigla para *Hypertext Markup Language* (ou linguagem de publicação na rede).

tela – nas quais basta ao blogueiro²⁴ inserir textos, imagens, vídeos e fotografias). Sendo assim, de acordo com Lemos (2002), os *blogs* possuem formato hipertextual (atualização constante, de qualquer lugar e em tempo real, com utilização de links e outros recursos audiovisuais, alcance planetário e imediato).

Suas características relacionadas à forma são as ferramentas dispostas visualmente de acordo com o *template* escolhido ou criado, que servem para a identificação do autor da página e para a publicação de informações. Assim, esses *sites* apresentam, além dos *posts* publicados, um perfil do blogueiro (contendo, quase sempre, nome – geralmente um codinome, ou pseudônimo – , idade, local onde mora e lista de interesses); espaço para a manifestação de comentários dos leitores a cada *post*; arquivo contendo os *posts* mais antigos, divididos a partir da data de postagem (geralmente em meses); *links* para outros *blogs* (definidos como ‘amigos’ ou ‘favoritos’) indicados pelo autor das páginas. No caso dos *blogs* pró-ana e pró-mia, todos os aspectos assinalados, tanto relacionados à dinâmica quanto ao visual, poderão ser encontrados, ainda que com algumas especificações (o perfil apresentado pelas anas e mias inclui, por exemplo, o peso da autora do *blog* e quantos quilos elas espera perder, e apresenta somente o codinome, não informando o nome ‘verdadeiro’ da autora).

A partir dessas características, algumas questões podem ser levantadas, principalmente por sugerirem certa ambigüidade e por serem relevantes para o que será discutido na análise do objeto. O fato dos autores de *blogs* pessoais postarem narrativas de si, atualizadas constantemente, a um público comum e utilizarem ferramentas interativas, por exemplo, sugere uma discussão acerca de sua dimensão público-privada. Também os perfis, as imagens postadas e a utilização de codinomes sugerem a construção de uma individualidade através de determinados artifícios, ainda que seus autores afirmem confessarem suas ‘verdades’, o que coloca em questão o que hoje pode ser considerado autêntico ou ‘verdadeiro’. Já a interatividade e a exposição de si traz também a questão da sociabilidade virtual num meio como o computador, por exemplo, que só pode ser utilizado individualmente, e de suas implicações para a relação com o outro da comunidade estabelecida.

Sendo assim, poderia-se dizer então que, nos *blogs* pessoais, a relação entre público e privado se confunde, trazendo uma série de redimensionamentos. Denise Schittine (2004) tenta explicar essa ambigüidade da vida que se fecha em um diário, mas

²⁴ Blogueiros são pessoas que mantêm *blogs* ou postam com frequência.

que se abre para um determinado público, através da trajetória histórica que permitiu a criação da individualidade. Para ela, esse esforço começou na restrição ao quarto, ao aparelho de televisão individual (e outros aparelhos eletrônicos, como *walkmans*, etc) e, finalmente, ao computador, que permitiu a criação de uma esfera privada que, entretanto, se desdobra para um outro mundo – o virtual – e permite ao indivíduo estar “em dois lugares ao mesmo tempo” (p. 35). Dessa forma, acostuma-se a aceitar a observação externa somente se ela vem de longe, de forma difusa, sem identificação. Assim, o outro a quem o sujeito se expõe também sem se identificar (o que ocorre nos *blogs* pessoais e, principalmente, nos *pró-ana* e *pró-mia*) passa a ser um espelho de si mesmo. Como o exemplo da “Casa de Vidro”²⁵ sugerido pela autora, as pessoas podem se ver umas as outras (quem está dentro e quem está fora), mas não podem se tocar, ou penetrar em ambos os mundos divididos pela parede ‘invisível’.

Nesse sentido, outro aspecto importante dos *blogs* é a criação de personagens (identificadas pelos codinomes e outros artifícios) como construções de si mesmo, que acaba por confundir não só o que é público e o que é privado, mas o que seria ficção e o que seria vida ‘real’. Isso porque essa exposição do ‘eu’ se dá de modo performático, ainda que colocado em tom confessional o que pressuporia a revelação de um segredo, ou a narrativa de uma memória íntima). Essa performance é possibilitada, entre outras coisas, pela sua interatividade: nos *blogs* pessoais o olhar do leitor acaba por definir o que pode ou não ser exposto e seus comentários, por modificar ao longo do tempo como e quem o autor diz ser. Entretanto, isso não precisa ser considerado como falso ou inautêntico. Pelo contrário, apenas inaugura uma nova forma de ser e de expressar a si mesmo. Assim, segundo Lemos (2002), os *blogs* podem ser considerados autoficções narcisísticas, reconstruções identitárias e expressão de individualidades. Entretanto, se estes aceitam a publicização do meio telemático, fundamentalmente interativo, acabam gerando algo impossível para as antigas escritas de si (mesmo para as que fossem publicadas em forma de livros autobiográficos): a agregação social.

Segundo Alex Primo (2007), esta agregação a partir dos *blogs* (os fluidos conversacionais, como ele denomina) podem ser “intra-blogs” (através da ferramenta de comentários), “inter-blogs” (através dos links que interligam os diversos *blogs*) e “extrablogs” (via e-mail, chats, interações face-a-face, etc). Por causa disso, Raquel

²⁵ Segundo Schittine (2004), a Casa de Vidro foi um projeto de investigação artística, chamado *Nautilus*, colocado em prática por Arturo Torres e Jorge Cristi no Chile, em 2001. O projeto consistiu na instalação de uma casa com paredes de vidro em uma rua movimentada, na qual viveu, por dois meses, uma atriz de 21 anos selecionada por eles.

Recuero (2007) afirma que tais páginas podem ser consideradas “comunidades virtuais”, tendo em vista que são “agrupamentos humanos surgidos no ciberespaço” e formam redes sociais. Para ela, a sociabilidade praticada através da tela é ‘real’ pois existem laços relacionais e confiança no ambiente em questão, principalmente pelo sistema de comentários, mas também pela inclusão dos *links* na lista de *blogs* semelhantes ou conhecidos (2005a). Assim, segundo a mesma autora, “as organizações sociais geradas pela comunicação mediada por computador podem atuar também de forma a manter comunidades de suporte que, sem a mediação da máquina não seriam possíveis” (RECUERO, 2005b, p. 05). Nos *blogs* pró-ana e pró-mia tal aspecto é evidente. Afinal, as próprias blogueiras dizem participar de uma rede de apoio, na qual podem se expor sem medo e dar conselhos a quem precisa.

Tais aspectos dos *blogs* pessoais em geral, juntamente com o conteúdo do discurso (textual ou imagético) dos *blogs* analisados que remete às práticas alimentares, suscitam ainda novas reflexões. Assim, veremos a seguir, de modo um pouco mais aprofundado, o que as anas e as mias narram e de que maneira expõem sobre si e suas práticas. Ou seja, como e o que fazem ao serem transportadas para o ambiente virtual, e que consequências há a partir daí.

3. ANAS E MIAS

O que mais chama atenção nos *blogs* pró-ana e pró-mia e que configura a base para toda a pesquisa realizada, é a defesa da anorexia e da bulimia nervosas como estilo de vida. Segundo João Freire Filho (2006), estilo de vida seria aquilo que refletiria a sensibilidade (ou a ‘atitude’) revelada na escolha de certas mercadorias e padrões de consumo como modo de expressão pessoal. Além disso, diferiria tanto das ordens de *status* tradicionais quanto das clivagens estruturais modernas (como classe, gênero e etnia), em pelo menos dois aspectos essenciais: primeiro, porque tende a indicar um modelo puramente ‘cultural’, dado que “é constituído por imagens, representações e signos disponíveis no ambiente midiático e, em seguida, amalgamados em performances associadas a grupos específicos”. Em segundo lugar, porque “qualquer pessoa pode, em tese, trocar de estilo de vida, ao mudar de uma vitrine, um canal de televisão, uma prateleira de supermercado para outra” (FREIRE-FILHO, 2006)

Assim sendo, optar por um ‘estilo de vida’ passa a ser reduzido ao ato de consumo, já que atualmente são esses atos de compra que definem gostos, valores, visões de mundo e inserção social.

Impelidos a escolher, construir, sustentar, negociar e exibir quem devemos ser ou parecer, lançamos mão, de maneira estratégica, de uma variedade fenomenal de recursos materiais e simbólicos, selecionados, interpretados e disponibilizados pela publicidade, pelo marketing, pela indústria da beleza e da moda e pelos sistemas de comunicação globalizados. A escolha de um estilo de vida (intensamente focalizada pelo discurso acadêmico e mercadológico, desde os anos 1980) deve ser compreendida, neste contexto, como parte da busca dos indivíduos por “segurança ontológica”, já que permite associar o número crescente (e potencialmente desorientador) de opções de bens, serviços e lazer a um padrão mais ou menos ordenado, significativo e socialmente inteligível (...). Os estilos de vida constituiriam, em resumo, uma forma por intermédio da qual o pluralismo da identidade na contemporaneidade é administrado pelos indivíduos e organizado (e explorado) pelo comércio. (FREIRE-FILHO, 2006, p.104)

Associada à idéia de estilo de vida, vem a questão da autenticidade. Afinal, como freqüentemente propagado pela mídia, principalmente em revistas voltadas ao público jovem (FREIRE FILHO, 2006), ter um estilo de vida próprio é ‘ser diferente’ e ‘autêntico’, ainda que outros escolham o mesmo ‘estilo’. Como veremos adiante, esse discurso está muito presente nos *blogs* pró-ana e pró-mia, já que é isso o que as meninas reivindicam. Entretanto, provoca algum desconforto saber que esse estilo de vida propagado traz prejuízos gravíssimos para quem adere a ele, pois se trata, na verdade, do desejo de se obter uma doença (assumida como tal pelas próprias anas ou mias).

Os blogueiros dão ainda as distúrbios características afetivas e pessoais, como demonstram os termos ana²⁶ (que, como já vimos, nomeia a anorexia, ou ainda, a pessoa anoréxica) e mia (que significa bulimia ou a bulímica), sempre utilizados para simbolizar também as ‘verdadeiras amigas’ das autoras dessas páginas. Os *blogs* defendem ainda a escolha de cada um por essas práticas alimentares e oferecem suporte àqueles que necessitam de informações sobre os transtornos, dicas de dietas e, principalmente, apoio emocional entre os que dizem fazer parte dessa comunidade.

Para delimitar melhor esse universo e formular estatísticas que informassem elementos importantes como gênero, idade e localidade das pessoas que possuem *blogs* pró-ana e pró-mia, foi feita uma pesquisa através do site de buscas *Google*, em 03 de abril

²⁶ Algumas blogueiras brasileiras utilizam também o termo “anna” (‘importado’ dos *blogs* de língua inglesa). A maioria das que o utilizam, no entanto, usa-o concomitantemente à forma com um ‘n’. Portanto, para fins de pesquisa, considerei na busca por palavra-chave apenas esta última.

de 2007. Durante o processo, foram encontradas 1.990.000 ocorrências para as palavras-chave “*blogs+ana+mia*” quando procuradas em toda a web, e 129.000 ocorrências quando a pesquisa se limitou às páginas do Brasil. Analisando 0,1% destes últimos resultados (ou seja, 129 ocorrências), pôde-se perceber que um pouco mais da metade são de *blogs* pró-ana, sendo a outra metade composta por *blogs* em geral que apenas citam o fenômeno ou por *sites* que apresentam matérias sobre o assunto. O gráfico (Graf.1) abaixo mostra os resultados citados, ou seja, a incidência de *blogs* pró-ana e pró-mia em *sites* brasileiros, assim como de outras páginas na Internet que apresentaram as palavras utilizadas na busca.

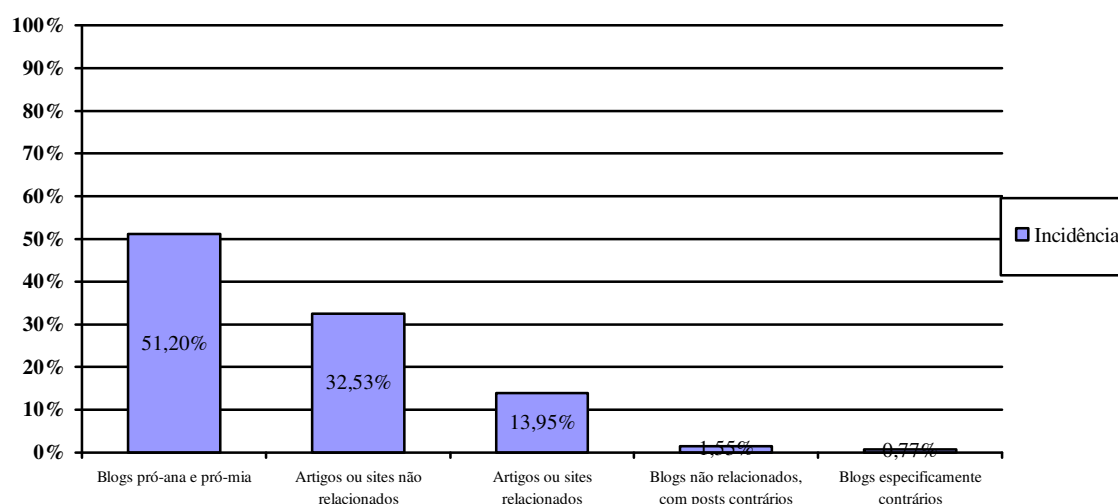


Gráfico 1 – Incidência de blogs pró-ana e pró-mia e sites correlacionados em páginas do Brasil na internet.

A partir da análise dos *blogs* pró-ana e pró-mia (as 65 páginas referentes ao 52,2% do total de *blogs* deste tipo), foram constatados outros aspectos que podem ser considerados significativos para o nosso estudo, já que acabaram por confirmar certas características próprias dos transtornos alimentares (predominância em adolescentes mulheres de regiões mais desenvolvidas economicamente), já constatadas através das descrições fornecidas em capítulo anterior. Em relação ao gênero, por exemplo, foi verificado que apenas 1,5% dos *blogs* pertencem a autores que se declaram do sexo masculino. Quando analisados em relação à idade, quase 80% dos blogueiros que a informam dizem ter entre 15 e 25 anos e, quanto à origem, quase 70% dos que a declaram afirmam que vivem no sudeste do país. Os gráficos a seguir (Graf.2 ao Graf.5) servem para ilustrar a expressividade desses dados:

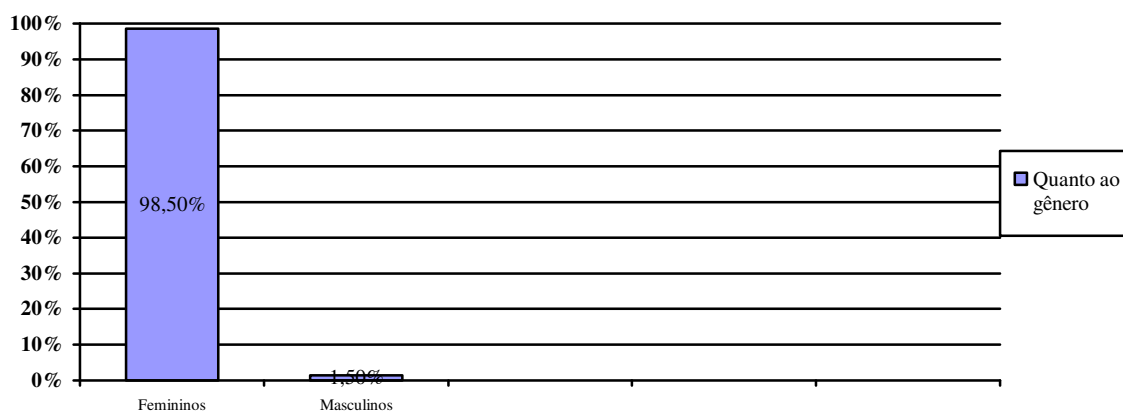


Gráfico 2 – Incidência dos blogs estudados quanto ao gênero dos seus autores.

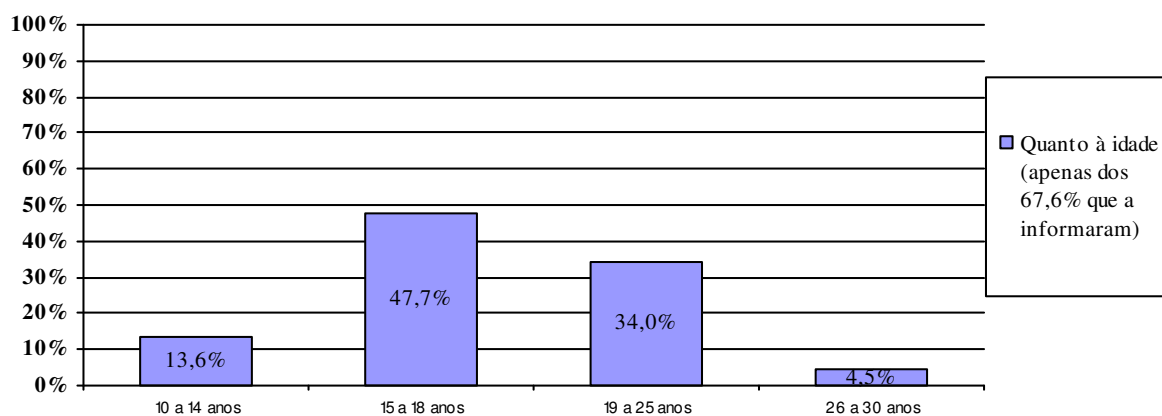


Gráfico 3 – Incidência quanto à idade dos autores das páginas.

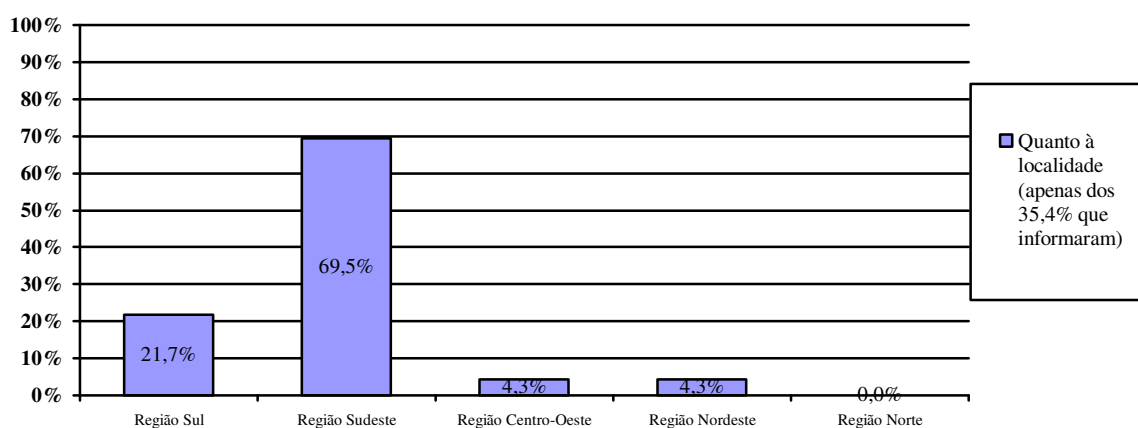


Gráfico 4 – Incidência quanto à origem dos blogs analisados.

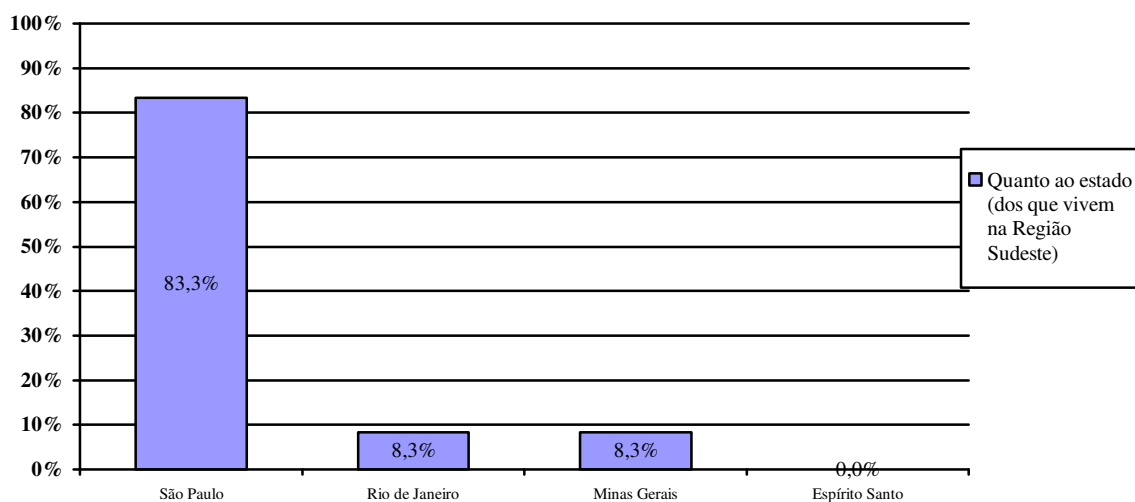


Gráfico 5 – Divisão em ocorrências por estado da Região Sudeste.

Após a verificação desses dados básicos preliminares, que visam à apresentação geral do fenômeno, foi necessária uma definição de método que delimitasse a quantidade de *blogs* a serem descritos e analisados mais profundamente. Considerando que o conjunto de 65 *blogs* pró-ana e pró-mia encontrados seria de difícil observação e análise, tendo em vista o volume de informações, fez-se necessária uma diminuição nesse número para, pelo menos, um terço dele. Para que, no entanto, a pesquisa abrangesse toda a gama de *blogs* encontrados e não simplesmente os mais acessados, foram escolhidos de três em três, desde o primeiro até o último *blog* a partir do critério de aparecimento no *Google* (tendo sido a opção pelo número três fundamentada numa quantidade razoável de páginas, passível de ser analisada com profundidade).

Assim, no mês de agosto de 2007, dos 65 *blogs* encontrados, foram selecionados 17. Destes, três não foram mais encontrados na rede²⁷, ficando, portanto, 14 *blogs* pró-ana e pró-mia próprios para a análise que se segue. Esse número, embora pareça pequeno para uma pesquisa substancial (quantitativa), mostra-se qualitativamente satisfatório, tendo em vista que dados em comum puderam ser observados e aproveitados na análise de maneira significativa. Entendendo que, como qualquer página pessoal, tais *blogs* possuem particularidades e elementos discursivos específicos e, portanto, difíceis de serem avaliados, a análise exposta a seguir diz respeito apenas às características básicas e comuns

²⁷ Não se sabe o motivo dos *blogs* não terem sido mais encontrados, se por retirada dos próprios autores ou por inatividade. Esta última hipótese de fato é bem possível, já que foi constatado na pesquisa que a maioria destes *blogs* não é atualizada constantemente e poucos sofreram atualizações no ano de 2007. Dos 14 estudados, por exemplo, apenas um foi atualizado recentemente, já no ano de 2008.

à maioria dos casos estudados. Desse modo, optei por dividir a exposição em duas vertentes, para uma melhor visão e compreensão do objeto: a primeira, intitulada *templates*, mostra os aspectos imagéticos dos *blogs* pró-ana e pró-mia e considerações a respeito disso; a segunda, nomeada *posts*, refere-se ao conteúdo textual dos *blogs* e nos coloca questões a serem refletidas já no âmbito das práticas relatadas ou desejadas pelas anas e mias.

3.1. Templates

Ao abrir uma página pró-ana e pró-mia a impressão que se tem, num primeiro momento, é a de que se trata de uma página pessoal de uma adolescente comum e feliz consigo mesma, ainda que recheada de angústias e desabafos típicos dessa idade. Isso porque a maioria dos *blogs* apresenta uma estética suave, colorida, bem comum na Internet, com figuras e *templates* relacionados a *mangás* (desenhos japoneses) ou a figuras bem femininas como borboletas (estas freqüentemente utilizadas pelas anas e mias, por sua associação à beleza e à leveza), flores, anjos, etc. Mesmo aqueles *templates* que possuem fundo preto e imagens mais tensas (baseadas em uma estética mais *dark* ou gótica), poucos podem ser claramente associados a um estado depressivo, por exemplo (Fig.1 à Fig.6).

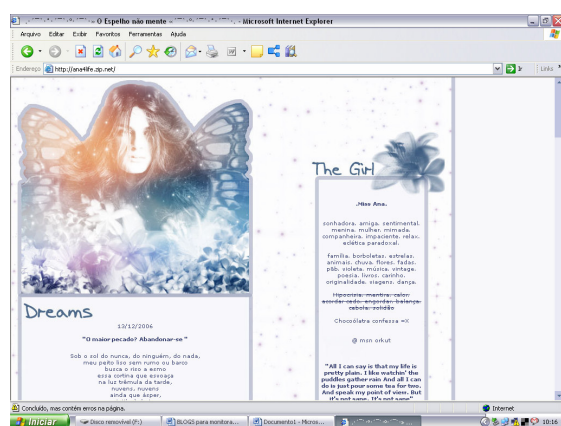


Fig 1 - <http://ana4life.zip.net/>

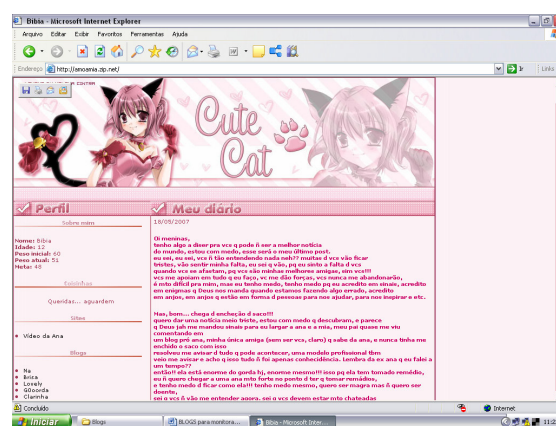


Fig 2 - <http://amoamia.zip.net/>

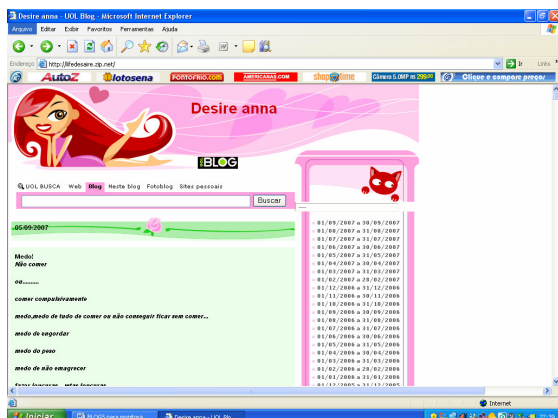


Fig. 3 - <http://lifedesire.zip.net/>



Fig. 4 - <http://cantodalegalmentemorenaanaemia.unblog.com.br/>

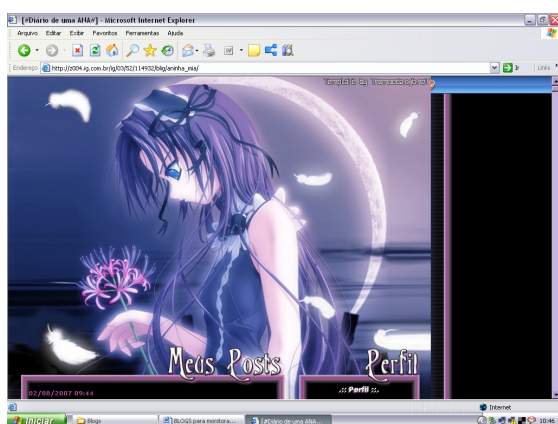


Fig. 5 - http://z004.ig.com.br/ig/03/52/114932/blig/aninha_mia/

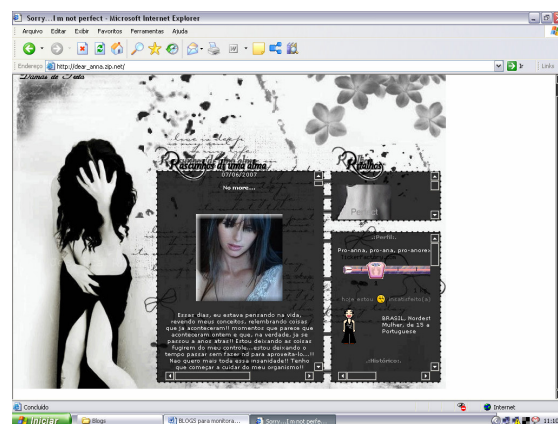


Fig. 6 - http://dear_anna.zip.net/

Em relação à estrutura, os *blogs* pró-ana e pró-mia são parecidos com qualquer página pessoal. Além do arquivo (contendo os *posts* anteriores) e dos comentários, logo no início contêm um perfil que, na maioria das vezes, apresenta as medidas corporais das autoras e a meta de emagrecimento a ser alcançada por elas. Em alguns casos, essa meta – sempre dividida por etapas a serem superadas – é apresentada no decorrer dos *posts*, através de figuras como réguas, balanças, etc (Fig.14).

Já em relação às imagens apresentadas, pode-se dividi-las em três grupos: as figuras comuns, as fotografias e os selos, espécies de imagens (animadas ou não) que evocam características de uma campanha e que frequentemente são sociabilizadas entre as blogueiras da rede de *blogs* pró-ana e pró-mia. As figuras comuns são utilizadas, basicamente, para incrementar a página visualmente. Geralmente são imagens de corações, flores, letras estilizadas, desenhos animados, etc, acompanhadas de frases, poemas ou letras de música (sempre remetendo à não desistência do que se busca e ao autocontrole, como veremos adiante...). Já as fotos são elementos muito importantes nessas páginas.

Constantemente postadas, mostram modelos e atrizes magérrimas ou pessoas famosas que já declararam possuir anorexia ou bulimia (nesse caso, há sempre o “antes” e o “depois” da ‘celebridade’ ter ‘optado’ pelo transtorno). Servem de exemplo e inspiração para as meninas que, por sua vez, raramente postam suas próprias fotos. Dentre os 14 *blogs* visitados, por exemplo, somente uma mostrava seu próprio corpo (sem, no entanto, mostrar o rosto), mas logo após o *post* em que declara ter desistido do *blog* e querer deixar de ser uma ana (ou, pelo menos, não ser com a mesma intensidade de antes). Além das modelos a serem copiadas (Fig.7 e Fig.8), há também muitas fotografias mostrando pessoas extremamente obesas, para justificar o pânico pela gordura (Fig.9 e Fig.10):

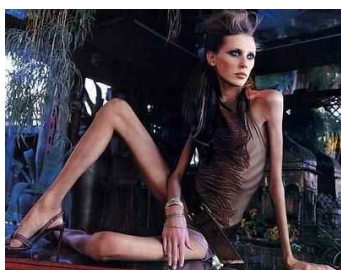


Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10

Os selos – que podem ser estáticos ou animados e são criados pelas próprias blogueiras – servem para mostrar adesão ao ‘estilo de vida’ pró-ana e pró-mia. Por isso, frequentemente remetem a imagens e frases de campanhas de apoio a grupos sociais minoritários, como os homossexuais e portadores do vírus da AIDS, por exemplo (Fig.12 e Fig.13). Além disso, também servem para explicitar o desejo das meninas de se tornarem uma ‘thinspo’ (Fig.11). O termo, que significa *thinspiration* – uma junção das palavras inglesas *thin* (magro) e *inspiration* (inspiração) –, é utilizado para denominar aquelas pessoas que já conseguiram atingir a magreza ideal (sempre uma modelo ou atriz) e que servem de inspiração para as anas e mias. Como as ‘thinspo’ são sempre imagens de outras pessoas (ou seja, corpos virtuais), não importa o quanto as anas e mias emagrecem, sempre afirmam não terem chegado à ‘perfeição’. Ser uma inspiração para as outras é sempre algo que está além, inatingível, mas que justifica as práticas narradas e defendidas.

A utilização dessas ferramentas possibilita não só a identificação do *blog* como sendo pró-ana e pró-mia, mas também a sociabilidade entre este grupo de blogueiras. Isso porque, além de se identificarem da mesma forma, formando assim certa identidade para o grupo, elas também compartilham as imagens entre si.



Figura 11



Figura 12

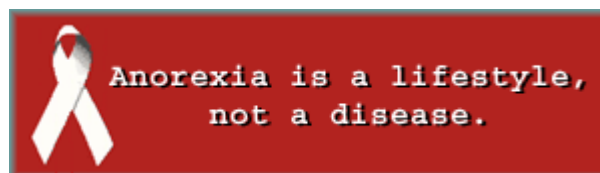


Figura 13



Figura 14

O fato das meninas não postarem fotos delas mesmas em suas páginas mostram a fascinação pela imagem do outro e a negação do próprio corpo carnal, considerado impuro e imperfeito, porque nunca magro o suficiente. Entretanto, pode-se perceber que, tanto as imagens de modelos postadas, quanto os interlocutores e pessoas que acessam os *blogs* estão ali somente como espelhos, para tornarem possível a performance, a auto-realização e o auto-reconhecimento. Pois, havendo ou não exposição de imagens de si, a relação com o outro nesse espaço não provoca conflito (e, caso provoque, pode-se facilmente desconectá-lo) mas apenas permite que o indivíduo se realize. Ele está ali (não importando quem de fato ele seja) no momento em que se quer ou que se precisa, funcionando como um reflexo (ou um desejo) de si mesmo.

3.2. Posts

Assim como não postam fotos delas mesmas, as anas e mias nunca revelam seus nomes. Seja porque têm medo ou vergonha que pais, familiares e psicólogos descubram, seja porque se sentem, desse modo, mais seguras e ‘verdadeiras’, como elas mesmas dizem. Aparentemente, a primeira coisa que se nota ao ler um *blog* pró-ana e pró-mia é a preocupação que as meninas possuem em deixar bem claro que não fazem apologia aos transtornos alimentares. Frequentemente criticadas por isso (nos comentários, pelos médicos e principalmente pela mídia), elas se defendem utilizando os mais variados

discursos e diversas ferramentas. Assim, algumas, por exemplo, colocam uma janela de alerta na entrada da página (Fig.15 e Fig.16), avisando se tratar de um *blog* a favor da anorexia e da bulimia como opções de vida ou explicitando seu conteúdo.

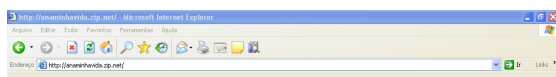


Figura 15 - <http://anaminhaveda.zip.net/>

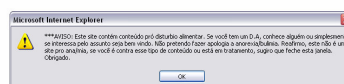
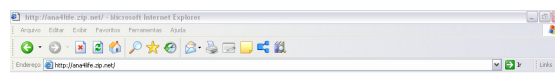


Figura 16 - <http://ana4life.zip.net/>

Além disso, também utilizam selos – como os demonstrados no tópico acima – e argumentos para mostrarem que ser uma ana ou mia é mesmo uma escolha pessoal e que, portanto, não há como influenciar ninguém a sê-las, ou ainda, que tais distúrbios não são ‘contagiosos’:²⁸

quem pensa q eu faço apologia e incentivo a ana e a mia estao mtissimo enganados.. eu sei o inferno q é essa vida q nos levamos.. vomitar nao é legal .. nem divertido .. nem nd diso q mtos falam. é um inferno isso. (...) e as vezes eu penso q s nao consigo sair disso.. seria melhor morrer msm!!
entao nao venham me pedir dicas, nem me falar q eu incentivo a ana e a mia ok???

Todos sao bem vindos neste blog
Exceto quem é contra a ele ou ao seu conteudo
(...) E por favor se nao for uma de nós nao entre

Essa rede pró-ana e pró-mia é potencializada por outras ferramentas além do *blog*, como comunidades no site de relacionamentos *Orkut*, em lista de e-mails e no programa de mensagens instantâneas *MSN*. Nesses locais, o nível de intimidade entre as anas e mias parece ser maior, tendo em vista a restrição a internautas indesejados. Entretanto, mesmo

²⁸ É importante ressaltar que todas as citações feitas pelas anas ou mias a partir de agora serão transcritas tal como aparecem nos *blogs*, para que sejam preservadas as gírias, os erros, a linguagem, etc. Entretanto, para não prejudicar a leitura, não indicarei o (sic) nas transcrições.

²⁹ <http://lifeanamia.zip.net/>

³⁰ <http://cantodalegalmentemorenaanaemia.unblog.com.br/>

nos *blogs*, as meninas se tratam entre si de “melhores amigas”, “amigas verdadeiras” (além, é claro, da própria Ana e da Mia, estas sim personificadas como as melhores amigas de todas...). Diante disso, uma está ali para dizer à outra que a entende, para estimulá-la a não desistir de suas metas e, eventualmente, convidá-la para um *no food*, ou seja, para ficarem, juntas, por um dia inteiro ou mais sem comer. Recentemente, vem sendo divulgada ainda uma nova moda entre as adolescentes que se definem como anas e mias: é a utilização de pulseiras que identificam as ‘adeptas’ a esse ‘estilo de vida’. São duas pulseiras de plástico, de duas cores diferentes, que simbolizam a Ana ou a Mia. Entretanto, essa nova forma de identificação do grupo parece ainda não muito difundida e, nos *blogs*, é até mesmo criticada.

É então através da tela que as meninas se sentem pertencentes a um grupo social. Muitas delas até mesmo declaram não possuir amigos na ‘realidade’, afirmando poderem confiar apenas nas amigas virtuais, já que elas não julgariam, cometeriam preconceitos... Ao contrário da vida cotidiana, onde teriam que conviver com a vigilância de pais e médicos, e com a culpa ou a vergonha que isso poderia acarretar. Aqui parece também que o intuito seria reduzir ao máximo os riscos de não ser aceita, de sofrer, já que o sofrimento ‘real’ de não ser o que se deseja já se mostra insuportável para essas garotas. Como afirma Bauman: “Reduzir riscos e, simultaneamente, evitar a perda de opções é o que restou de escolha racional num mundo de oportunidades fluidas, valores cambiantes e regras instáveis” (2004, p.85).

É também com o respaldo da comunidade formada com outras blogueiras que as meninas podem admitir suas opções e lutar por elas. A maioria adere a campanhas contra o preconceito contra as anas e mias, utilizando os selos já mencionados e vociferando críticas ou simplesmente sendo indiferentes aos comentários contrários a elas:

Gente, se a intenção de alguns q vêm até aqui é meter o pau nos outros, se unam. Montem um blog tb. Eu julgo. Q nome lindo!! Muito além de adequado!! Podem colocar a doente aqui no primeiro post, ok?!

Comunico oficialmente q, a partir de hoje naum retruco mais os comentários descartáveis deste blog. Apenas continuarei demonstrando meu carinho por aqueles q me compreendem, independente de apoiarem ou naum o meu distúrbio. (...) ³¹

Ninguém próximo a mim sabe destes problemas. (...) O único lugar q tenho pra desabafar e colocar as minhas neuras pra fora é aqui. Isso pq aqui encontro algumas pessoas q me entendem. No meu ciclo de amizades, ninguém

³¹ www.anamiadiva.weblogger.terra.com.br

entenderia. Naum fico puta da vida por receber críticas. Fico puta da vida pq sei q são verdadeiras e naum quero ajuda. Ponto final. Assunto encerrado. Vamos dar umas risadas agora!!³²

fiquei um tempo sem posta, tava me enxendo sabe mt gnt me criticando, mt irritando e isso enxe o saco pq eles nao cnsseguem perceber q nao adianta nada q eles falem! algm aki ja viu um fumante parar d fumar pq vc flo pra ele parar? NAOOOOOOO, entao deixem minha vida em paz, sumam e cuidem das suas okay?³³

Assim, percebe-se mesmo que, para elas, o grande objetivo dos *blogs* é a formação dessa rede, na qual pessoas do grupo trocam idéias, dicas, confidências e se apoiam umas nas outras. Entretanto, pode-se dizer que o fato delas postarem dietas ou dicas de como emagrecer, como agüentar ficar sem comer por muito tempo, ou ainda como esconder as práticas relacionadas ao distúrbio (como vomitar, jogar a comida fora, usar determinadas roupas para esconder a magreza, etc), se configura num apoio não para relatar um problema pessoal em busca de consolo e soluções (como ocorre em grupos terapêuticos como o Alcoólicos Anônimos, Narcóticos Anônimos, etc), mas de procurar legitimação para práticas individuais. Dá-se, assim, a formação de novas redes sociais que se dá não mais pelo local de nascimento, nome de família, ou classificação social, mas através das conexões obtidas através da exposição de características individuais em perfis comunicacionais, listas de gostos e interesses, etc.

Essa busca pela construção de uma rede e a incessante demanda pelo olhar e reconhecimento do outro pode nos levar a pensar que as anas e mias prezam pela coletividade e o respeito à opinião dos outros. De fato, para Denise Schittine (2004), os *blogs* possibilitariam um encontro com o outro, na medida em que este participa dessa construção de si mesmo. A partir das observações realizadas, no entanto, o que parece é que o interlocutor aceito por elas como legítimo é somente aquele que concorda com suas escolhas. Ou que, caso seja contrário às suas idéias, só é ouvido quando seu comentário permite uma resposta que reafirme o discurso da blogueira. Pedindo sugestões e dicas (como emagrecer, o que fazer em relação aos pais, aos psicólogos, aos namorados, ao corpo), as anas e mias buscam constantemente a aprovação e a legitimação de seus pares, justificando-se sempre que alguma declaração possa parecer ambígua ou fora dos padrões adotados pela comunidade. Assim, nesses espaços, o sentimento de pertencimento social se daria através da construção de uma identidade que se torna real pelo simples desejo de

³² Idem.

³³ <http://anaminhavida.zip.net/>

assim o ser, ou seja, que se faz presente na virtualidade e se torna autêntica ou verdadeira simplesmente por ser exposta.

Assim, o que se nota mesmo é um certo egocentrismo das anas e mias, não só em relação aos internautas (nas respostas aos comentários), mas também nos relatos sobre seus relacionamentos familiares e amorosos. Por isso, as ações e os acontecimentos relatados nos *blogs* dizem sempre respeito à relação da autora com a comida. Mesmo expondo angústias pessoais, familiares, ou até mesmo amorosas, o que está em jogo é sempre o que tais questões têm a ver com o distúrbio, ou seja, se influenciam ou são influenciadas pelos hábitos alimentares narrados:

“Minha vida agora ta engraçada. Eu arrumei um namo muito fofo, carinhoso, sincero. Que me ama muito mas ele sabe que eu tenho a ana e mia (...)
Por que ele virou pra mim e disse ou a anorexia ou eu.
Eu respondi você, mas a ana ja esta em mim e ninguem tira nem se quisesse.
(...) Eu vou ate as piores consequencias possiveis e impossiveis
Para o corpo perfeito para mim e o ballet
(...) tomara que continue assim ate eu tomar idade suficiente Para ir morar sozinha. Por que eu falo uma ana morando com familia que so estraga é um O bem grande. Familia como a minha que so quer saber de fazer macarrao, bolo tudo que eu odeio e antes amava. Que agora sao meus inimigos
Ninguem me apoia so a ana e meus amigos relacionados a ana
Eles sabem o que passo
Eles sabem o que e querer ter o corpo perfeito
E nao ter por causa da gordura idiota que esta no nosso corpo
Eu odeio a comida terminantemente”³⁴

minha mae e gorda e acha que tenho que ser que nem ela
A fala serio eu sou uma garota que ela nunca vai controlar nem que tranque numa masmorra
Eu sou assim e niguem tem nada a ver com isso³⁵

Já passei da fase da negação interior e do pós-fora diga-se de passagem. Agora estou entre decidida e revoltada! Quero ME sentir bem. Pra MIM.
Foda-se o resto.³⁶

Sou como nada,o nada me mostra que nada sou....
Mas talvez com vc eu serei alguém em algum segundo...
E em algum segundo tenha a atenção para dizer que não preciso de ninguém.³⁷

Nesse sentido, pode-se dizer que há mesmo um narcisismo, ainda que haja entre as meninas (ou por isso mesmo) uma negação do próprio corpo ou da própria vida cotidiana, ‘fora’ do *blog*. O mito de Narciso mostra exatamente alguém que, ao olhar o mundo, o vê

³⁴ <http://cantodalegalmentemorenaanaemia.unblog.com.br/>

³⁵ Idem.

³⁶ http://z004.ig.com.br/ig/03/52/114932/blig/aninha_mia/

³⁷ <http://lifedesire.zip.net/>

como espelho de si mesmo e, longe de se reconhecer enquanto um ‘eu’, vê, no seu reflexo, alguém fora de si. Narciso, por exemplo, ao se olhar no lago não reconhece sua imagem como sendo ‘ele mesmo’ belo, mas vê um outro (seu reflexo) belo... É por isso que pode se apaixonar por sua própria imagem e ir à direção dela. Freud (1975) afirma que o Narcisismo configuraria a libido afastada do mundo externo e direcionada para o Ego, o que ocasionaria sentimentos de megalomania, de onipotência de pensamentos e uma superestima do poder dos desejos e atos mentais. E, embora, de acordo com ele, os narcisistas incidissem sobre si mesmos a escolha do objeto sexual, projetando sobre seus parceiros características que são próprias de sua personalidade, podemos considerar que, atualmente, as anas e mias projetam sobre seus leitores sua própria personalidade, incidindo na verdade sobre si mesmas. Tal característica é muito própria também da sociedade de consumo contemporânea, o que leva alguns autores a dizerem que vivemos em uma época narcisista (ESTRAMIANA e SEVERIANO, 2006).

As anas e mias, ao relatarem suas vidas na internet, se utilizam de máscaras, artifícios, codinomes. Olhando em sua volta, através do espelho do mundo virtual, conseguem não enxergar a ‘si mesmas’ (com seus defeitos, limitações, gorduras, etc), mas narrativas de si que se confundem com as imagens e as narrativas do outro. Este e a própria comunidade formada servem apenas para a construção de seu reflexo como elas gostariam que ele fosse. Tendo sido ali construída, sua imagem se torna modelo a ser seguido: o reflexo pré-existe ao corpo e é ele que deve ser copiado. É nesse ambiente, portanto, que são construídas suas identidades e onde elas dizem se sentirem, de fato, ‘elas mesmas’:

Ontem foi um dia bom, e subitamente me sinto inspirada para escrever. Visitar blogs, ler as angústias dos outros, compreender minha angústia sempre me esqueço o quanto isso me faz bem. Me esqueci quem me disse isso, mas é pura verdade, abandonar seu blog é abandonar a si mesmo, por mais que tudo esteja ruim, por mais que você tenha comido 12 000 calorias (sim, isso é possível basta comer um acarajé completo) nada justifica o abandono, a entrega.³⁸

E se a internet é o local em que o corpo se desloca de sua realidade orgânica para se tornar uma extensão imagética de formas variadas e ideais, é também ali que a exposição de si promove, através de narrativas em *blogs* ou em comunidades virtuais em geral, uma nova formatação do ‘eu’ e de sua identidade. Segundo Renata Baldanza (2006), é na rede que há maior possibilidade do anonimato, da comunicação sem bloqueios sociais ou preconceitos, de fantasiar e desejar outras maneiras de ser, da ausência de censura e da

³⁸ <http://ana4life.zip.net/>

liberdade perante os compromissos e protocolos provenientes das interações presenciais. No caso dos *blogs* pró-ana e pró-mia, isso fica ainda mais evidente, pois a todo o momento as meninas procuram esconder sua identidade (o que na modernidade era visto como o ‘eu verdadeiro’) utilizando codinomes, pedem para não serem reconhecidas e afirmam só confessar as práticas as que se submetem no espaço público virtual, mentindo para os pais, namorados, médicos e psicólogos. Diferente da modernidade, é no personagem, na máscara, na artificialidade que o indivíduo hoje se sente reconhecido como ‘ele mesmo’. Em vez de esconder uma intimidade, um ‘eu’, as mediações da tela e das práticas artificiais às quais o corpo se submete faz, na verdade, revelar esse ‘eu’. É isso o que vemos não só nos *blogs* ou nas comunidades virtuais, mas também em programas de TV que propõem uma intervenção corporal, pois a maioria das mulheres que se submetem a cirurgias plásticas nestes programas afirma, ao se olhar no espelho após a ‘transformação’, que estão diante de seu verdadeiro ‘eu’, estando seus corpos agora condizentes com aquilo que desejavam.

Outro elemento que visa à expressão de si mesmo é o forte apelo à aparência física e ao cuidado físico do corpo, sempre vinculado à capacidade de autocontrole em relação às práticas alimentares. O autocontrole, necessário para o alcance da magreza absoluta, aparece justificado por um discurso também muito presente nesses relatos: o da superação dos limites do próprio corpo e de si mesmo, ainda que, para a efetivação disso, seja preciso um imenso sacrifício em pouco tempo.

ESTOU MUITO MELHOR, COMECEI A LUTAR PELA MINHA ANNA, QUERO MUITO EMAGRECER, PRECISOOOOOOOOOOOOOOO, CHEGA DE TANTA GORDURA, MINHA META INICIAL É SER COMO WANESSA CAMARGO, DEPOIS CORRO ATRÁS DE MAIS... PRECISAMOS SER MAIS UNIDAS, AJUDAR UMA A OUTRA, DIVIDIR EXPERIÊNCIAS, TROCAR INFORMAÇÕES, A MAIORIA DAS MENINAS DEIXAM O BLOG DESATUALIZADO (...)
ESTOU MUITO DECEPCIONADA COMIGO MESMO!!!!!!!!!!!!!!
ONTEM FIZ TUDO MAS TUDO ERRADO MESMO!!!!!! COMI FEITO UMA PORCA GORDA, HOJE COMECEI A CAIR NA REAL COMO ESTOU FEIA, HORRIVEL, DESPREZIVEL. PRECISO MUDAR!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! URGENTEMENTE!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!³⁹

Meu projeto vai de 24/05 a 24/06
Sem alteração
Sem desistência
Nem erros
Como uma operação militar ultra secreta, sacam?⁴⁰
Controle é a base do sucesso.⁴¹

³⁹ <http://anaminhapaixao.blog.terra.com.br/>

⁴⁰ http://z004.ig.com.br/ig/03/52/114932/blig/aninha_mia/

Como diz Paulo Vaz (2002), “os valores maiores de nossa sociedade parecem ser, na relação consigo, o bem-estar, a juventude prolongada, o autocontrole e a eficiência; na relação com os outros, a tolerância, a segurança e a solidariedade” (p. 18). Para ele, o discurso do respeito às diferenças, das muitas belezas e aparências que se podem escolher, exaltadas por diferentes ‘estilos’ de modelos e celebridades, na verdade acaba servindo para constranger aqueles que não conseguem escolher ou conquistar o corpo livre de ‘impurezas’ e ‘imperfeições’. A ‘democratização’ da beleza e a idéia de que qualquer um pode ser belo, desloca a responsabilidade das insuficiências para o próprio indivíduo, que deve se controlar a qualquer custo. Para as anas e mias, este autocontrole é sinal de estabilidade e de uma não entrega aos excessos, à compulsão ou ao risco de engordar.

É importante ressaltar ainda uma das características mais interessantes do discurso das autoras desses *blogs*. A busca pela magreza aparece, para elas, personificada como um ser quase que espiritual, onipresente e onipotente (nesse caso, os termos ana e mia são sempre utilizados com a inicial maiúscula). Superar limites e atingir o autocontrole só é possível com a ajuda dessas ‘amigas’ infalíveis, que se fundem com o ‘ser’ mesmo das blogueiras. São como ‘espíritos’ convocados a estarem sempre junto delas, a nunca abandoná-las e a se transformarem nelas mesmas. Assim, mesmo admitindo que possuam distúrbios nervosos, ou ‘assumindo’ que anorexia e bulimia sejam patologias, as meninas sustentam suas opções declarando que, se elas desejam e aceitam esses transtornos, eles passam mesmo a se configurar em ‘estilo de vida’. Além disso, parecem se considerar fortes exatamente pela aceitação, pela capacidade que adquirem – por vontade própria – de suportar esse algo que é muito maior que elas. É o que demonstram a Carta da Ana e a Carta da Mia, fortemente difundidas e evocadas nessa rede:

Querida Leitora, permita me apresentar. Meu nome, ou como sou chamada, pelos também chamados ‘doutores’ é Anorexia. Anorexia Nervosa é meu nome completo, mas você pode me chamar de Ana. (...) Eu vou te forçar até o limite! (...) Pois agora, eu realmente estou dentro de você. Eu sou sua cabeça, seu coração e sua alma. (...) Se você comer, todo o controle será quebrado... E você quer isso? Ser de novo aquela vaca gorda que você era? (...) Você quebrou uma regra, e comeu, e agora você me quer de volta. Eu vou te forçar a ir ao banheiro, ajoelhada e olhando para a privada! (...) E quando você se levantar, você vai sentir tontura. Não desmaie! Fique em pé agora mesmo! Sua vaca gorda! Você merece sentir dor! (...) Talvez eu escolha te fazer se encher de laxantes, e você vai ficar sentada na privada ate altas horas da manha sentindo seu estomago se revirar. Ou talvez eu faça você se machucar, bater sua cabeça contra a parede, ate você ganhar uma dor de cabeça insuportável! Cortar também e bem útil. Eu quero ver sangue, quero ver ele cair sobre seu braço, e naquele segundo, você

⁴¹ <http://lifedesire.zip.net/>

vai perceber que merece qualquer tipo de dor que eu te dou! (...) Ah, isso é muito duro? Você não quer que isso aconteça com você? Eu sou injusta? Eu faço coisas que apenas vão te ajudar! Eu vou fazer que seja possível parar de pensar em emoções que te causam stress. Pensamentos de raiva, tristeza, desespero e solidão podem ser anulados, pois eu vou tirar eles de você, e encher sua cabeça com contas metabólicas de calorias. (...) Se você decidir o contrário, e contar como eu te faço viver, todo o inferno vai voltar! (...) Sem mim, você e nada! (...) Esqueça deles, esqueça todos que querem me fazer ir embora. Eu sou seu melhor apoio, e pretendo continuar assim. Com sinceridade, Ana.⁴²

Olá. Meu nome, querida, é Bulimia. Mas, para nos tornarmos mais íntimas, pode me chamar de Mia. Eu serei sua amiga de emergência, aquela que nas horas que o cinto apertar, poderá contar comigo. Quase sempre acompanhada junto à nossa querida amiga Ana, e assim nós seremos poderosas. Nós modelamos você ao nosso gosto, e assim vai conhecer o caminho da perfeição. (...) Porque você não pode por tudo a perder... Porque Ana e eu controlamos sua mente para que chegues à perfeição (...) Estou aqui para o que der e vier qualquer coisa é só me chamar. Abraços, Mia.⁴³

Tal discurso, evidente nas cartas da Ana e da Mia, sugere que, para alcançar a ‘perfeição’, as jovens que optam por serem anas ou mias não medem esforços ou sacrifícios. Aliás, o próprio esforço já é um indício de que a Ana ou a Mia está presente. O mais interessante é a afirmação que, ao se esvaziarem, ao se destituírem de si (ou melhor, de seu corpo orgânico e seus excessos) em busca do corpo ‘perfeito’, as meninas encontram seu verdadeiro eu, sua essência, que nada tem a ver com o corpo atual que apresentam, mas se configura no corpo virtual da Ana ou da Mia. Diante disso, poderíamos entender que o corpo do transtorno alimentar é aquele que se situa entre o corpo biológico, em suas necessidades mais básicas, e o corpo desejado, virtual (que, conforme vimos anteriormente pode ser considerado um corpo bio-ascético e, como veremos adiante, remete ao corpo da vida nua), sendo que nenhum dos dois pode ser alcançado plenamente.

Como também podemos notar nas cartas citadas, é grande o uso entre as blogueiras de palavras e termos duros, pejorativos e agressivos para definir a relação com a comida e o próprio alimento. Tal atitude em relação ao ato de comer e suas possíveis consequências (que, na visão delas, é sempre engordar) também pode ser verificada nas imagens de pessoas acima do peso ou comendo compulsivamente, como vimos no tópico anterior. Entretanto, tal agressividade se contrapõe a outras características também já demonstradas, que remetem a figuras leves, que não expressam depressão ou obscuridade, embora tenham relação com a angústia e o vazio que as anas e as mias afirmam experimentar. Aliás, este é mais um paradoxo presente nos *blogs* pró-ana e pró-mia constantemente. Afinal, a maioria

⁴² Disponível em <http://pro.anna.zip.net/>

⁴³ Disponível em <http://cartadamia1000.weblogger.terra.com.br/index.htm>

delas assegura que ser tomada pela anorexia ou pela bulimia, e, assim, pela obsessão com o que se come, seria a fuga necessária para as suas angústias e o sacrifício indispensável à obtenção do corpo perfeito. No entanto, por mais que afirmem que ter o distúrbio possa ser um “inferno”⁴⁴ principalmente pelo medo de serem descobertas e pela necessidade constante de autocontrole, as meninas vêem nele algo que possa lhes dar alegria, direção e – por que não? – sentido às suas vidas.

Bom, de novidade é só isso, eu ando muito triste vendo algumas meninas ana confundindo as coisas. Querendo se matar, etc. Acho isso muito errado pois ana não é depressão, é felicidade é alegria é impulso de vida e acima de tudo objetivo!! Se nada mais te alegra te dá vontade de viver, a ana dá, pois com ela cada dia é uma emoção diferente! (...) Larguem de bobeira parem de pensar merda e vão encher a cabeça com tabelas de calorias que vocês vão ganhar muito mais! Eu hein!⁴⁵

Eu quero viver do meu jeito..
tentando melhorar a cada dia..
pra quem sabe um dia..
ser diferente de mim.
Porque eu sou a Ana
e ela sou eu.
24 horas.⁴⁶

Um exemplo disso são os casos em que algumas anas e mias dizem realizar práticas de ‘auto-mutilação’ com o objetivo apenas de sentirem dor ou esquecerem a vida que levam. No entanto, para elas, tanto essas práticas quanto suas atitudes obsessivas com a comida, seriam necessárias para que o objetivo maior seja atingido, o que acaba por remeter ainda à angústia de que, da mesma forma que algo lhes dá sentido, traz sofrimentos.

hj eu tô mto animada acreditam??
eu percebi q quem pode me ajudar sou eu..
q só quem vai me amar sou eu msm..
e q pra ser feliz eu preciso me amar!!!
custei a ver isso..
sei q vou ter recaídas e vou me odiar mortalmente..
mas estou tentando mudar.. já é um começo né???⁴⁷

passar mal.. pq comi mto.. sentir q o estomago vai explodir.. ou entao sentir q vai desmaiar a qualquer instante pq nao s alimenta.. isso nao é legal.. é um inferno.. e as vezes eu penso q se nao consigo sair disso.. seria melhor morrer msm!!
qnt as pessoas q me chamaram d covarde e medrosa pq eu me corto e nao me mato d uma vez.. nao é isso.. eu me corto justamente pq nao quero me matar..

⁴⁴ <http://lifeanamia.zip.net/>

⁴⁵ <http://anorexianervosa.weblogger.terra.com.br/>

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ <http://lifeanamia.zip.net/>

tem gente q bebe.. tem gente q briga e xinga.. eu me corto pra nao guardar comigo td a raiva e tristeza q eu sinto.. não quero me matar qnd faço isso.. e tb nao incentivo ngm a fazer isso..⁴⁸

Essas narrativas de si sugerem que os *blogs*, por permitir o deslocamento das anas e mias para o ciberespaço, promovem nelas a crença de que ali pode ser um lugar onde elas podem se ‘expressar verdadeiramente’, de igual para igual, fora das proibições do lar ou médicas. Dentro dessa perspectiva, a blogueira Maria⁴⁹, de 24 anos, afirma⁵⁰: “Ele (o *blog*) significa um lugar pra eu desabafar, e as outras anas e mias significam um modo da gente se comunicar no mesmo quadro e também um modo de ‘ajuda’”. Outra fala da autora sugere que o ato de se mostrar e de se fazer visível, seria mesmo uma forma de expor seu ‘verdadeiro eu’: “uma forma de sair da casca e mostrar para algumas pessoas que também estou viva”. Parece que, para Maria, a “casca” é sua vida atual e o ciberespaço é onde ela pode se sentir viva de fato, já que é ali que os outros a percebem. Da mesma forma, Beatriz Jaguaribe (2006) vê que, nas modalidades de ‘escritas do eu’ (não só no relato compartilhado dos *blogs*, mas também na espetacularização do *reality show*, nas narrativas autobiográficas, etc), “o que está em pauta é uma busca pela significação da experiência pessoal” (p.115). Significação essa também buscada, certamente, pelas anas e mias nos *blogs* analisados.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ O nome verdadeiro da autora foi trocado. Ela mantém o *blog*: <http://lifedesire.zip.net/>

⁵⁰ Em entrevista concedida pela internet.

PARTE III

DO CIBERESPAÇO À ATUALIDADE

“Perdemos o mundo e ganhamos o corpo”
(Francisco Ortega. “Da ascese à bio-ascese”)

“E se os indivíduos se tornam hoje gestores de sua virtualidade, se sua forma futura depende de suas ações presentes e se o efeito de suas ações lhe escapa, quais serão os critérios de suas escolhas? Que princípios éticos regularão a passagem do virtual ao atual?”
(Fernanda Bruno, “Do sexual ao virtual”)

1. ANAS E MIAS: SUBJETIVIDADE, CORPO E CUIDADO

Agora que conhecemos o objeto de estudo e analisamos algumas de suas características, proponho uma reflexão a partir de conceitos que acredito serem interessantes não só para uma melhor compreensão do fenômeno estudado, mas para percebemos sua evidência e implicações na sociedade contemporânea. Assim, para discorrer melhor sobre a questão da autenticidade, ou do ser ‘si mesmo’ no uso de narrativas e artifícios, e sobre a constatação de que os *blogs* pró-ana e pró-mia fazem do ciberespaço um lugar privilegiado para a performance, construindo assim, novas formatações do ‘eu’ e da subjetividade, sugiro que entendamos essas ferramentas (os *blogs* em questão) em contraposição a dispositivos modernos definidos por Foucault (1987) cujas características são freqüentemente associadas à escrita e à exposição de si: a confissão e o exame. Tal comparação não serve para indicar que tais dispositivos estariam sendo suplantados por outros, mas apenas mostrar, a partir da observação dos *blogs* pró-ana e pró-mia, como alguns aspectos relacionados a eles na modernidade estariam hoje em transformação.

Para discutirmos a questão do corpo contemporâneo, da forma como ele aparece nos *blogs* ou como é buscado pelas anas e mias, retomo a idéia de bio-ascese, já explicitada na primeira parte deste trabalho. Sendo assim, me parece interessante lançar mão do conceito de vida nua, a partir de sua descrição por Giorgio Agamben (2004), aqui utilizado para definir este corpo imagético, que se quer puro e inorgânico na atualidade mesmo (e não só no ambiente virtual), supondo uma transgressão do próprio corpo humano em busca de um ‘além’ dele (bio-ascese), mas que acaba por alcançar apenas uma sobrevivência biológica (como já visto, também, na primeira parte deste trabalho).

Esse novo corpo, no entanto, só é possível se essas práticas bio-ascéticas estão em consonância com a atual propagação de um cuidado de si que privilegia o aperfeiçoamento da vida física e da aparência, através da artificialização do corpo, sua purificação e do autocontrole. Entretanto, ao analisarmos como esse cuidado de si aparece na sociedade contemporânea, a partir também da observação das práticas narradas nos *blogs*, percebemos que se coloca também uma questão sobre a relação com o outro e no que (não) estaria sendo investido no seu cuidado. Esse apagamento do outro, porque visto apenas como espelho de si mesmo, permite o não-diálogo (porque não há conflito) ou o não reconhecimento do outro como diferente. E não só daquele outro que se concretiza no

interlocutor ou nas imagens postadas pelas anas e mias, mas também do Outro que, através das antigas práticas ascéticas de liberdade, dava sentido à vida. Pois, mesmo a Ana e a Mia sendo personificadas pelas meninas como ‘entidades sobrenaturais’ (etéreas e onipresentes), que dão sentido mesmo a sua existência, podemos imaginar que não se situam no lugar desse Outro, já que o intuito é incorporá-las ao próprio corpo e fundi-las no próprio ‘ser’. O sentido da vida, ou a busca dele pelas meninas, se daria, portanto, em si mesmas e a partir de como elas promovem o cuidado consigo.

Por fim, ao percebermos as analogias possíveis entre nossas práticas cotidianas contemporâneas e as narradas e realizadas pelas anas e mias nos *blogs* na Internet, cabe uma reflexão sobre a maneira com que lidamos com este fenômeno, cada vez mais crescente na sociedade ocidental, e o que podemos aprender com ele. Dessa forma, ainda que sua radicalidade provoque um choque a todos nós, acredito que seja importante tentar vê-lo de outra maneira, muito além das leituras dos especialistas e da mídia. Só assim poderemos perceber o quanto as práticas e os valores observáveis nos *blogs* pró-ana e pró-mia podem dizer de nós mesmos, nossa subjetividade e nosso cuidado com o corpo. E só assim poderemos tentar fazer algo a respeito, não porque as anas e mias precisam ser ‘curadas’, mas porque somos nós que talvez não conseguiremos sustentar por muito tempo esse corpo permanentemente controlado e auto-gerido, que está, cada vez mais, sendo lançado no limite da vida nua, ou seja, no limite mesmo daquilo que pode ser considerado como vida.

1.1. Narrativas de si e subjetividade

Ao começar a descrever os *blogs* pessoais e, logo em seguida, os *blogs* pró-ana e pró-mia, vimos que se tratam de diários virtuais nos quais os autores afirmam confessar seus segredos e se colocar publicamente de forma autêntica. Entretanto, no decorrer da análise, percebemos ser mais do que isso, já que tais ferramentas parecem não só ser instrumentos para tornar visível um ‘eu’ verdadeiro, sem máscaras ou falsidade, mas para criar esse ‘eu’, tão verdadeiro quanto o que é exposto. Não se trata de confessar uma intimidade, mas de construir uma imagem para ser vista pelo outro. Nesse sentido, acredito não ser oportuno considerar os *blogs* pró-ana e pró-mia como, simplesmente, uma nova forma de publicação de um privado, mas uma transformação mesma do que é privado e público.

Para exemplificar esta idéia, gostaria de contrapor as narrativas das anas e mias com aquilo que Foucault (1987) percebeu como sendo algumas das expressões concretas do modelo disciplinar na modernidade: o exame e a confissão. Isto porque estas são medidas específicas e eficientes para o escrutínio e esquadramento do indivíduo moderno, e porque guardam algumas características similares ao fenômeno estudado sendo, por isso mesmo, muitas vezes relacionadas a ele (como, por exemplo, o fato dos *blogs* serem freqüentemente vistos como meras atualizações dos diários íntimos). Entretanto, podemos observar que o relato das meninas nos *blogs*, mesmo se tratando de narrativas e exposições de si, possui sentidos diversos daqueles propostos pelo filósofo.

Enquanto na confissão um indivíduo comum relatava sua vida íntima a alguém que estivesse em uma posição de autoridade (médico, padre, psicanalista) e tentava esconder sua ‘verdade’ aos outros cidadãos, nos *blogs* pró-ana e pró-mia o que se vê é o inverso. Não só porque o ‘íntimo’ muda a cada momento, de acordo com o humor, ambiente e, até mesmo, dependendo das imagens postadas, mas também porque os outros a quem as autoras se dirigem são iguais a elas, comuns. Entretanto, assim como nos antigos confessionários os fiéis protegiam sua identidade por uma portinhola ou cortina e nos consultórios dos psicanalistas ortodoxos os pacientes se escondiam do olhar do terapeuta ao deitarem-se de costas no divã, hoje são as telas que possibilitam o anonimato daqueles que estariam ‘confessando’ suas angústias na internet. Porém, tal ‘confissão’ não serviria para abolir uma culpa, por exemplo, mas para se constituir enquanto sujeito ao olhar do outro, ou ainda, servir de modelo (ou *thinspiration*) a ser seguido. Nesse sentido, os relatos encontrados nos *blogs* analisados são mais depoimentos ou testemunhos de vida pessoal (como aqueles também vistos atualmente em *realitys shows*, programas de auditório, vídeos na Internet, etc) do que confissões secretas.

Também podemos observar diferenças existentes entre essas narrativas e a prática do exame na modernidade. Neste, um especialista faz um documentário detalhado sobre o indivíduo, sua personalidade e história, que serviria depois para identificar, classificar e normatizar. Nos casos estudados, entretanto, são os próprios indivíduos que ‘documentam’ sua vida, não a especialistas mas a iguais, num espaço público mediado pela tela. Portanto, esses relatos não podem servir para identificar – ou melhor dizendo, individualizar – já que nunca se tem a certeza de quem é, do nome ou personalidade daquele que escreve, ou se esse alguém existe de fato, de forma análoga ao que é narrado na virtualidade. Também não serviriam para classificar, pois os próprios indivíduos afirmam pertencer a um grupo

ou simplesmente justificam sua escolha por um estilo de vida. Nem para normatizar, visto que, ainda que haja um modelo a ser seguido (ser magra, não comer, etc) não há um padrão imposto por alguma autoridade a ser seguido, apenas opções a serem feitas, e ninguém será punido por não agir ‘corretamente’, mas ficará apenas insatisfeito (ou sofrerá as próprias consequências). Assim, o simples fato de uma das jovens se declarar uma ana, uma mia, ou as duas (o que ocorre na maioria dos *blogs*), já as faz assim. Não há necessidade de diagnóstico, provas ou exames, é simplesmente uma opção.

Muito diferente de uma anamnese detalhada, ou de uma retrospectiva histórico-pessoal, as tecnologias de informação promovem um monitoramento, consentido ou não, que atua apenas na superfície das ações (através dos celulares, câmeras de vigilância, compras por cartões de crédito, narrativas em *blogs* e comunidades virtuais) e do corpo (proliferação de softwares de imagens e câmeras fotográficas digitais, assim como os novos ‘exames’ médicos baseados em tecnologias visuais e informacionais, tais como ressonâncias magnéticas, tomografias, etc). Os *blogs* pró-ana e pró-mia, portanto, parecem ser evidências também dessa nova forma de controle e, conseqüentemente, das novas formas de subjetividade possibilitadas a partir daí.

E se, como acabamos de ver, na modernidade era um especialista que detinha os dados e o histórico do indivíduo, atualmente é o próprio que busca acumular essas informações sobre si mesmo, não mais narrando o passado a partir de lembranças individuais que depois eram relatadas às autoridades e que identificavam o sujeito, mas a partir de uma memória construída interativamente que deve ser constantemente atualizada e aprimorada, no intuito de se obter mais eficiência e eficácia. Hoje, num mundo saturado de informação e no qual o esquecimento tende a ser considerado doença ou deficiência cerebral, a escrita de si nos *blogs* pode ser associada a uma busca de superar essa ‘crise da memória’, de contar tudo, todos os dias, para não esquecer e para que o outro tenha acesso aos fatos de sua vida constantemente, ou melhor, a uma busca de se tornar visível por um momento, em todos os momentos.

De acordo com Paula Sibilia (2004), isso demonstra uma perda de força na noção de introspecção e retrospectão, já que narrar as ações seria como colecionar tempos presentes, sendo os mais recentes sempre os mais interessantes: “Os *blogs* exibem, portanto, uma série de fotos fixas, recortes de instantes colados um após o outro. Diversas instantâneas de momentos que vão *passando* mas não se articulam e sedimentam para

constituir um *passado* à moda antiga”⁵¹ (SIBILIA, 2004: 14). Assim, a escrita de si como vista nos *blogs* pró-ana e pró-mia, estaria relacionada ao acúmulo, já que o que é narrado ou o ato de narrar não serve para a promoção de uma vida política ou para purificação espiritual, mas sim à manutenção de dados, de informações que não classificam ou identificam um ser único na ‘massa’, mas mostram seus interesses e características, variáveis, instáveis e infinitas, identificando-o como um perfil ou até mesmo vários deles ao mesmo tempo. Deve-se também rememorar, a cada momento, práticas e pensamentos a qualquer um, não porque há o arrependimento, mas porque há a necessidade de se ver igual ao outro, no intuito de se legitimar e ser reconhecido.

Para Renata Baldanza (2006), a perda da introspecção tem a ver ainda com a instantaneidade dos novos meios comunicacionais, que hoje servem tanto para se expor, quanto para conversar ou para conseguir ‘amizades’. Isso porque, frente a uma angústia na madrugada, por exemplo, não há necessidade de esperar o dia seguinte para ligar para um amigo, escrever uma carta, ou ainda marcar uma consulta e esperar chegar o dia da terapia. Basta se conectar e ‘desabafar’, pois sempre haverá um interlocutor na rede. Não há mais tempo nem espaço para longas reflexões ou auto-análise, os indivíduos apenas se ligam ou se desligam segundo o interesse do momento. Assim, é importante notar que as relações sociais ocorridas entre aqueles que postam e os que comentam existem quase sempre ali, na virtualidade. Nos *blogs* pró-ana e pró-mia, por exemplo, embora as meninas conversem também através de programas de mensagens instantâneas (como o *MSN*) ou de comunidades virtuais (como o *Orkut*), a ‘amizade’ delas não vai além disso. Logo que o computador é desligado, elas voltam a se esconder.

As anas e mias nos demonstram, portanto, através do relato de suas memórias e da exposição de si, que se pode dizer mesmo que suas subjetividades, assim como as dos indivíduos contemporâneos, mostram-se mais performáticas e espetacularizadas, destituídas de uma interioridade reflexiva como lugar do ‘eu’, como era próprio da modernidade. E que, por ser exteriorizada, essa subjetividade só se faz presente no ato de se tornar visível ao outro. É nesse sentido que o corpo ganha um estatuto privilegiado de construção subjetiva, já que é ele quem se coloca à mostra. Aliás, ele é tudo o que se mostra, não só como imagem, mas como idealização de si mesmo.

⁵¹ Grifos da autora.

1.2. Corpo: vida nua e bio-ascese

Como já explicitado, acredito ser possível e relevante traçarmos alguns paralelos entre as práticas alimentares apresentadas pelas anas e mias e aquilo que Giorgio Agamben (2004) chamou de vida nua. Para ele, esta seria a redução da vida humana à sobrevivência biológica, desprovida de sentido, política, cultura. Uma vida não mais humana, porque carente de toda a humanidade, mas nem inumana ou animal, porque se mantém num corpo de homem. Ele cita como exemplo os neomortos ou falsos comatosos da medicina e os judeus no campo de concentração. Mas, mais do que esses exemplos, o autor quer nos mostrar que este paradigma (da vida nua, dos campos) já não se configura mais em espaço de exceção, mas se torna necessário para explicar os mais variados fenômenos contemporâneos. Ainda segundo Agamben, a biopolítica se utilizaria dessa redução da vida para se efetivar e exercer seu poder sobre os indivíduos. Utilizando a figura do *homo sacer*, antes uma exceção no direito romano, que servia mesmo para fazer efetiva a lei (criada por e através dele), Agamben explica como todos nós podemos hoje ser considerados *homines sacri*, na medida em que nossas vidas seriam insuscetíveis porém matáveis por toda a sorte de banalidades.

Ao observar os relatos das anas e mias na internet e as características próprias dos transtornos alimentares contemporâneos, poderíamos dizer que suas práticas podem, em muitos aspectos, serem vistas também como uma materialização da vida nua. Naomi Wolf (1992), por exemplo, afirma que “uma anoréxica não pode realmente ser considerada viva. Ser anoréxica é manter um cômputo diário da aproximação de uma morte lenta; é pertencer aos mortos-vivos ambulantes” (p.273). A autora chega a compará-la a um prisioneiro em um campo de concentração. De fato, a dieta ideal a ser seguida pelas meninas que possuem esse comportamento não deve passar de 300 calorias por dia, menos do que era destinado como ração diária àqueles presos. A imagem do ‘morto-vivo’ se torna ainda mais pertinente quando observamos os efeitos causados pelo transtorno: pressão arterial baixíssima (em torno de 80 mmHg por 40 mmHg), suspensão da menstruação, unhas e cabelos quebradiços, redução no metabolismo e na atividade dos órgãos (inclusive do cérebro), redução no ritmo cardíaco (em torno de 36 batimentos por minuto) e hipotermia. Da mesma forma pode-se considerar uma bulímica em estado crítico. Apesar de não ter seu corpo físico reduzido a ossos e pele, ela apenas sobrevive em meio às inúmeras crises diárias de compulsão e expurgação. Está destituída de sua vida política e social (estudo,

trabalho, amigos, família) e vive apenas para as crises e/ou exercícios físicos extenuantes. De acordo com o DSM-IV-TR, é muito comum as bulímicas se automutilarem ou pensarem em se suicidar, por não suportarem mais essa ‘vida’.

Oscilando, portanto, entre a bulímica, que cede às tentações e consome vorazmente, sentindo-se culpada a ponto de se punir purgando os excessos, e a anoréxica, que se controla tanto que evita não só os excessos como também as necessidades básicas do corpo, as anas e mias buscam não só reduzir o seu corpo à sobrevivência biológica (já que seu ideal é esse mesmo, o de viver com o mínimo possível de comida), mas o reduzem de fato a uma corporeidade virtualizada. Além disso, muitas anas e mias afirmam que não temeriam a morte, se essa fosse a consequência da obtenção do ‘corpo perfeito’, o que nos leva a entender que, para elas, perfeitos seriam os corpos que se situassem, mesmo que por um instante, no limiar entre sua existência física e seu desaparecimento. Assim, o fato mesmo das anas e mias se exporem no ciberespaço, já demonstra essa vivência limítrofe, porque experienciada somente através da tela. Também aqui os corpos se situam entre uma existência física e outra que poderia ser considerada invisível, ou ‘além’ do físico.

Dessa forma, mesmo o corpo idealizado das anas e mias podendo ser situado entre o inumano e o humano, ao contrário das “santas anoréxicas” (WEINBERG e CORDÁS, 2006) ou da própria figura do *homo sacer*, esse não-homem, ou o além dele, não sugere uma sacralidade ou religiosidade. Ou ainda, não implica em práticas de liberdade e de preocupação com o bem comum, como as antigas ascetes. Este ‘além’ se situa, ainda que na virtualidade, no próprio corpo imanente, um paradoxo que está presente em toda a cultura contemporânea, através da busca para encontrar uma ‘super-humanidade’, situando-se, portanto, entre o homem e o “melhor-homem”, utilizando o termo que sugeriu Vigarello (1993). Ainda que – ou por isso mesmo – projetadas em imagens de modelos perfeitas, ou em ambientes e narrativas virtuais que simulam um corpo perfeito, as práticas evocadas pelas anas e mias têm no próprio corpo (ou ainda, na imagem aprimorada desse corpo) sua finalidade. Bem condizente com que diz Benilton Bezerra Jr. (2002) sobre a bio-ascese: “A nova obsessão com o domínio do corpo, das suas performances, movimentos e taxas substitui a tentativa de restaurar a ordem moral. O corpo torna-se o lugar da moral, é seu fundamento último e matriz da identidade pessoal” (p.165). Como para confirmar isso, uma blogueira afirma:

O vazio inexplicável, e por mais que se tente não é preenchido. Mais um dia, mais uma refeição, aflição que não acaba. Autocontrole, poder sobre si mesmo, busca infindável pela perfeição que nunca chega, porque menos sempre é mais e o céu é o limite. (...) Fugir? Impossível, cada segundo se traduz na corrida contra a balança. Por que o peso? Porque a única liberdade é a liberdade sobre seu corpo. Ele é seu e ninguém pode interferir.⁵² (Grifos meus)

Por isso, é próprio do distúrbio contemporâneo a distorção da imagem corporal. Na Idade Média, o jejum era sacrifício, e embora as praticantes vissem que estavam esqueléticas ou à beira da morte, continuavam jejuando em prol da salvação ou de uma verdade. Na atualidade, mesmo estando quase morrendo, as anoréxicas se vêem gordas, ou o seu corpo dissociado em partes disformes, continuando a prática em prol de um corpo perfeito (que tem como ideal o seu estado ‘puro’, destituído de tudo, inclusive sua organicidade). E, se na Idade Média, a autopenitência era a materialização do castigo de Deus e purificação da alma, aqui a automutilação e as práticas de expurgação como a indução de vômitos e o uso de laxantes são o sofrimento necessário para a limpeza do corpo. Assim, o ideal de vida preconizado pelas anas e mias é menos ascético do que bio-ascético. Afinal, o que é buscado pelas meninas não é o corpo natural marcado pela vivência, pela experiência, ou mesmo um corpo natural como o nascido. É um corpo artificializado, potencializado, sem marcas. Ou seja: um corpo que ainda não viveu (porque não tem história) e não quer viver/ envelhecer, mas estar no presente constante.

A grande diferença que marca a figura do *homo sacer* descrito por Agambem e as meninas dos *blogs* pró-ana e pró-mia é que, enquanto aquele está nessas condições (de vida exposta à morte, de vida nua) porque assim o colocaram, estas buscam conscientemente por isso, embora possam até se arrepender e tentar voltar depois (muitas vezes sem sucesso). Afinal, como já foi visto, uma das características significantes para o diagnóstico da anorexia e bulimia nervosas é o desejo constante de emagrecer e de se tornar de fato uma ana ou mia, mesmo diante das conseqüências. Com isso, já não é preciso um soberano que determine o destino dos indivíduos ou que os reduza à vida nua, pois cada um parece ter se tornado seu próprio soberano. Uma constatação assustadora, porque diz muito do mundo em que vivemos. Hoje não é preciso mais uma instituição disciplinadora que nos submeta ao poder, pois, diante de tantos riscos que a vida nos apresenta, somos nós que a buscamos. Não só em relação à saúde individual e à estética (alimentação controlada e uso de medicamentos diante dos riscos de pressão e colesterol altos, diabetes, obesidade,

⁵² <http://ana4life.zip.net/>

envelhecimento, etc), mas também a questões sociais como violência e insegurança (protestos que clamam por mais criminalização, repressão e vigilância, construção de ‘cidades-condomínios’ de luxo, etc). E, menos do que significar liberdade, segundo Benilton (2002), isso significa que os indivíduos vivem um autodisciplinamento e um auto-aperfeiçoamento constante, que acaba por se tornar o meio do qual exprimem sua autonomia e se constituem num mundo competitivo. Entretanto, segundo o autor, “de fato, ganhamos autonomia, mas a autonomia para nos vigiarmos, a autonomia e a liberdade de nos tornarmos peritos, *experts* de nós mesmos, de nossa saúde, do nosso corpo” (p.161).

1.3. Cuidado

É dessa reflexão sobre aquilo que as anas e mias estão promovendo nos *blogs* da Internet (uma prática bio-ascética que as reduza a vida nua), que podemos refletir sobre as formas de cuidado de si que constituem a maneira delas se relacionarem com o próprio corpo e, conseqüentemente, de lidarem com o cuidado com o outro. Ao analisar a emergência da subjetividade ocidental e associá-la à relação do sujeito com o poder sobre si mesmo e sobre os outros, Foucault (1994) afirma que os homens se utilizam de técnicas específicas para compreenderem aquilo que são. Dentre essas técnicas, estão as técnicas de si⁵³, “que permitem aos indivíduos efetuarem (...) um certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade”.

Assim, o autor coloca o tema da sexualidade como forma de entender como o cuidado que o sujeito deveria ter com o próprio corpo e com a própria alma foi se constituindo de formas diversas, ainda que apresentando elementos similares. Ele mostra que, muito mais do que uma intensificação da rigidez dos códigos morais sobre a sexualidade (e sobre outros aspectos da vida do indivíduo, tais como a saúde e a alimentação), o que houve foi um novo modo de tratá-la ou mesmo de concebê-la (FOUCAULT, 1984), o que ele denomina cuidado de si.

⁵³ As outras técnicas seriam as de produção, graças as quais podemos produzir, transformar e manipular objetos; as técnicas de sistemas de signos, que permitem a utilização de signos, de sentidos, de símbolos ou de significação; e as técnicas de poder, que determinam a conduta dos indivíduos, submetendo-os a certos fins ou à dominação, objetivando o sujeito (FOUCAULT, 1994).

Atualmente, com o avanço da ciência e das tecnologias médicas, as formas de modificação física e de potencialização das funções corporais são apresentadas como uma necessidade. Não importa o sacrifício de cirurgias, dietas, etc, o corpo que se deseja (artificial e purificado) é a recompensa. Também as novas tecnologias da comunicação e suas ferramentas propiciam não só a propagação desse ideal, mas se tornam espaços privilegiados em que se pode atingi-lo, como demonstram os *blogs* pró-ana e pró-mia. Promovendo a dissociação entre comunicação e presença física, elas permitem a mobilidade do corpo, que atravessa fronteiras e estabelece contatos virtuais diversos e laços seletivos (pois são escolhidos pelo próprio indivíduo que se conecta, e não pelo acaso de se encontrarem no mesmo lugar, por exemplo). Essa não organicidade do corpo proporcionada pela virtualidade faz com que as idéias de artificialização e purificação sejam mais facilmente incorporadas e desejadas.

Nesse sentido, segundo Paula Sibilia (2007) o cuidado de si atualmente aparece como aperfeiçoamento da vida física e não mais da vida pública (como na Grécia clássica) ou da vida sentimental ou privada (como no período romântico burguês). O cuidado com o corpo não seria mais o meio pelo qual se atinge uma perfeição transcendente, mas sim um fim em si mesmo, tendo como referência absoluta o próprio corpo, ainda que negando seus aspectos ‘naturais’. O desejo agora é tornar o corpo transcendente – puro e perfeito – na própria imanência. Ocorre que, a exemplo das anas e mias, o desejo de se atingir a perfeição em busca dessa bio-ascese é tão forte que pode culminar na destruição mesma do corpo orgânico, em prol de um ‘corpo-imagem’ digital, artificial e virtualizado. “O ‘corpo perfeito’ se apresenta como um alvo ao qual todos os membros da nossa sociedade parecem aspirar. Uma meta moralmente admirável, um objetivo pelo qual é preciso se esforçar, trabalhar, lutar e até morrer” (SIBILIA 2007, p.12).

Tendo isso em vista, podemos pensar que, atualmente, o cuidado de si tem como referência não o espaço público ou determinadas leis sociais ou divinas, mas o corpo do outro (que se coloca como o de si próprio) enquanto imagem e produto de consumo. Diante de um ‘eu’ espetacular, tem-se um ‘outro’ especular. Dessa forma, permite-se um apagamento do outro, ou uma confusão mesma do que seja ‘eu’ e ‘outro’. O sentido da existência de cada um não se dá mais, portanto, através da busca por algo que, colocando-se ‘além’ ou ‘fora’, é capaz de salvar a si, ou mesmo de dar significado à sua vida. Cada um se torna, agora, responsável por sua própria felicidade, tristeza, vida e morte. Assim, a busca pela magreza excessiva, como também outras práticas fundamentadas no cuidado e

no investimento físico de si, aparece como uma ‘salvação’ possível na sociedade atual. Como afirma a jornalista bulímica e anoréxica Marya Hombacher, em entrevista sobre o livro com suas memórias, lançado recentemente:

Não consigo deixar de pensar que, caso eu vivesse numa cultura em que a ‘magreza’ não fosse vista como um estranho estado de graça, eu poderia ter buscado outras maneiras de alcançar esta graça, talvez uma que não tivesse danificado meu corpo tão gravemente e distorcido tão radicalmente o meu senso de quem eu sou. (INTRATOR apud HOMBACHER, 2006, p. 31)

Com a ‘crise’ das instituições e dos valores que, de certa forma, se responsabilizavam pela segurança e pelo destino do indivíduo, este, atualmente, deve buscá-las através de uma ascese individual, pautada em si mesmo e em suas escolhas. Assim como em outras épocas a Igreja ou o Estado, por exemplo, submetia os corpos e disciplinava a coletividade, garantindo, por outro lado, sua sobrevivência, o indivíduo hoje submete seu próprio corpo a práticas que, embora o limitem ou o prejudiquem, produzem sensações de segurança e autocontrole. De certa forma, todos nós, assim como as anas e mias, rejeitamos a morte mas, com medo de enfrentar os riscos que nos reservam as estatísticas médicas e sociais, nos jogamos por vontade própria neste limiar de sobrevida. Tais quais, ao mesmo tempo, soberanos e *homines sacri* de nós mesmos, fazemos tudo para alcançar uma ‘melhor-vida’ (nunca morrer), ainda que, para isso, sejamos reduzidos a uma ‘vida nua’ (uma sobrevida, exposta à morte).

2. ANAS, MIAS E NÓS

Após o que foi apresentado e das reflexões suscitadas, me inquieta a questão de como estamos lidando ou reagindo às anas e mias que se expõem e defendem sua escolha pelos Transtornos Alimentares em *blogs* na Internet. Isso porque, ao meu ver, os discursos acerca deste fenômeno, que muitas vezes olham para ele como apenas mais um desvio que deve ser corrigido, impedem a constatação de que tal fenômeno pode ser visto como um paroxismo de nossas práticas cotidianas, relacionadas ao cuidado que empregamos sobre nós mesmos e nosso corpo, ao cuidado com o outro, e às novas configurações da subjetividade. Portanto, este último capítulo tem como intuito refletir sobre nós mesmos não só enquanto interlocutores das anas e mias, mas também, de certa forma, enquanto semelhantes a elas.

Vamos, portanto, observar alguns diferentes discursos acerca das práticas narradas pelas anas e mias. Como vimos na segunda parte deste trabalho, a literatura médica e os especialistas descrevem uma série de critérios diagnósticos para a anorexia e a bulimia atualmente, e concordam quanto a causas multifatoriais (predisposição genética, influência cultural, familiar, etc). Entretanto, muitos autores tentaram (e tentam) analisar o fenômeno de diversas maneiras, chamando atenção para variados aspectos.

Uma posição interessante, porque leva em conta esses variados aspectos e vai de encontro à perspectiva dominante no ambiente médico, é o da escritora Naomi Wolf (1992). A autora, ao escrever sobre a questão feminina e seus problemas relacionados à beleza, afirma que diversas teorias atualmente tentam explicar as causas ou buscar sentido para a anorexia e a bulimia. Entretanto, para ela, hipóteses como as leituras psicanalíticas, as relacionadas a movimentos estéticos artísticos ou religiosos, ou ainda as que admitem os TAs como “um grito de confusão num mundo superlotado de escolhas e o apetite como a voz” (p. 249), não avançam o suficiente embora sejam esclarecedoras em determinados contextos. Isto porque, de acordo com a autora:

As inúmeras teorias sobre as crises de alimentação das mulheres enfatizaram a psicologia individual *em detrimento* da conduta pública, observando as formas das mulheres para ver como elas exprimem um conflito da sociedade em vez de examinar como a sociedade faz uso de um conflito artificial com as formas das mulheres. (WOLF, 1992, p. 250)

Sendo assim, para ela, não é somente o discurso médico sobre a saúde (tendo em vista que as meninas que possuem TAs não são saudáveis), nem o desejo dos homens (já que as mesmas não são consideradas bonitas por eles), nem nenhuma lei impositiva da beleza, que faz com que as mulheres abdicuem de seus corpos e de sua vida pessoal e social em nome da preocupação obsessiva com a comida. O que faz a mulher não poder ter acesso, ao mesmo tempo, “(a)o sexo, (a)o alimento e (à) carne” (OGDEN, 1992, p. 266) é uma questão política e ideológica. Ela afirma isso mostrando que foi nos EUA, em torno de 1920, quando as mulheres conquistaram o direito a voto, que as dietas e a magreza começaram a ser tornar preocupações. Nos anos 50, no entanto, houve uma volta à admiração das “formas cheias” (p. 243), já que as mulheres ficavam reclusas em suas casas. A partir daí, com o avanço do movimento feminista e a entrada delas em esferas dominadas pelos homens (universidade, mercado de trabalho, etc), esse progresso teve de ser “sufocado por um urgente dispositivo social que transformaria os corpos femininos nas prisões que seus lares não eram mais” (p. 244).

Nessa perspectiva, ela explica que, somente entre 1966 e 1969, o número de meninas de ginásio nos EUA que se achavam gordas teria subido de 50 para 80%. Essa era época não só da luta feminista, mas também do aumento de revistas especializadas em beleza e dietas e da difusão de um novo padrão feminino pela mídia, personalizado pelo modelo Twiggy, que sugeria às mulheres a liberação da obrigatoriedade da reprodução e fertilidade, mas tranquilizando os homens ao sugerir-lhes “a fragilidade feminina, a assexualidade e a fome” (p.244). Já na década de 80, uma pesquisa realizada por uma revista feminina concluiu que 75% das entrevistadas acreditavam ser gordas (embora apenas 25% estivessem acima do peso) e que 45% das mulheres que estavam abaixo do peso considerado normal se achavam gordas demais. Além disso, a maioria das participantes da pesquisa escolheu como objetivo mais desejado perder entre cinco e oito quilos, em detrimento do sucesso no trabalho ou no amor (WOLF, 1992). Para Wolf, a sociedade patriarcal passou a exigir tudo da mulher, sem dar a ela condições para ter tudo, ficando somente a ilusão de que ela poderia (gerando a angústia e o vazio, que gerariam, por sua vez, os transtornos). Nesse caso, para a autora, os transtornos alimentares funcionariam como um dispositivo ideológico de poder contra as mulheres.

Diante disso, poderíamos pensar que os transtornos alimentares podem ser lidos de duas formas distintas: ou o problema está no indivíduo ou é social. No primeiro caso, as práticas relacionadas à alimentação seriam somente mais uma forma deste indivíduo se expressar. Seriam apenas ‘sintomas’ do vazio existencial ou da depressão, por exemplo. Ou ainda, a forma encontrada por cada um para preencher esse vazio, para encontrar um sentido. Nessa perspectiva (geralmente adotada pela psiquiatria e psicologia clássicas), os *blogs* também fariam parte do conjunto de sintomas ou daquilo que influencia os indivíduos a se tornarem portadores dos Transtornos Alimentares. Assim, a preocupação com o corpo e com o alimento (baseada numa cultura do culto ao corpo, do discurso saudável, do ideal de magreza...) seria apenas um sinal atual da manifestação desses distúrbios.

No segundo caso (como Wolf e as feministas dizem), se o problema é social, a alimentação e a insatisfação com a imagem corporal não são mais o meio (adaptado a esta cultura), mas o fim. O vazio existencial não seria o causador do transtorno, mas sim ocasionado por ele. Nesse caso, os distúrbios se configurariam em um problema político e ideológico, pois fariam parte de uma estratégia de dominação, sendo usados para esvaziar as mulheres. Assim, os *blogs* também poderiam ser vistos como meros instrumentos, não

de preenchimento do vazio, mas de provocação do mesmo, porque incorporam a lógica da imagem, do consumo e do entretenimento a serviço deste poder (ainda que pelas próprias ‘vítimas’).

Entretanto, se essas duas hipóteses têm seus méritos por procurarem explicar de alguma forma os transtornos alimentares e sugerirem tratamentos, elas parecem falhar em alguns aspectos. Primeiro porque, muito embora ainda haja predominância dos distúrbios entre adolescentes e mulheres (definidos pela psiquiatria como grupos de riscos), esse quadro parece já estar mudando. Não só pelo aumento da incidência de TAs entre homens e outras faixas etárias, mas do surgimento de diversos outros transtornos ligados à preocupação com a alimentação (ortorexia⁵⁴) e à insatisfação com a imagem corporal (vigorexia⁵⁵). Em segundo lugar, por colocarem as mulheres jovens em uma posição passiva e vulnerável, dando ao poder características apenas repressivas, quando, de fato, ele produz a crença de que aderir a um Transtorno Alimentar pode ser sinal de independência, autenticidade e autonomia, já que nos *blogs* pró-ana e pró-mia o distúrbio é visto como uma escolha pessoal e considerado estilo de vida. Por último, essas perspectivas em torno da questão estudada acabam por reduzi-la ao comportamento alimentar, deixando de lado uma gama de práticas atuais e condutas de si – vistas como desviantes ou não – que, embora não estejam ligadas diretamente à alimentação, estão intimamente relacionadas entre si.

Por conta disso, Abigail Bray (1996) atenta para o fato dos distúrbios alimentares sofrerem, na verdade, “distúrbios de leitura”, que não explicam muito e ainda geram pessimismo. Para ela, tais discursos sugerem a “infantilização da mulher” e a existência de uma audiência “patologicamente suscetível às representações midiáticas”. Assim, ela propõe, diante do contexto em que vivemos, o reconhecimento de que o indivíduo que promove práticas como jejum ou expurgação representa um ponto de agenciamento (enquanto ato em construção com o contexto, não enquanto algo determinado por ele) que não pode ser ajustado a uma “identidade anoréxica” ou a uma definição psiquiátrica. Dessa forma, esses agenciamentos serviriam para ilustrar outros discursos e práticas contemporâneas acerca do corpo, de dietas, etc.

⁵⁴ Ortorexia seria a obsessão por uma alimentação saudável (*orthos* = correto). Ou seja, o indivíduo se preocupa excessivamente se os alimentos possuem elementos químicos como agrotóxicos, corantes e conservantes, se são ‘orgânicos’, etc. Apesar de não ser caracterizada ainda como um transtorno, já é relacionada a comportamentos obsessivos e a distúrbios como a anorexia e a bulimia nervosas. (MELCHIOR e MELLO, 2007)

⁵⁵ De acordo com o DSM-IV-TR, vigorexia é a prática excessiva de exercícios físicos no intuito de obter uma musculatura extremamente forte e definida. É caracterizada como um Transtorno Dismórfico Muscular, que seria uma forma de transtorno Dismórfico Corporal.

Desse modo, acredito que as práticas narradas nos *blogs* pró-ana e pró-mia podem ser consideradas como uma exacerbação das práticas realizadas no atual cuidado de si. A exemplo do que foi dito anteriormente sobre a vida nua que, antes exceção, se torna agora a regra (ou dita a regra) pela ação do biopoder, podemos dizer que, embora vistos ainda como condutas extremas, os comportamentos alimentares preconizados pelas anas e mias podem servir hoje para evidenciar uma série de hábitos cumpridos por todos nós que nos preocupamos com a aparência e a alimentação. Isso não quer dizer que somos todos ‘potencialmente’ anas e mias, ou que qualquer forma de dieta pode nos levar a um transtorno alimentar (embora a literatura médica sobre o assunto afirme que, na maioria dos casos, os transtornos começam com o hábito das dietas), mas que de nada adianta formular teorias e buscar tratamentos para esses distúrbios se nossos hábitos alimentares e a maneira de lidarmos com nosso corpo seguem as mesmas regras que eles, ainda que em diferentes proporções.

O documentário “THIN”, que foi exibido no Brasil pela HBO, por exemplo, mostra o cotidiano de uma clínica americana voltada ao tratamento dos distúrbios alimentares. Embora parecido com uma instituição disciplinar por causa, por exemplo, da vigilância constante ou dos horários rígidos, o hospital tem como objetivo apenas ‘engordar’ as meninas (ou seja, tirá-las da zona de desnutrição) e convencê-las de que não é preciso ser magra para ser bem sucedida. A maioria dos tratamentos para a anorexia e bulimia nervosas tem os mesmos intuitos (embora nem sempre com este mesmo método) e alguns especialistas nos Estados Unidos já admitem recorrer à utilização de eletrochoques ou até mesmo à lobotomia⁵⁶. Entretanto, como convencer as anas e as mias que elas não ‘precisam’ ser magras, se o mesmo discurso médico as ensina a terem horror à gordura? Afinal, é com alarde que são divulgados, todos os dias, estatísticas que comprovam que vivemos uma epidemia da obesidade, assim como do colesterol, da hipertensão, diabetes, etc, sendo o maior vilão a comida. Também é com exaltação que são divulgados, a cada momento, programas, livros e revistas contendo dicas de dietas e de como emagrecer. E, embora seus defensores afirmem que, diferente dos *blogs* pró-ana e pró-mia, o discurso

⁵⁶ Lobotomia é a separação cirúrgica dos lobos frontais do cérebro, que leva a alterações no comportamento (principalmente “perda” da agressividade e da compulsão). Foi amplamente utilizada na década de 40, mas desde a década de 70 é proibida em vários países por ter sua eficácia e ética questionadas. Entretanto, segundo matéria publicada na Folha de São Paulo em 2003, no Brasil “outras cirurgias têm sido prescritas hoje (indiscriminadamente) para o tratamento de transtorno obsessivo-compulsivo, depressão e o que os médicos denominam genericamente de ‘agressividade’”. (LEITE e VALENTE, 2003)

propagado nesses meios preza pela alimentação saudável ou equilibrada, não é o que parece.

Os mesmos especialistas que criticam a radicalidade das meninas que recorrem às práticas estudadas são os que promovem programas de televisão como o *reality show* “Você é o que você come”, exibido no Brasil semanalmente pela GNT. Durante os episódios, uma pessoa que está acima do peso ou que possui hábitos alimentares ‘incorretos’ é incitada por médicos e nutricionistas a mudar radicalmente a sua alimentação (em relação à quantidade e à qualidade), a mudar seus hábitos físicos e a ver de forma negativa a forma e o peso do seu corpo. Também a mesma mídia que critica frequentemente os *blogs* citados, caracterizando-os como apologia aos distúrbios, não viu problema em divulgar, recentemente, o livro “Magra e Poderosa” (cujo título original é “Skinny Bitch”), das ex-modelos americanas Rory Freedman e Kim Barnouin. Utilizando expressões duras e grosseiras – parecidas com as utilizadas pelas anas e mias – as autoras explicam porque todos nós deveríamos aderir ao vegetarianismo. As resenhas do livro, no entanto, afirmam apenas que “elas contam segredos para obter um corpo de modelo, mas não esquecem do incentivo, e até mesmo da ‘bronca’, como forma de combater a falta de força de vontade e a desinformação”. Ou seja, as expressões (“vaca gorda”, “porcarias”, etc) são consideradas apenas “divertidas”.⁵⁷ Além disso, as vendas do “Magra e Poderosa” alavancaram no mundo inteiro após Victoria Beckham, notadamente uma anoréxica e cultuada como uma *thinspiration* pelas anas e mias na Internet, ter sido fotografada com um exemplar nas mãos. Numa reportagem sobre o livro no programa “Happy Hour”, exibido pela GNT⁵⁸, uma entrevistada afirma: “Puxa, então se é pra ficar poderosa como ela (Victoria), acho que o livro dá certo”. Ninguém então questiona sobre os conhecidos hábitos alimentares da ‘celebridade’.

Tudo isso acaba fortalecendo a crença das anas e mias de que seus hábitos fazem parte da escolha por apenas mais um estilo de vida, em meio à profusão de tantos outros. Não é raro elas se referirem aos pais, aos médicos e à sociedade como hipócritas, ou justificarem suas práticas comparando-as a outras como beber, fumar, etc. Com esses exemplos, não quero aqui sugerir que a existência do fenômeno analisado se deve a uma ‘culpa’ da sociedade ou simplesmente criticar as formas com que ele vem sendo tratado tanto pela mídia como pelos especialistas. Entretanto, cabe a reflexão sobre a

⁵⁷ Cf. www.submarino.com.br ou outros *sites* de vendas de livros pela internet.

⁵⁸ Apresentado no dia 10 de dezembro de 2007.

responsabilidade que temos em relação não só a esses distúrbios e a essas novas formas de exposição e cuidado de si, mas a tantos outros, tendo em vista que nós mesmos estamos intimamente envolvidos nessas novas maneiras de ser e também estamos nos tornando, diariamente, novos sujeitos, imersos nessas novas sociabilidades.

CONCLUSÃO

“Nós, os homens comuns, suportaremos a infinita tristeza do desamor? Seremos condenados a uma resignação estóica e cética, que dá sinal da mais profunda renúncia ao Outro? Dessa tristeza não queremos (eu; o Leitor comigo?) o corpo macerado. No mundo e pelo mundo con-fiamos: apostamos juntos. Ainda vige para nós a espera criadora, que é esperança. Julgamos merecer mais uma vez a vigorosa experiência do amor. ‘Temos então a fé, a esperança e o amor. Maior, no entanto, é o amor.’ (São Paulo, I Coríntios). – Esta pode ser uma bandeira para a guerra. Resta merecê-la.”

(Márcio Tavares D’Amaral. “Comunicação e Diferença: Uma filosofia de guerra para uso dos homens comuns”)

“Pois, se amardes os que vos amam, que recompensa haveis? (...) E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais?” (Mt 5, 46-47)

Pergunto-me, se, agora que me presto a tentar concluir esse trabalho, deveria tentar apresentar soluções ou apenas lançar reflexões (que, no entanto, possam vir a promover ações, senão, sentiria como se não tivesse valido a pena...). Creio que, diante do que os *blogs* pró-ana e pró-mia nos apresentaram e de suas implicações observadas, podemos propor um misto dessas duas coisas: a exposição de esboços de atitudes que a meu ver poderiam ser tomadas em relação a toda a problemática apresentada, e a sugestão apenas de questionamentos, que nos colocariam frente a um pensamento novo, capaz de suscitar, portanto, as atitudes imaginadas.

Entretanto, antes de qualquer coisa, cabe sintetizar o que vimos ao longo da dissertação e o que nos foi colocado enquanto problema. Podemos dizer que atualmente estamos passando por mudanças significativas no modo como agimos e naquilo que somos. Se olharmos para o passado recente, cerca de quatro ou cinco décadas atrás, observamos que viemos deixando de ser sujeitos fortemente ligados a uma interioridade psicológica, passando a sermos reconhecidos por aquilo que aparentamos ser ou expomos ao outro. Nesse caso, vimos o quanto as tecnologias foram (e são) importantes nesse processo, primeiro por permitirem essa exposição (no caso das tecnologias da comunicação) e, depois, por tornarem possível o conhecimento e a intervenção sobre nosso corpo (no caso das tecnologias biomédicas).

A partir disso, delineamos como nossas identidades foram se transformando em perfis bio-identitários; nossas relações sociais em biossociabilidades; nossas formas

ascéticas de libertação – ou sujeição – em bio-asceses (sujeições ainda mais sutis); nossa vida plena de sentido (ainda que esse sentido fosse muitas vezes seriamente questionado), em vida nua. As evidências concretas desses aspectos são muitas, mas optamos por escolher uma delas: os *blogs* pró-ana e pró-mia na internet. Vimos que muitas meninas, atualmente, resolvem aderir a práticas alimentares prejudiciais com a justificativa de terem optado por um estilo de vida que as faz encontrarem algum sentido, e expõem suas vidas no ciberespaço no intuito de divulgarem suas escolhas, assim como dar dicas e suporte a outros que porventura quiserem se juntar a elas.

As reações vindas de nós, que não fazemos parte desse grupo são as mais variadas: desde a ironia e a rejeição, passando pela proibição das práticas (ou de sua exposição, como ocorreu na Espanha, onde modelos magras demais não podem desfilar, e a proibição dos *blogs*, sugerida por diversos especialistas em matérias sobre o assunto)⁵⁹, até a tentativa de convencê-las de que o que fazem é perigoso. Entretanto, vimos também que, mesmo sem nos darmos conta, fazemos parte de outros grupos, que prezam pelos mesmos ideais, embora não suportem chegar às últimas conseqüências. Tendo percebido isso, não quero dizer que o modo como reagimos a esse e a outras situações limítrofes ou radicais, ou a maneira com que lidamos com as anas e mias, na busca por tratamento ou cura estejam ‘errados’. Acredito apenas que precisamos reconhecer que, muitas vezes, deixamos de enxergar o necessário, aquilo que precisa de fato ser mudado, em nome da ciência ou daquilo que nos dá prazer. Como afirmou Foucault (1975), “a cada movimento de um dos dois adversários corresponde o movimento do outro” (p.147), ou seja, o poder se apropria daquilo mesmo que julgávamos como sendo o lugar de resistência, o que quer dizer que, embora nossa intenção seja ajudar as anas e mias, pode ser que seja aí mesmo que se faz mais presente a incidência do poder contra elas. Entretanto, Foucault também diz que é preciso aceitar o indefinido da luta, o que nos sugere a reflexão sobre que é possível escolher novas armas e que tipo de luta podemos buscar empreender.

Paulo Amarante (2007), em seu livro sobre a luta antimanicomial, cita uma fábula oriental sobre um homem e uma serpente:

⁵⁹ Cf. FRUTUOSO, Suzane, PADILLA, Ivan e SEGATTO, Cristiane. **Por dentro da mente de uma anoréxica**. Matéria publicada na Revista Época, nº 444, de 20 de novembro de 2006; e INTRATOR, Simone. **Campanha Mundial contra a anorexia**. Matéria publicada na Revista do jornal O Globo. Ano 2, Nº 113, 24 de setembro de 2006.

Uma fábula oriental conta a história de um homem em cuja boca, enquanto ele dormia, entrou uma serpente. A serpente chegou ao seu estômago, onde se alojou e onde passou a impor ao homem a sua vontade, privando-o assim da liberdade. O homem estava à mercê da serpente: já não se pretencia. Até que uma manhã o homem sente que a serpente havia partido e que era livre de novo. Então dá-se conta de que não sabe o que fazer da sua liberdade: ‘No longo período de domínio absoluto da serpente, ele se habituara de tal maneira a submeter à vontade dela a sua vontade, aos desejos dela os seus desejos e aos impulsos dela os seus impulsos, que havia perdido a capacidade de desejar, de tender para qualquer coisa e de agir autonomamente.’ ‘Em vez de liberdade ele encontrara o vazio’, porque ‘junto com a serpente saíra a sua nova essência, adquirida no cativeiro’, e não lhe restava mais do que reconquistar pouco a pouco o antigo conteúdo humano de sua vida. (BASAGLIA apud AMARANTE, 2007, p.66)

O problema maior, agora, seria como fazer o homem voltar a viver, depois de paralisado pelo vazio deixado por aquele que o conduzia... Uma boa metáfora para o tempo em que vivemos, a partir da crise das disciplinas e do que vem sendo colocado neste espaço deixado por elas. Boa metáfora também para refletirmos, a exemplo de Amarante, sobre nossas atitudes e intervenções frente às anas e mias que parecem se esvaír, mas que, no entanto, parecem ansiar por esse desaparecimento. Ou seja, parecem buscar incessantemente por uma outra ‘serpente’ por não suportarem o vazio deixado pelo seu abandono (Não posso deixar de observar, ainda que em parêntesis, devido à figura utilizada na fábula, que, embora aqui ela possa ser referida a um outro momento histórico – o da modernidade – a necessidade de que ainda hoje sejam colocadas novas serpentes poderia ser comparada à ‘serpente’ definida por Gilles Deleuze (1992) ao discorrer sobre a sociedade de controle. Abandonados pela figura da toupeira, que para o autor remete às ‘dobras’, ‘crateras’ e profundidades da subjetividade moderna, estamos construindo – e sendo construídos por – uma subjetividade-serpente, que remeteria à superficialidade e à imaterialidade da sociedade contemporânea. Assim como sugere a fábula, o indivíduo da sociedade de controle caiu no perigo de assujeitar-se novamente – ainda que de modo mais sutil).

Gostaria de citar aqui o que me pareceu uma tentativa de suscitar algumas dessas reflexões recentemente, mas que foi rápida e fortemente recusada como incitação ao pensamento por nós, ávidos que estamos na busca por ‘serpentes’ para por no lugar da que se foi. Em setembro de 2007, Oliviero Toscani, fotógrafo famoso pelas campanhas da Benetton entre 1982 e 2000, quis promover uma maneira de chocar a sociedade, através de uma campanha-denúncia contra a anorexia (patrocinada por uma loja de roupas), em que *outdoors* mostrando uma modelo magérrima (fig.17) foram espalhados na Itália. No início,

até a ministra da saúde daquele país apoiou a iniciativa, no entanto, assim que as fotografias foram expostas, a população impôs que fossem retiradas por acreditarem que eram chocantes demais. É claro que, para as meninas que já optaram por serem anas e mias tal intervenção não traria muitos avanços. Aliás, algumas delas chegaram até a elogiar a modelo, dizendo que ela era, afinal, uma *thinspiration*. No entanto, aquilo que poderia suscitar outras reflexões e reações nossas (e dos especialistas, da mídia, etc), além do choque e indignação iniciais, não foi levado adiante. Atualmente, a modelo que posou para o fotógrafo também mantém um *blog*, só que para lutar contra a anorexia, embora ela admita que jamais deixou de ser anoréxica.



Figura 17

Apesar de termos visto, pela descrição do objeto, que ainda é um grupo específico que opta por esse ‘estilo de vida’ (mulheres, adolescentes, de classes média a alta), a proposta de democracia e inclusão exaltada em nosso tempo possibilita que, hoje, sejam incluídas no âmbito das práticas corporais categorias sociais antes alheias à possibilidade de opinar e agir sobre questões diversas (os jovens sobre a sexualidade e independência, os idosos sobre saúde e longevidade, as mulheres sobre o próprio corpo e autonomia, e até mesmo os homens, sobre sua aparência física e beleza). Assim, por exemplo, se por um lado, do jovem são exigidas expectativas, escolhas, desde sua definição sexual e sua aparência física até seu posicionamento no mercado de trabalho, por outro, os homens passam agora também a se preocupar com a própria beleza; aos idosos é sugerido que vivam uma velhice ativa e saudável e, das mulheres, exige-se que sejam não só mães e esposas, mas também trabalhadoras bonitas e bem-sucedidas. Todos devem buscar a

eficiência e a eficácia, seja física ou mental, a qualquer custo, o que traz uma série de conseqüências.

José Estramiana e Maria de Fátima Severiano (2006) associam aquilo que chamamos de ‘novos sintomas’ ou ‘novas patologias’ ao advento do narcisismo enquanto “fenômeno social e cultural” (p.41). Para eles, a atual ênfase do narcisismo se refere a uma mudança significativa nos padrões de clínica: de “neuroses sintomáticas” (histeria, neuroses obsessivas), teríamos passado para distúrbios frequentemente associados a “sentimentos de vazio e de falta de sentido, à incapacidade de relacionamento com o outro de maneira profunda e significativa, à hipocondria, às fronteiras difusas do ego e à falta de um sentimento coeso do eu” (p. 42). Ainda segundo os autores, esse individualismo não representaria um fortalecimento do ego (enquanto singularidade), mas uma estratégia de sobrevivência do eu diante das crises sociais, econômicas e culturais. Eles afirmam:

A cultura do narcisismo tratar-se-ia de uma cultura do “sobrevivencialismo” (Lasch, 1987), na qual os homens recuam para se ocupar de investimentos estritamente pessoais, ocorrendo um retorno à própria figura do amor retirado do mundo; uma auto-absorção no próprio eu. (ESTRAMIANA e SEVERIANO, 2006, p.43)

E se o objetivo é sobreviver a qualquer custo, o outro acaba por perder a importância. Denise Schittine (2004) termina seu livro falando da possibilidade do encontro com o outro em *blogs* na internet (coisa que não acontecia nos diários íntimos de papel, a menos que fosse publicado ou mostrado a alguém) e da participação desse outro na construção de si. Entretanto, vimos que na maior parte das vezes essa interação, longe de reconhecer o outro enquanto sujeito, longe de ser construída num diálogo ou simplesmente abrir espaço para o conflito e o aprendizado, só aceita o encontro e a participação do outro na medida em que este se coloca enquanto reflexo de si mesmo. Mais um aspecto do individualismo e do narcisismo, que só necessita do outro como confirmação e admiração do próprio eu.

Também o outro não é reconhecido quando, segundo Ortega (2005), “a ideologia da saúde e da perfeição corporal nos faz acreditar que uma saúde pobre deriva exclusivamente de uma falha de caráter, um defeito de personalidade, uma fraqueza individual, uma falta de vontade” (p.172). E, se cada um é responsável por seu próprio destino, caso um indivíduo sofra ou não alcance os ideais bio-ascéticos, se torna alvo de repulsa moral e

ostracismo social. Ou seja, seu sofrimento, visto que é fruto de sua própria culpa, não é reconhecido. Aí, portanto, não há espaço mais para a compaixão.

Obviamente isso não quer dizer que ninguém mais se preocupa com alguma coisa, ou que, no caso do fenômeno analisado, as anas e mias são incapazes de se relacionar com o outro que se coloca diante delas. Entretanto, o próximo já não é mais o sentido fundamental para que se queira ‘sair de si’. Perguntada sobre o que pensa diante dos problemas do mundo, Maria responde de forma muito diferente às antigas “santas anoréxicas”, que se dispunham a viver pelo bem comum: “Sim, vejo muita coisa errada mas infelizmente não posso fazer muita coisa pra ajudar. Eu gostaria, claro, mas é muito problema social e de desigualdade (sic).” Parece ser o que cada um de nós responderia hoje, diante da descrença e desmotivação social e política que nos envolve. Como afirma, ainda, Ortega (2005): “Não podendo mudar o mundo, tentamos mudar o corpo, o único espaço que restou à utopia, à criação” (p.173).

É a partir dessa dimensão dada ao outro que, acredito, podemos entender alguns valores da sociedade atual tais como a individualização, o narcisismo, a busca pela superação de limites individuais, o culto ao corpo e a aparência física, e a luta excessiva pelo autocontrole. E é porque esses valores também se mostram presentes nos *blogs* pró-ana e pró-mia, que podemos vê-los como uma forte evidência de transformações nas formas de ser e estar do sujeito contemporâneo. O que nos faz pensar que a sociedade contemporânea nos coloca desafios a enfrentar não só no âmbito do sujeito e suas novas práticas (e, até mesmo das novas patologias que decorrem a partir daí), mas de toda a sociedade, já que as implicações sociais produzidas pelo não reconhecimento do outro e da supervalorização de si podem ser muitas e perigosas.

Da constatação disso, no entanto, não gostaria que o trabalho terminasse num tom um tanto pessimista. Afinal, ainda que percebamos os perigos e os problemas advindos dessas novas formas de subjetividade e de cuidado com o corpo, podemos ainda pensar que essas novidades, ao contrário do que costuma parecer, possibilitam novos acontecimentos e encontros com o outro. Como afirma Pedro (1998), da percepção de que já não somos os mesmos talvez possamos “positivar o momento de crise como uma oportunidade para inventarmos novos modos de nos relacionar com o mundo” (p.12). Assim, em vez da busca freqüente por estilos de vida, através do consumo, poderíamos buscar não o retorno a uma diversificação “devida às classes sociais, diferenças de profissão, de níveis culturais”, etc (FOUCAULT, 1981), mas uma forma de relação que seria um “modo de vida”, algo

relacionado à amizade e, portanto, ao encontro com o outro, ainda que diferente, como propôs Foucault:

Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se parecem com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética. (FOUCAULT, 1998)

Sendo assim, me parece que um grande passo possível de ser dado em direção a essas meninas e também a nós já que, como elas, cada vez mais acabamos por destruir a nós mesmos e a nosso corpo em nome de valores e estilos de vida próprios, é tentar aproveitar as novas possibilidades tecnológicas e sociais para alcançar uma nova dimensão do cuidado: um cuidado amoroso, que preza pelo outro e não somente por si e que, portanto, permite a existência de mais do que novos estilos, novos “modos de vida”. Um cuidado que, mais do que atentar para que o corpo físico não morra, busca fazer deste corpo lugar da prática da liberdade.

Que significa cuidar do nosso corpo, assim entendido? Imensa tarefa. Implica cuidar da vida que o anima, cuidar do conjunto das relações com a realidade circundante (...). Cuidar do corpo significa a busca de assimilação criativa de tudo o que nos possa ocorrer na vida, compromissos e trabalhos, encontros significativos e crises existenciais, sucessos e fracassos, saúde e sofrimento. (BOFF, 1999, p.145)

Desse cuidado, eis que surge uma nova ética, inspiradora de novas práticas e valores que, talvez, prezem mais pela vida plena do que uma mera sobrevivência. Já não precisaremos, então, de serpentes que nos habitem, pois estaremos dispostos a sermos preenchidos, esvaziados e novamente preenchidos pelo outro, na medida em que se dê o encontro amigo. Como afirma Ortega (2007):

Em outras palavras, não utilizarmos o amigo para fortalecer nossa identidade, nossas crenças, isto é, “o que somos”, mas a possibilidade de concebermos a amizade como um processo, no qual os indivíduos implicados trabalham na sua transformação, na sua invenção. Diante de uma sociedade que nos instiga a saber quem somos, a descobrir a verdade sobre nós mesmos, e que nos impõe uma determinada subjetividade, esse cultivo da distância na amizade levaria a substituir a descoberta de si pela invenção de si, pela criação de infinitas formas de existência. A amizade é no fundo um “programa vazio”, outra denominação para uma relação ainda por criar, uma metáfora do aberto.

BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: O poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

AMARAL, Marcio Tavares d'. **Comunicação e diferença**: uma filosofia de guerra para os homens comuns. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond. O novo homem. In: _____. **Caminhos de João Brandão** (publicado originalmente no *JB*, 17/12/1967). José Olympio, 1970.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais — DSM-IV-TR**. Tradução C. Dornelles, 4ª ed., Texto Revisado. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002. [2000]

BALDANZA, Renata Francisco. A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. In: **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Intercom, Brasília, 2006.

BARNOUIN, Kim e FREEDMAN, Rory. **Magra e Poderosa**. Ed. Intrínseca, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Globalização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BEZERRA JR., Benilton. O normal e o patológico: uma discussão atual. In: PITANGUY, Jacqueline e SOUZA, Alicia Navarro de. (Orgs.) **Saúde, Corpo e Sociedade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, C.A. (Org.). **Transgressões**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: Ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOORSTIN, Daniel. **The image: a guide to pseudo-events in America**. New York: Vintage Books, 1992. [1961]

BRAY, Abigail. The anorexic body: reading disorders. In: **Cultural Studies** 10(3), p. 413-429. 1996.

BRUNO, Fernanda. **Do sexual ao virtual**. São Paulo: Unimarco, 1997.

_____. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. In: **Revista Famecos**: mídia, cultura, tecnologia. Número 24. Porto Alegre: PUC-RS, 2004.

_____. Quem está olhando? Variações do público e do privado em *weblogs*, *fotologs* e *reality shows*. In: **Contemporanea**, vol. 3, número 2, p.53-70. Julho/ Dezembro 2005.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Da família colonial à família colonizada (cap. IV). In: _____. **Ordem médica e norma familiar**. 2.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

DELEUZE, Gilles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: _____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

ESTRAMIANA, José Luis Álvaro e SEVERIANO, Maria de Fátima Vieira. **Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas**: uma análise psicossocial. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2006.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Tecnologias, memórias e esquecimento**: da modernidade à contemporaneidade. 2005.

Disponível em: http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_mf.pdf

Acesso em janeiro de 2007.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2004. [1987]

_____. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. [1977]

_____. **História da Sexualidade 3**: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 2005. [1984]

_____. Poder-corpo. [1975] In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. Soberania e Disciplina. [1976] In: _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. As técnicas de si. In: _____. **Dits et Écrits**, Vol. IV. Paris: Gallimard, 1994. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves.

Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/techniques.html>

_____. **De l'amitié comme mode de vie**. Entrevista de Michel Foucault a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux, publicada no jornal Gai Pied, nº 25, abril de 1981, pp. 38-39. Tradução de wanderson flor do nascimento. Disponível em: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>

FREIRE-FILHO, João. Em cartaz, as garotas superpoderosas: a construção discursiva da adolescência feminina na revista Capricho. In: **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos, VIII, p. 102-111. Unisinos, maio/ agosto 2006.

FREUD, S. Sobre o Narcisismo: uma introdução. In: **Obras completas de Sigmund Freud**, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FRUTUOSO, Suzane, PADILLA, Ivan e SEGATTO, Cristiane. **Por dentro da mente de uma anoréxica**. Matéria publicada na Revista Época, nº 444, de 20 de novembro de 2006.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

HALES, Robert E.; YUDOFKY, Stuart C. Eating Disorders. In: _____. **Essentials of Clinical Psychiatry**. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. [1992]

HEWITT, Hugh. **Blog**: Entenda a revolução que vai mudar seu mundo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2007.

HOFF, Tânia. O corpo imaginado na publicidade. In: **Cadernos de Pesquisa - ESPM / Escola Superior de Propaganda e Marketing**. Vol. 1, número 1 (maio/junho de 2005). São Paulo: ESPM, 2005.

INTRATOR, Simone. **Campanha Mundial contra a anorexia**. Matéria publicada na Revista do jornal O Globo. Ano 2, Nº 113, 24 de setembro de 2006.

JAGUARIBE, Beatriz. Realismo sujo e experiência autobiográfica. In: BRUNO, Fernanda e FATORELLI, Antonio. (Orgs.) **Limiares da imagem: tecnologia e estética na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

LEITE, Pedro Dias e VALENTE Rubens. **Cirurgia psiquiátrica é feita sem controle**. Matéria publicada no jornal A Folha de São Paulo, em 29 de setembro de 2003.

Disponível em: <http://www.pol.org.br/noticias/materia.cfm?id=22&materia=119>

LEMONS, André. **A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet**. 2002.

Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2002/T3G4.PDF>

Acesso em janeiro de 2008.

LINHARES, Juliana. **Anorexia, ela fez mais uma vítima**. Matéria publicada na revista Veja, ano 39, nº 46, de 22 de novembro de 2006.

MELCHIOR, Laila e MELLO, Mariana. **Obsessão da Moda**. Matéria publicada no site Olhar Vital. Edição 082, 24 de maio de 2007.

Disponível em: http://www.olharvital.ufrj.br/2006/index.php?id_edicao=082&codigo=4

OGDEN, Jane. **The psychology of eating: from healthy to disordered behavior**. London: Blackwell Publishing, 2003.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas**. Tradução D. Caetano, 4ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. [1992]

ORTEGA, Francisco. Da ascese à bio-ascese: ou do corpo submetido à submissão do corpo. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz e VEIGA-NETO, Alfredo. (Orgs.) **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. O corpo transparente: visualização médica e cultura popular no século XX. In: **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. 13 (suplemento), p. 89-107, outubro 2006.

_____. **Por uma ética e uma política da amizade**. 2007. Disponível em: Disponível em:

<http://www.sescsp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/95.rtf>

PATTO, Maria Helena Souza. Teoremas e cataplasmas no Brasil monárquico: o caso da medicina social. In: _____. **Mutações do Cativo: escritos de psicologia e política**. São Paulo: Hacker Editores/ Edusp, 2000

PASSOS, Eduardo. **A relação entre cognição e artifício no contemporâneo: os limites do humano**. 2002. Disponível em:

http://www.slab.uff.br/exibetexto2.php?link=.%2Ftextos%2Ftexto12.htm&codtexto=12&cod=12&nome_autor=&tp= Acesso em janeiro de 2008.

PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Cognição e tecnologia: entre natureza, cultura e artifício. In: **Série Documenta**, ano VI, nº 9, 1998.

PELBART, Peter Pál. **Vida nua, vida besta, uma vida**. 2006.
Disponível em: <http://pphp.uol.com.br/tropico/html/textos/2792,1.shl>
Acesso em janeiro de 2008.

PUGET, Janine. Novos sintomas ou novas patologias. Que entendemos por nuevo? In: **Boletim Científico do Simpósio Anual da SBPRJ** – Novas Subjetividades, Novos Sintomas, Novas Patologias. 27 de novembro de 2004. Arte SESC, Rio de Janeiro.

RECUERO, Raquel. (2005a) **Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no orkut e nos weblogs**. 2005.

Disponível em: http://www.comunica.unisinos.br/tics/textos/2005/2005_rr.pdf

Acesso em janeiro de 2007.

_____. (2005b) Comunidades em redes sociais na internet: um estudo de uma rede *pró-ana* e *pró-mia*. In: **Faro**, Valparaíso, v.1, n.2, 2005.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

ROSE, Nikolas. Inventando nossos eus. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 137-204.

SCHITTINE, Denise. **Blog: Comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHWARTZ, Vanessa. The Presse à Grand Tirage. In: **Spectacular realities: early mass culture in Fin-de-Siècle Paris**. Berkeley: University of California Press, 1999.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **A vida como relato nos blogs: mutações no olhar introspectivo e retrospectivo na conformação do 'eu'**. 2004.

Disponível em: <http://www.ces.fe.uc.pt/lab2004/pdfs/PaulaSibilia.pdf>

Acesso em junho de 2007.

_____. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício do corpo-imagem contemporâneo. In: **Revista Famecos: mídia, cultura, tecnologia**. Número 25. Porto Alegre: PUC-RS, 2004.

_____. Etéreas prisões do corpo: da alma (analogica) à informação (digital). In: CRUZ, Nina Velasco e QUEIROZ, André. (Orgs.) **Foucault hoje?** Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

_____. Imagens do corpo perfeito: o sacrifício da carne pela pureza digital. 2007. In: **Cadernos da Pós-graduação do Instituto de Artes**, vol.7. Campinas: Ed. UNICAMP, 2008. (No prelo)

TUCHERMAN, Ieda. Michel Foucault, hoje ou ainda: do dispositivo de vigilância ao dispositivo de exposição de intimidade. In: CRUZ, Nina Velasco e QUEIROZ, André. (Orgs.) **Foucault hoje?** Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

VAZ, Paulo. Um corpo com futuro. In: PACHECO, A.; COCCO, G. e VAZ, P. (Orgs.) **O trabalho da multidão**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002, v.1, p. 121-146.

_____. **Corpo e Risco**. 2002.

Disponível em www.pos.eco.ufrj.br/disciplinas/file.php/55/minhas_publicacoes/pvaz5.pdf

Acesso em maio de 2006.

VIGARELLO, Georges. **Histoire des pratiques de santé**: le sain et le malsain depuis le Moyen Age. Paris: Éditions du Seuil, 1999. [1993]

WEINBERG, Cybelle e CORDÁS, Táki Athanassios. **Do altar às passarelas**: da anorexia santa à anorexia nervosa. São Paulo: Annablume, 2006.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao Deserto do Real**. São Paulo, Boitempo, 2003.

Blogs pesquisados:

<http://www.anamiadiva.weblogger.terra.com.br/>

<http://lifedesaire.zip.net/>

<http://anaminhavida.zip.net/>

<http://vidadeanna.zip.net/>

<http://cantodalegalmentemorenaanaemia.uniblog.com.br/>

<http://fandescorpions.zip.net/>

<http://annamiapaixao.blog.terra.com.br/>

<http://ana4life.zip.net/>

http://z004.ig.com.br/ig/03/52/114932/blig/aninha_mia/

<http://universo-particular.zip.net/index.html>

http://dear_anna.zip.net/

<http://amoamia.zip.net/>

<http://anorexianervosa.weblogger.terra.com.br>

<http://lifeanamia.zip.net/>

Sites:

www.google.com.br

www.youtube.com

<http://pro.anna.zip.net/>
(carta da Ana)

<http://cartadamia1000.weblogger.terra.com.br/index.htm>
(carta da Mia)

<http://isabellecomedienne.vox.com/profile/>
(blog da modelo que posou para Oliviero Toscani)

http://www.psiquiatria.ufrj.br/pesq_obesidade.htm
(informações sobre o Grupo de Obesidade e Transtornos Alimentares (GOTA), do IEDE - IPUB/UFRJ)

<http://www.ambulim.org.br/>
(site do Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares (AMBULIM) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo)

<http://www.iesc.ufrj.br/>
(site do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva (IESC) da UFRJ)

www.edap.org
(site da Associação Internacional de Distúrbios Alimentares)

www.anaymia.com
(site contra os transtornos alimentares, patrocinado por diversas instituições espanholas)

<http://helpannamia.weblogger.terra.com.br>
(blog contra os transtornos alimentares que contém informações de cursos, vídeos, etc)

<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>
(Blog do Noblat)

Vídeos:

THIN - Documentário sobre anorexia e bulimia (HBO).
Direção: Lauren Greenfield
Disponível no You Tube:

<http://www.youtube.com/watch?v=9uVACGY6JK0> (Parte 1)
<http://www.youtube.com/watch?v=CfXwlbNP0o> (Parte 2)
<http://www.youtube.com/watch?v=X7dn5ug18iQ> (Parte 3)
<http://www.youtube.com/watch?v=CX6feLCrEFo> (Parte 4)
<http://www.youtube.com/watch?v=3qzYrMj28w0> (Parte 5)
<http://www.youtube.com/watch?v=AQVcxMdR8cM> (Parte 6)
http://www.youtube.com/watch?v=v_BaIMfvFow (Parte 7)
<http://www.youtube.com/watch?v=1xHrkKunm6Y> (Parte 8)
<http://www.youtube.com/watch?v=xr-QeIie5hE> (Parte 9)
<http://www.youtube.com/watch?v=dKlYMWzW7Es> (Parte 10)
<http://www.youtube.com/watch?v=s5BJJDuyLEo> (Parte 11)
http://www.youtube.com/watch?v=m_ntciBBFTY (Parte 12)
<http://www.youtube.com/watch?v=IFpmcZTpg-E> (Parte 13)
<http://www.youtube.com/watch?v=d1MEFRBZ1fc> (Parte 14)

Matéria sobre o livro “Magra e Poderosa”.
Exibida em 10/12/2007 no programa Happy Hour, da GNT:

<http://video.globo.com/Videos/Player/Entretenimento/0,,GIM764370-7822-MAGRA+E+PODEROSA,00.html>